



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA CONDIÇÃO HUMANA –  
PPGECH**

**JOSÉ GEOVÂNIO BUENOS AIRES MARTINS**

**ALÉM DA DIVERSIDADE: LITERATURA INFANTOJUVENIL COMO HORIZONTE  
DE HUMANIZAÇÃO**

**SOROCABA  
2023**

JOSÉ GEOVÂNIO BUENOS AIRES MARTINS

**ALÉM DA DIVERSIDADE: LITERATURA INFANTOJUVENIL COMO HORIZONTE  
DE HUMANIZAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana da Universidade Federal de São Carlos – *Campus* Sorocaba, em linha de pesquisa Sujeitos de Discursos, Narrativas e Mobilidades, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Condição Humana.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Antônio Gatti.

SOROCABA

2023

Martins, José Geovânio Buenos Aires

Além da diversidade: literatura infantojuvenil como  
horizonte de humanização / José Geovânio Buenos Aires  
Martins -- 2023.  
144f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São  
Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba  
Orientador (a): Márcio Antônio Gatti  
Banca Examinadora: Viviane Melo de Mendonça, Carlos  
André Ferreira, Juscelino Francisco do Nascimento  
Bibliografia

1. Orientação sexual. 2. Identidade de gênero. 3.  
Didatismo. I. Martins, José Geovânio Buenos Aires. II.  
Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática  
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano - CRB/8  
6979



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

Centro de Ciências Humanas e Biológicas  
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana

---

**Folha de Aprovação**

---

Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato José Geovânio Buenos Aires Martins, realizada em 24/02/2023.

**Comissão Julgadora:**

Prof. Dr. Márcio Antônio Gatti (UFSCar)

Profa. Dra. Viviane Melo de Mendonça (UFSCar)

Prof. Dr. Carlos André Ferreira (SEESP)

Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento (UFPI)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana.

Para meus pais, a quem devo tudo.

Para Maria Greuvânia Buenos Aires Martins, Germânio Buenos Aires Martins,  
Gustavo Buenos Aires Lima, Wilson Antônio Lima Santos e Ricardo Hirata Ferreira.

Agradeço ao universo por tê-los comigo nesta vida terrestre.

## AGRADECIMENTOS

### *Homenagens*

*A vocês, grandes amigos, que me encheram de alegria  
E iluminaram a estrada em que as pedras do caminho  
Ficaram expostas, assim como pude ver cada espinho,  
Caminhei em segurança, pois a noite fez-se dia.*

*A vocês, pais veneráveis, que em tudo o que puderam  
Não pensaram duas vezes e me deram diariamente  
As forças para vencer e sair alegremente  
A cantar por este mundo muito feliz, como quiseram.*

*A vocês irmãos amigos, que nunca deixaram a torcida,  
Para eu nunca ficar sozinho e o medo me impedir  
De vencer os obstáculos, mas da luta desistir,  
Nunca me abandonaram na arquibancada da vida.*

*A vocês, familiares, todos numa só formação,  
Falando a mesma língua, querendo me ajudar,  
Se eu sou vitorioso é porque pude contar  
Com os que me querem bem, fortes e sem dilação.*

*A vocês, que já se foram, mas deixaram sua memória  
Que orgulha os que choram por sofrer tanta saudade,  
Pois quem ficou deste lado recorda a felicidade  
Desse legado bonito eternizado na história.*

*[...]*

*A vocês, meus professores, que muito me ensinaram,  
Tiveram a paciência até de me domesticar,  
Eu aprendi, podem crer, e agora posso ensinar  
Às pessoas o que vocês na vida me repassaram.*

*[...].*

**(João Batista Lima dos Santos).**

Como diz João Batista Lima dos Santos (Professor Pimenteirense), minha homenagem vai para os que “não me abandonaram na arquibancada da vida”. Acho importante começar agradecendo aos Espíritos de Luz, pois como espírita kardecista, sinto em minha alma uma presença Sobrenatural que me manteve de pé ao longo destes dois anos de caminhada. Obrigado aos meus Irmãozinhos Superiores pela inspiração, pela paciência em lidar com as partidas, os enjoos durante as pontes aéreas do Aeroporto Senador Nilo Coelho, em Petrolina-PE, para o Aeroporto Internacional Governador André Franco Montoro, em Guarulhos-SP, para cumprimento de datas, escrita e reescrita da versão final da minha dissertação de mestrado.

Ao Prof. Dr. Márcio Antônio Gatti, meu orientador, docente extraordinário pela sua competência, dedicação e zelo. Obrigado Prof. Dr. Márcio Antônio Gatti, pois creio que este itinerário foi mais uma das boas ações do Universo Espiritual. Minha palavra sublime é de GRATIDÃO. Gratidão pelas inúmeras sugestões, pelo zelo com que me tratou sempre, pela paciência em me ouvir quando mais precisei, pela credibilidade no meu projeto quando o mesmo só era uma pequena proposta de dissertação. “Eu aprendi, podem crer, e agora posso ensinar”.

Aos demais docentes do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana (PPGECH), pela capacidade técnica, pedagógica e intelectual de cada um de vocês. “Se eu sou vitorioso é porque pude contar” com a dedicação ilimitada de grandes mestres da UFSCar, Campus de Sorocaba.

À ex-secretária do mestrado em Estudos da Condição Humana, Regina Lucia Martins Batista. Sem ela, não conseguiria sanar minhas dúvidas acerca dos inúmeros documentos e termos, uma exigência do programa. Posso dizer que é alguém especial, pois sempre mostrou empatia. “Falando a mesma língua, querendo me ajudar”.

Aos colegas da 2ª turma do mestrado em Estudos da Condição Humana, da Universidade Federal de São Carlos, pela receptividade carinhosa, pelo apoio, pelas risadas e pela maturação do conhecimento ao longo da jornada, especialmente a Camila Fontenele de Miranda, Douglas William Oliveira Knop Vicentin, Elisângela Maria Thomazini, Fernanda Ikedo e Maria Eliane de Campos Tróia, pois a caminhada tornou-se leve ao lado de vocês, inclusive, sabendo que tudo está em constante movimento, carinhosamente me despeço de vocês com a certeza de que nossa amizade não será apagada pela distância geográfica.

A Universidade Federal de São Carlos, pela oportunidade ímpar. “Obrigado, Senhor... obrigado, Senhor... obrigado, Senhor” (*Obrigado, Senhor, Espírita*).

Aos colegas do NEGDS – Núcleo de Estudos de Gênero, Diferenças e Sexualidades, pelas brilhantes explanações, pela organização, preocupação e troca de conhecimentos sobre gênero, em especial, à Profa. Dra. Viviane Melo de Mendonça e a Profa. Dra. Kelen Christina Leite, pelas interlocuções e pela acolhida venerável.

A Diana Siqueira Liberatti, como sempre adorável, conselheira, uma sintonia sem igual. Obrigado pela acolhida, pelas risadas, pela troca de experiências, pelos

livros, PDFs e pelas nossas frustrações sempre compartilhadas, sem você a UFSCar-So não teria o mesmo encanto.

Agradeço a Daiana de Moura Bernardes Coelho (Daia) e Pâmela Keiti Baena, pelo olhar atento para com o meu progresso no mestrado, fica o meu “obrigado” repleto de admiração e respeito.

Agradeço a Fabíola de Carvalho Jardim, pelo encontro, carinho e torcida constante nestes últimos doze meses da pesquisa. “Se há quem se encontre, se aceite, se abrace há sempre esperança a cantar” (*A esperança tem voz*, Pe. Antônio Maria).

Às minhas ex-alunas de Remanso, Bahia, como sempre, presentes e na vibração positiva, em especial, Claudete, Elza, Jêime, Raimunda, que conseguiram perceber o meu cansaço e respeitar minhas ausências, inclusive em datas especiais.

A cada discente e ex-discente meu, de Picos, Piauí, pois foram movimentos difíceis ao longo de dois anos, mas necessários para a construção da minha dissertação de mestrado. Obrigado pelo apoio, pelo carinho e pelo incentivo.

Os meus agradecimentos à Profa. Ana Patrícia de Souza Gonçalves, esposa de Roberto Gonçalves (Empresa de Correios e Telégrafos). Sem você, não teria conseguido se quer concluir minha graduação. Obrigado por cada palavra de incentivo, por cada refeição paga na cantina da Gloriosa UFPI.

Ao amigo, Prof. Esp. Rinaldo José da Silva e sua esposa Profa. Esp. Ana Paula de Oliveira Souza e Silva (UNINTER, Picos e São Raimundo Nonato, PI), parceiros de longa jornada e amicíssimos leais, com quem continuamente pude contar.

Ao Prof. Ms. Jean Douglas Moura dos Santos da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), pois ao seu lado eu aprendi a fazer pesquisa transdisciplinar.

Ao Prof. Dr. Evandro Alberto de Sousa da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), por tudo que nos aproxima cada vez mais na Ciência, na Espiritualidade e na irmandade. Sem você sou “avião sem asa [...] Piu-Piu sem Frajola” (*Fico assim sem você*, Adriana Calcanhotto).

À Profa. Dra. Janaína Alvarenga Aragão da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), minha amiga, pelo carinho e preocupação explícita em cada ligação ou mensagem de *WhatsApp*, pessoa de luz. “Amigos para sempre é o que nós iremos ser / Na primavera ou em qualquer das estações” (*Amigos para sempre*, Jayne).

À Profa. Me. Polyhanna Ruth Gomes dos Santos da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), por sempre me ouvir e apresentar soluções responsáveis para o meu crescimento pessoal, profissional e acadêmico. Conversar com você me traz harmonia espiritual. “É nossa missão, ajudá-lo a vencer a batalha triunfal contra a escuridão” (*O Consolador Prometido*, Cancioneiro Espírita). O trecho descreve nossa missão.

À Profa. Maria do Carmo Martins Lopes, da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), uma prima querida, amiga, confidente, incentivadora. Saiba que sempre me inspirei em você. Sou fã! Grato pelas sugestões para melhoria do meu texto. “Família é pra hoje, pra agora e pra vida inteira” (*Família*, Fábio Jr).

Ao meu amigo e Prof. Dr. Welbert Feitosa Pinheiro (Beto), da Universidade Federal do Piauí, que tanto me incentivou a fazer o mestrado. E mais, mostrou ao menino recém-chegado do interior, suas chances de progressão para além de um curso de graduação na UFPI. “Como um anjo / Você apareceu na minha vida” (*Como um anjo*, César Menotti e Fabiano), pois não tive o privilégio de ser seu aluno.

Ao meu amigo e Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento, da Universidade Federal do Piauí, por todas as oportunidades na Gloriosa UFPI. Obrigado pela força e torcida de sempre. Que essa familiaridade possa render bons frutos, sempre.

Ao amigo e Prof. Ms. Luiz Egito de Souza Barros, da minha época de graduação, por todos os conselhos sábios, pelas sacudidas condignas durante a realização do meu curso na UFPI, como também no meu trajeto profissional e acadêmico. “Eu vi pela janela a solidão / E fui filtrando a quantidade de saudade” (*Café pra um*, Fernando Amador e Felipe Amador).

À amiga e Profa. Maria Walnis Nunes Gonçalves (Gatinha), da Universidade Federal do Piauí, pelos vales-transportes, pelos lanches, pelo carinho, pelos abraços, pelas risadas, pela nobreza de seus conselhos. “Gente boa é lembrança / Onde possa encontrar abrigo” (*Gente bonita*, Fióti).

Ao amigo e Prof. Dr. Lourenilson Leal de Sousa (Nilsinho), do Instituto Federal do Piauí, por acreditar em um menino do interior, explicitamente diferente, acrescentando-se que, talvez, você tenha sofrido com as críticas, portanto tudo deu certo, pois sua confiança no meu desempenho profissional me fez voar, voar e voar. Obrigado por tudo, meu velho amigo – gratidão! “Na escuridão, no vazio há amizade

/ A velha amizade / Esboça um país mais real / Um país mais que divino” (*Falou, amizade*, Caetano Veloso).

Ao Prof. Dr. Ricardo Hirata Ferreira, da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (SEESP), por todos os afetos e por me ouvir nos momentos que mais precisei. “Eu não te amo como ontem, amo mil vezes mais”. (*Te amo e nada mais*, João Neto e Frederico).

Ao meu pai, Virgílio Buenos Aires de Moura, homem de poucas letras, mas que não mediu esforços para eu chegar até aqui. Sei que não foi fácil para ninguém, pois abdicamos do conforto patrimonial, dos almoços em família, dos encontros e reencontros, logo foi uma grande ousadia para alguém saído do interior do Piauí. Minha oração é de agradecimento pela sua vida, pois o senhor é um homem de uma força surreal. Aproveito para pedir desculpas pelas raras visitas e pelas vezes que estive trancado no interior do meu quarto estudando para o mestrado. Meu tempo estava preenchido pela pesquisa. “Pai eu te amo, meu coração bate forte por ti” (*Homenagem ao meu pai*, Geraldo e Joel).

À minha mãe adorável, Hilda Lopes Martins de Moura, por me acolher em seu ventre, pois sei que nada é por acaso. Meu momento é de evolução espiritual. Obrigado, mãezinha, por cada oração, por cada gesto de amor. A senhora é a única mulher que pretendo amar incondicionalmente neste plano material. Tento ser um retrato da sua dedicação magisterial. Gratidão pelo apoio financeiro, por acreditar e incentivar. Esta conquista também é sua, pois a senhora acreditou na minha capacidade intelectual ao reconsiderar que não se pode desandar. “Amor tão puro amor... / Tão raro” (*Mãe*, Fábio Jr).

Os meus agradecimentos ao meu irmão biológico, Germânio Buenos Aires Martins, que tanto amo. A vida sem você seria um verdadeiro tédio. Obrigado por se preocupar sempre comigo. Nosso amor é recíproco e no temperamento perfeito aos olhos da Espiritualidade. Lembro de sua preocupação ao me ver acordado pela madrugada. Essa sua aflição dava-me energia para seguir em frente, pois aos meus olhos estava a verdadeira prova de amor gratuito e incondicional, “[...] assim como pude ver cada espinho, caminhei em segurança, pois a noite fez-se dia”.

À minha irmã biológica Maria Greuvânia Buenos Aires Martins, e seu esposo Wilson Lima, por se alegrarem com minhas conquistas e pela acolhida de sempre no seu apartamento. Um salve para as pedagogas, pois pude contar sempre com o

juízo competente de irmã e profissional. Gratidão ao casal, porque “muito me ensinaram”.

Ao meu sobrinho, Gustavo Buenos Aires Lima, pelo júbilo da inocência com que dizia “oh, oh..., ao empurrar o seu carrinho em cima dos meus livros”. Titio tem uma dívida enorme com você, pois quase não aproveitei o enlevo da sua infância. Nossa história vem de outras vidas, pois você me traz inspiração e tranquilidade para os dias cinzentos. “Promete ser pra sempre o meu menino / Me deixar cantar pra te fazer dormir / Que eu prometo que vou te cuidar para sempre / Eu te amo infinito, meu guri” (*Promete*, Ana Vilela).

A Luiz Gomes Ferreira, meu segundo pai, obrigado por abrir as portas de sua casa para um desconhecido. “O amor mora ali e se chama família” (*É bom ter família*, Pe. Antônio Maria).

A Massako Hirata Ferreira, minha segunda mãe, sempre atenta e preocupada comigo, obrigado pelas refeições, abraços, hospedagens e orações, cujo apoio tornou isso possível. “Nela se faz a paz no ouvir, no falar” (*É bom ter família*, Pe. Antônio Maria).

Ao meu tio, Vicente de Paula Buenos Aires e sua esposa Lêda Almondes, que tanto me ajudaram na realização do sonho da graduação e seguiram me incentivando. Obrigado, tio e tia, por se fazerem tão presentes na minha história de vida. Namastê.

Aos meus tios, tias, Afonso Martins Lopes, Cícero Gonçalves (*in memoriam*), José Silva Moura, Paulo Buenos Aires, Raimundo Buenos Aires, Edvam Leite Buenos Aires, Divina Buenos Aires de Moura, Gardênia Pinheiro, Maria Madalena de Moura Martins, Maria Helena Lopes Martins, sem vocês, qualquer passo seria inviável.

As famílias Hirata e Ferreira, em especial, tio Aurélio, tia Ana Ferreira, tia Cecília Ferreira, pelo acolhimento, amor e oportunidade de ser continuidade. Esse (re)encontro de almas mudou minha direção. “Sei que comigo caminha também” (*Bem aventurado caminho*, Pe. Antônio Maria).

Agradeço a Maria Lúcia Moura de Carvalho, Leonardo Moura de Carvalho e Marcelo Silva Moura, meus primos queridos, pela preocupação, caronas, acolhimento, churrascos, risadas, abraços e passeios pela Avenida Paulista, Parque Ibirapuera e Jardim Botânico Irmãos Vilas Boas.

Ao Divino Valeriano de Carvalho, por toda atenção dedicada a mim, acolhimento e idas e vindas dos terminais de embarque e desembarque da grande São Paulo. A você, minha gratidão eterna pelos abraços apertados, torcida, confiança e incentivo.

Ao meu amigo-irmão Clodoaldo Aparecido Barboza Filho, pela amizade sincera, por me ensinar a ter leveza na luta diária. “Eu vou nas asas do vento veloz, cantar: a esperança tem voz (*A esperança tem voz*, Pe. Antônio Maria).

Ao meu amigo Tiago A. Rodrigues, pela amizade de irmão, pelo suporte que a mim foi dado, o meu muito obrigado. “Vale mais que o ouro, mais que a prata que brilha” (*É bom ter família*, Pe. Antônio Maria).

Agradeço ao meu melhor amigo, Paulo Alves de Oliveira, por sempre cuidar de mim e por me ensinar a viver no mundo das (in)diferenças, no nosso caso, na época do ginásio. Nesse meio tempo, muita coisa aconteceu, mas sempre serei grato por ter me ajudado na travessia da violência estrutural. “Sempre existe uma fresta por onde sopra a brisa” (*Onde bate o sol*, Luis Aranha).

Aos amigos, Adauto Neto Fonseca Duque, Elvis Gomes Marques Filho, Francisco Leonardo da Silva, Laéssio Alvarenga Aragão, Manoel Cícero Ribeiro Júnior, Maria de Fátima Guimarães Cruz, Matheus Reis Gomes, Virna Rodrigues Leal Moura, porque “Felicidade é saber que tenho [o amor de vocês]” (*Felicidade*, Seu Jorge).

Ao quarteto de professores doutores Carlos André Ferreira (Secretaria de Educação do Estado de São Paulo), Viviane Melo de Mendonça (PPGECH-UFSCar), Juscelino Francisco do Nascimento (PPGEL-UFPI) e Josefina de Fatima Tranquilin Silva (Associação Ritmos do Pensamento Educacional, Artístico, Cultural e Ambiental), pelas ricas intervenções no meu texto de qualificação, realizado em agosto de 2022. Minha eterna gratidão pela maneira com que conduziram o processo de arguição, contribuindo com o andamento da pesquisa.

Agradeço aos membros da banca de defesa pública, Prof. Dr. Márcio Antônio Gatti (UFSCar), Profa. Dra. Viviane Melo de Mendonça (UFSCar), Prof. Dr. Carlos André Ferreira (Secretaria de Educação do Estado de São Paulo), Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento (UFPI), Profa. Dra. Carla Alexandra Ferreira (UFSCar) e Prof. Dr. Ricardo Hirata Ferreira (Secretaria de Educação do Estado de São Paulo), por gentilmente aceitarem o convite para a avaliação final desta dissertação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por me proporcionar a conclusão deste sonho, concedendo a bolsa de estudos durante o último ano de minha pesquisa.

Por fim, aos que aspiram com uma democracia plural, sem o julgamento de identidades sexuais ou de gênero, aqui importa lembrar o poema: *Certas Palavras*, de Carlos Drummond de Andrade.

Certas palavras não podem ser ditas  
em qualquer lugar e hora qualquer.  
Estritamente reservadas  
para companheiros de confiança,  
devem ser sacralmente pronunciadas  
em tom muito especial  
lá onde a polícia dos adultos  
não adivinha nem alcança.

Entretanto são palavras simples:  
definem  
partes do corpo, movimentos, atos  
do viver que só grandes se permitem  
e a nós é definido por sentença  
dos séculos.

E tudo é proibido. Então, falamos.

Identificar o outro pelas diferenças.  
Identificar a mim mesmo pelo que não sou.  
Reconhecer o outro pela descontinuidade daquilo que penso que sou.  
Como sou? Qual sou?  
Estou pensando em um corpo 'caixa'.  
Não pela forma (quadrada e aparentemente dura), antes, pela funcionalidade da  
estrutura: guardar.  
Não penso num corpo recipiente, que tudo abriga, como se não fosse rasgado pelas  
mediações.

(Daniel Silva Aires).

## RESUMO

A partir de *Flor e Rosa: uma história de amor entre iguais* (2011), *O Amor não escolhe sexo* (2010), *O menino que brincava de ser* (2000) e *Olívia tem dois papais* (2010), procurou ser investigado o didatismo construído pelas narrativas literárias, trazendo-se para o discurso o processo de humanização promovido por meio da literatura explicitado por Antonio Candido (2004), ocupando-se sobretudo das falas das personagens, o que implica, por exemplo, discutir orientação sexual e identidade de gênero, para reconhecer a interface literatura e sociedade. Dessa forma, é possível observar uma série de estereótipos e contrapontos didáticos do corpus analisado a partir das falas das personagens, uma vez que existe uma denúncia da violência contra a população LGBT. Trata-se de uma revisão bibliográfica que leva em consideração os estudos de gênero e a crítica literária, sendo aplicado o método interpretativo de Fabio Akcelrud Durão (2020). A interpretação parte das falas das personagens, levando em consideração sua associação com os estereótipos típicos da discriminação social LGBT, na tentativa de discutir o didatismo das obras literárias. Partindo desses elementos, a dissertação mostra como as narrativas literárias, de maneira implícita e explícita, buscam apresentar de maneira positiva o tema LGBT.

Palavras-chave: Orientação sexual; identidade de gênero; didatismo; humanização; literatura infantojuvenil brasileira.

## ABSTRACT

As of *Flor and Rosa: a love story between equals* (2011), *The Love does not choose sex* (2010), *The boy who played at being* (2000) and *Olívia has two daddies* (2010), tried to be investigate the constructed didacticism by literary narratives, bringing to the discourse the process of humanization promoted through literature explained by Antonio Candido (2004), dealing mainly with the speeches of the characters, which implies, for example, discussing sexual orientation and gender identity , to recognize the interface between literature and society. In this way, it is possible to observe a series of stereotypes and didactic counterpoints of the corpus analyzed from the speeches of the characters, since there is a denunciation of violence against the LGBT population. This is a bibliographical review that takes into account gender studies and literary criticism, applying the interpretive method of Fabio Akcelrud Durão (2020). The interpretation starts from the speeches of the characters, taking into account their association with typical stereotypes of LGBT social discrimination, in an attempt to discuss the didacticism of literary works. Based on these elements, the dissertation shows how literary narratives, implicitly and explicitly, seek to present the LGBT theme in a positive way.

Keywords: Sexual orientation; gender identity; didacticism; humanization; Brazilian children's juvenile literature.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Imagens 1</b>	Condenados por homossexualidade.....	29
<b>Imagens 2</b>	O ponto de vista europeu sobre os povos originários do Brasil, de Theodor de Bry.....	37
<b>Imagem 3</b>	Obras LGBT's consagradas como o grande alicerce literário brasileiro.....	59
<b>Imagem 4</b>	<i>Flor e Rosa: uma história de amor entre iguais</i> .....	81
<b>Imagem 5</b>	<i>O Amor não escolhe sexo</i> .....	92
<b>Imagem 6</b>	<i>O menino que brincava de ser</i> .....	107
<b>Imagem 7</b>	<i>Olívia tem dois papais</i> .....	121

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b>	A presença de personagens travestis em obras nacionais.....	54
<b>Quadro 2</b>	Obras literárias nacionais e infantojuvenis de temática LGBT publicadas a partir de 1969.....	60

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APCA	Associação Paulista de Críticos de Arte
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CERI	Centro para Pesquisa e Inovação do Ensino
CFP	Conselho Federal de Psicologia
GGB	Grupo Gay da Bahia
HQ	História em Quadrinhos
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LGBT	Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e travestis
MHB	Movimento Homossexual Brasileiro
NZINGA	Coletivo de Mulheres Negras de Belo Horizonte
OMS	Organização Mundial de Saúde
PPGECH	Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana
TRANS	Travestis, transexuais e demais identidades que perpassam o binarismo de gênero.
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos

## SUMÁRIO

<b>PRELIMINARES.....</b>	<b>20</b>
<b>I CAPÍTULO</b>	
<b>1 ENTRE BISTURI, PLUMAS E PAETÊS: DANDO CLOSE NA INTERDISCIPLINARIDADE E GLAMOURIZANDO A METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	<b>25</b>
1.1 Considerações sobre o conceito de interdisciplinaridade.....	25
1.2 As sexualidades dissidentes na literatura infantojuvenil brasileira como tema interdisciplinar e global.....	27
1.3 Por uma metodologia interdisciplinar: entendendo o caminho percorrido.....	29
1.4 Fundamentação metodológica.....	31
<b>II CAPÍTULO</b>	
<b>2 DISSIDÊNCIAS SEXUAIS E DE GÊNERO: A PUNIÇÃO DAS SEXUALIDADES DISSIDENTES.....</b>	<b>33</b>
2.1 Saindo do armário! O cisheteropatriarcado como tema basilar na literatura de temática LGBT.....	33
2.2 Memórias relembradas: o silêncio das sexualidades dissidentes.....	36
<b>III CAPÍTULO</b>	
<b>3 SOBRE O TEMA LGBT NA LITERATURA E PAISAGENS DE UMA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA.....</b>	<b>45</b>
3.1 Sexualidades dissidentes e identidade de gênero na literatura: um panorama rumo às cores LGBT.....	45
3.2 Breve recorte histórico da literatura infantojuvenil.....	66
3.3 Literatura infantojuvenil ou texto didático?.....	69
3.4 Existe uma literatura LGBT?.....	74
<b>IV CAPÍTULO</b>	
<b>4 LIMPANDO A POEIRA DO ARMÁRIO E DESCONSTRUINDO O CISHETEROPATRIARCADO.....</b>	<b>78</b>
4.1 <i>Flor e Rosa</i> : lesbianidade que importa.....	79
4.2 <i>O Amor não escolhe sexo</i> : o desejo que sucumbe à ordem social.....	91
4.3 <i>O menino que brincava de ser</i> : considerações sobre transexualidade ou travestilidade infantil.....	106
4.4 <i>Olívia tem dois papais</i> : uma nova (re)configuração familiar.....	120
<b>(DES)COLORINDO ALGUMAS REFLEXÕES CONCLUSIVAS.....</b>	<b>132</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>137</b>

## PRELIMINARES

*E Polo disse: 'O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos ao estar juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte dele até deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada, exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, abrir espaço para ele'.  
(Italo Calvino, 1990).*

Eu não poderia começar esta introdução sem antes me posicionar enquanto pesquisador, pois minha inspiração ou paixão pelo tema foi fortalecida durante minha graduação em letras (língua portuguesa e suas respectivas literaturas), concluído no ano de 2010, pela Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros. Também aciono a imagem de mulher leitora que é minha mãe, porque lembro com esmero da minha primeira coleção de livros de literatura infantil, e dentre os compêndios, *Branca de Neve e os Sete Anões*, *Chapeuzinho Vermelho*, *João e Maria*, *O Príncipe Sapo* e outros, dos Irmãos Grimm. O universo era de encantamento, pois me imaginava anão, príncipe, sapo. Uma viagem colorida e cheia de afetos pelos compêndios infantis.

Apresentei uma pequena porção das minhas memórias de criança leitora, porque o meu objeto de investigação está entrelaçado com esta paixão infantil e acadêmica. Inclusive gostaria de ter conhecido os afetos somente na perspectiva positiva da metamorfose literária.

Na perspectiva interdisciplinar, o trabalho é marcado pela diversidade sexual literária, o que leva o leitor a esperar por uma linguagem neutra. Por se tratar de uma linguagem não traduzível pelas novas ferramentas tecnológicas, cedo ao exercício integral da inclusão, não será usado o “@” e “X” dos vocábulos.

A preocupação com os desvios sexuais é colossal, pois pais e/ou responsáveis alimentam a ideia de pecado original, orientando para o caminho do cisheteronormativo. Trata-se, baseado em Sousa, K. J. A. (2016), de um mandamento imperante nas sociedades ocidentais, porque associou-se os desvios sexuais ao diabólico. Inclusive, como afirma Martins *et al.* (2019), o coito deve ocorrer somente para a reprodução humana. Com base na leitura de França (2011), o que foge disso deve ser abolido, uma vez que há um pudor sustentado pelas diretrizes cristãs.

Importa reconhecer que as sexualidades dissidentes estão em toda parte e

que, portanto, ignorá-las é uma tendência do cisheteropatriarcado. Em meio à coexistência da discriminação sexual homoafetiva, como afirma Fernandes (2016), a literatura tem-se mostrado empenhada com o tema da diversidade.

O século XIX caracterizou-se como o período de eclosão e recrudescimento da homossexualidade (FOUCAULT, 2019b). A medicina, o campo jurídico, as religiões, em especial o catolicismo apostólico romano, descreviam os indivíduos que divergiam do padrão sexual esperado como um perigo sanitário e social, empunhando aos variados episódios das internações forçadas no Brasil (MARTINS *et al.*, 2019). Trata-se de um período de perseguição declarada aos homossexuais.

O ano de 1960, de acordo com Louro *et al.* (2018), constitui um marco divisório na luta pelo reconhecimento dos direitos civis para a população LGBT<sup>1</sup>, em que ativistas e população homoafetiva se organizaram na luta pelo fim da discriminação baseada em estereótipos<sup>2</sup> que pesam até hoje sobre lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, pois como sublinha Sousa, K. J. A. (2016), os corpos que não se alinham ao binarismo de gênero enfrentam o escárnio social.

Nas sociedades ocidentais, a homossexualidade, a bissexualidade, a transexualidade e a travestilidade ocupam um lugar de inferioridade, a considerar que somente em 1975 o Brasil deu seu primeiro passo retraído na marcha pelo reconhecimento de pessoas homossexuais (LOURO, 2018).

O ano de 1970 indica uma nova fase para o movimento de libertação da comunidade homossexual no Brasil, porque o teatro e a imprensa introduziram, ainda que de maneira tímida cenas envolvendo pessoas homoafetivas (LOURO, 2018). Foi nessa época que os primeiros estudos acadêmicos de temática homoafetiva se iniciaram, tanto a nível nacional como internacional, embora sua consolidação só ocorra em 1980 no Brasil, segundo Louro (2018), fator que ampliou a visibilidade dessa população.

---

<sup>1</sup> Ao tomar a sigla LGBT, faço um recorte para estabelecer uma relação com os dados apresentados na seção das análises, visto, tratar-se de uma discussão social e política, considerando que a literatura pode representar outras identidades para além da sigla apresentada nesta dissertação. Segundo Martins *et al.* (2020), no Brasil, a sigla LGBT e suas variantes ganhou força a partir do ano de 1978, confirmando a existência de outros termos anteriores, não podendo ser ignorado o Movimento Homossexual Brasileiro (MHB).

<sup>2</sup> “O estereótipo é uma crença rígida, excessivamente simplificada, não raro exagerada, aplicada tanto a uma categoria inteira de indivíduos como a cada indivíduo na mesma. (A palavra é tomada de empréstimo do processo de impressão gráfica, no qual uma única impressão é usada para produzir muitas cópias idênticas). A crença em que pessoas que trabalham na assistência social são indolentes é um estereótipo, como também a crença de que homens não sabem cuidar de crianças” (JOHNSON, 1997, p. 93).

A área das ciências humanas tem concentrado esforços para erradicar o preconceito e a violência por orientação sexual e de gênero na sociedade brasileira. Sendo assim, considero importante estudar as sexualidades dissidentes pelas lentes da literatura infantojuvenil brasileira, fazendo um chamamento da interdisciplinaridade para uma reflexão analítica sobre orientação sexual, identidade de gênero e discriminação sexual.

O tema gênero e sexualidades causa estranheza e desconforto para muitos. Levando isso em consideração, a eclosão da literatura infantojuvenil é recente no Brasil, especialmente na questão abordada por esta dissertação. O tema “diversidade sexual” só ganhou maior notoriedade em meados do século XX (FACCO, 2009; SOUSA, K. J. A., 2016).

O processo de análise parte do discurso cisheteropatriarcal presente nas falas das personagens. Trata-se, assim, nas obras, de uma representação historicamente atravessada pelo preconceito. Há, inclusive, uma nebulosidade acerca das sexualidades dissidentes, pois a sociedade é regida pela norma. Inclusive, segundo Foucault (2019a) e Maingueneau (2018), pela norma do discurso.

O termo “cisheteropatriarcado” aparece dentro dos estudos da sexualidade humana como condição normatizante, cumprindo com a intrepidez do silenciamento das sexualidades dissidentes, ou seja, das lésbicas, dos gays, das travestis, dos transexuais, das transexuais. Julião e Dutra (2020), ao falar sobre sociedade cisheteropatriarcal, comentam que há um reconhecimento somente do binarismo de gênero, em que o sexo biológico seja o único fio condutor da atração física, desconsiderando a individualidade de cada sujeito. Dessa forma, percebo a necessidade de discussão sobre o tema, tendo em vista que a cisheteronormatividade não se ajusta para todos e todas.

Diante dessas breves considerações, a dissertação traz para o debate um assunto indesejado socialmente, quando objetiva discutir orientação sexual e identidade de gênero a partir de narrativas ficcionais da literatura infantojuvenil brasileira, quando estuda *Flor e Rosa: uma história de amor entre iguais* (2011), de Benilda Regina Paiva de Brito; *O Amor não escolhe sexo* (2010), de Giselda Laporta Nicoletis; *O menino que brincava de ser* (2000), de Georgina da Costa Martins e *Olívia tem dois papais* (2010), de Márcia Leite.

Observando o contexto atual, a escolha do corpus desta pesquisa, levou em consideração o ano de publicação das obras literárias, optando por um corpus que

refletisse o contemporâneo, contrastando a análise com os estudos de gênero e a crítica literária.

E por haver uma ligação entre as personagens e o mundo social, seja pelas falas, manifestações de apoio, não é demasiado afirmar que o corpus estudado colabora com a visibilidade LGBT. Além disso, a partir das narrativas, baseado nos estudos de gênero e crítica literária, cuidadosamente busco mostrar a desconstrução cisheteropatriarcal, como a inter-relação do corpus com o didatismo.

Assim, partindo do pressuposto de que a orientação sexual e a identidade de gênero colide com o ultraconservadorismo brasileiro, então o seguinte questionamento: Existe uma confluência entre o corpus explorado e o didatismo?

Tomo como hipótese a ideia de gravitação da literatura escolar (didatismo) com a literatura infantojuvenil, de modo que como afirma Arroyo (2011), os reflexos do didatismo são sentidos e reafirmados na contemporaneidade brasileira.

Além disso, apresento uma dissertação de atravessamento interdisciplinar dado o cruzamento com os estudos de gênero, ao mesmo tempo que busco compreender o didatismo, tendo como objetivo geral o estudo da orientação sexual, identidade de gênero e suas idiosincrasias e, como objetivos específicos, um pequeno mapeamento da literatura de temática LGBT; o estudo de diferentes perfis homoafetivos a partir da pesquisa; a relação didatismo e literatura pelo prisma do corpus explorado.

Sobre a interdisciplinaridade, sublinho que trará norteamento para as reflexões ao buscar subsídio nos estudos de gênero, o que possibilita uma confluência da proposta com as diferentes áreas adscritas em ciências humanas, a exemplo da história da sexualidade no Brasil, que possibilita um olhar para outros horizontes.

Do ponto de vista das obras literárias aqui exploradas, cabe reconhecer, como alertou Sousa, B. T. (2016), a literatura tem manifestado seu apoio às formas desviantes de orientação sexual e identidade de gênero, pois a figura infante homoafetiva tem sido resgatada em várias obras de autores e autoras nacionais.

Desta feita, a dissertação está estruturada em quatro capítulos, sendo primeiro antecedida pelas preliminares (introdução).

No primeiro capítulo, intitulado “Entre bisturi, plumas ou paetês: dando close na interdisciplinaridade e glamourizando a metodologia da pesquisa”, destaco o conceito de interdisciplinaridade, discorrendo sobre sua configuração histórica no

Brasil. Por fim, o caminhar metodológico da pesquisa.

No segundo capítulo, intitulado “Dissidências sexuais e de gênero: a punição das sexualidades dissidentes”, trato da cultura cisheteropatriarcal na literatura, fazendo uma discussão sobre o silêncio das sexualidades dissidentes, em especial à partir da visão de James Green (2000), João Silvério Trevisan (2018), Mary del Priore (2011) e Michel Foucault (2019b).

No terceiro capítulo, intitulado “Sobre o tema LGBT na literatura e paisagens de uma investigação histórica”, há uma narrativa sobre a literatura adulta brasileira e inglesa devido às características singulares. Tal processo prioriza a temática literária LGBT centrada especificamente nos acontecimentos do Brasil e Inglaterra, a fim de mostrar os possíveis primeiros registros literários de natureza LGBT voltados para o público adulto, em nível nacional e britânico, buscando compreender a interface dessas narrativas adultas como espiráculos para a construção e difusão das primeiras obras literárias infantojuvenis brasileiras de temática homoafetiva. E para facilitar o processo de compreensão histórica desta literatura de natureza LGBT, construíram-se quadros, reuniram-se imagens, na tentativa de facilitar a compreensão do assunto investigado. Além disso, será apresentado um breve recorte histórico da literatura infantojuvenil, demonstrando sua correlação direta com o didatismo, passando pelo questionamento da existência de uma literatura LGBT.

No quarto e último capítulo, intitulado “Limpendo a poeira do armário e desconstruindo o cisheteropatriarcado”, foi feita uma análise do corpus selecionado, a saber: *Flor e Rosa: uma história de amor entre iguais* (2011), *O Amor não escolhe sexo* (2010), *O menino que brincava de ser* (2000) e *Olívia tem dois papais* (2010), apontando a correlação entre estereótipos, didatismo e falas das personagens.

Por fim, apresento algumas reflexões conclusivas, momento em que discuto os resultados alcançados, dificuldades encontradas, apontando como o didatismo colabora com o desvelamento de um tema conflitante socialmente.

## I CAPÍTULO

### 1 ENTRE BISTURI, PLUMAS E PAETÊS: DANDO CLOSE NA INTERDISCIPLINARIDADE E GLAMOURIZANDO A METODOLOGIA DA PESQUISA

*O retorno às origens da significação humana do conhecimento é uma possibilidade de resgate da história do saber, é encontrar em cada paragem vivências e experiências relegadas ao esquecimento, deixadas de lado, até ridicularizadas, porque míticas, místicas, devocionais, ou mágicas, portanto subjetivas, contrariavam o racionalismo e a objetividade, dogmas adotados pela Ciência Moderna.*  
**(Laís dos Santos Pinto Trindade, 2004).**

A vida de uma travesti ou de uma pessoa transexual não vale menos, isso é algo que a literatura de temática LGBT tem debatido constantemente. É também nessa perspectiva que a pesquisa, impulsionada pelos estudos de gênero, saiu da esfera disciplinar para destacar o didatismo e as diferentes representações da sexualidade humana. Seguindo essa lógica, comecei a seção com uma declaração extraída de Trindade (2004), haja vista, o próprio título da seção ser provocativo, sobretudo, ao considerar que o mesmo pode causar inquietação social.

Intencionalmente, coloco em cena bisturi, plumas e paetês, pois trata-se de uma pesquisa centrada na literatura de temática LGBT, através de uma estrutura que denuncia a discriminação gerada pelos estereótipos. Bisturi, plumas e paetês estão ligados ao caráter dissertativo, pela igual similitude com o corpo das pessoas LGBT, em que a discussão traz para o debate, não apenas a orientação sexual e a identidade de gênero, nos textos investigados, por entender que o didatismo está presente nas narrativas.

O objetivo deste I capítulo é discutir a interdisciplinaridade e a metodologia da dissertação a partir das sexualidades dissidentes na literatura infantojuvenil brasileira, evocando o passado histórico dessa literatura, em especial, da homoafetividade literária infantojuvenil, o que permitiu um trilhar interdisciplinar, já que para compreender-se a cronologia histórica, precisei dialogar com a história da sexualidade humana, a partir de uma perspectiva crítica dos estudos de gênero, trazendo a interdisciplinaridade para compreensão e reflexão do assunto estudado.

#### 1.1 Considerações sobre o conceito de interdisciplinaridade

*A necessidade de conceituar, de explicitar, fazia-se presente por vários motivos: interdisciplinaridade era uma palavra difícil de ser pronunciada e,*

*mais ainda, de ser decifrada. Certamente que antes de ser decifrada, precisava ser traduzida, e se não se chegava a um acordo havia sobre o significado e a repercussão dessa palavra que ao surgir anunciava a necessidade da construção de um novo paradigma de ciência, de conhecimento [...].*

**(Ivani Catarina Arantes Fazenda, 1999).**

É importante ressaltar que a pesquisa é interdisciplinar, já que faz uma intersecção entre literatura e estudos de gênero. No caso específico da abordagem da interdisciplinaridade, segundo Fazenda (2013), a virada do milênio exige novos olhares para o campo do conhecimento, em especial da pesquisa científica, pois o disciplinar não consegue explicar todos os questionamentos feitos, seja pela academia, pelos pesquisadores e pesquisadoras.

Fazenda (2013) ressalta que a interdisciplinaridade estabelece um diálogo entre os saberes das diferentes áreas do conhecimento, já que os aspectos científicos, sociais e humanos estão imbricados.

Nessa perspectiva, os aspectos interdisciplinares estão interligados, quando impulsionam um olhar formado por diferentes elementos. O acionamento da interdisciplinaridade geralmente perpassa duas ou mais áreas distintas do conhecimento. Dessa maneira, a dissertação estreitou relações interdisciplinares com os estudos de gênero, para demonstrar a relação literatura infantojuvenil brasileira de temática LGBT e didatismo.

Fazenda (2013) entende que a interdisciplinaridade não está dissociada do campo disciplinar. Dessa forma, compreendo que não existe uma refutação do campo disciplinar, já que todo conhecimento está interligado.

Parti do conceito de interdisciplinaridade, já que enlaço o tema LGBT pela óptica da literatura infantojuvenil brasileira, ao passo que fundamento minha crítica pelos estudos de gênero, como pela perspectiva da crítica literária de Antonio Candido (2004) e Teresa Colomer (2017).

A primeira referência oficial brasileira ao conceito de interdisciplinaridade ocorreu no ano de 1970 (FAZENDA, 2013). Esse conceito, como enfatiza Fazenda (2013), inicialmente foi referendado pelo Centro para Pesquisa e Inovação do Ensino (CERI). Conforme Leis (2005), sua aurora ocorreu no século XX. Para Fazenda (2013), outros estudiosos outorgam seu nascimento ao século XVII.

O termo “interdisciplinaridade” começou a ser explorado por pesquisadores brasileiros e pesquisadoras brasileiras no século XVII, embora exista outras reivindicações neste sentido (FAZENDA, 2013). Fazenda (2013) intervém a favor do

século XVII, já que para a estudiosa do assunto, foi nessa época que a ciência começou a buscar com maior veemência, respostas mediadas por diferentes áreas do conhecimento.

Entre as primeiras tentativas de delimitação do conceito de interdisciplinaridade, no Brasil, estava Hilton Japiaussu e Ivani Fazenda (TRINDADE, 2013). Um levantamento preliminar indica o nome de Hilton Japiaussu, em 1976, como vanguardista na busca pelo entendimento desse fenômeno, enquanto, no ano de 1979, Ivani Fazenda publicou o livro *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia*, considerada uma obra precursora sobre a significação imediata e necessária envolvendo um assunto emprestado do pensamento norte-americano, adaptado à cultura brasileira (TRINDADE, 2013).

Para Leis (2005), o modelo interdisciplinar brasileiro descende diretamente da interdisciplinaridade norte-americana, pois o plano é inteiramente voltado para a formação da população brasileira, sendo considerada a profissionalização técnica e superior para o labor.

Para melhor entender a abordagem interdisciplinar empregada nesta dissertação, recorri a Leis (2005), pois, para o pesquisador, trata-se de uma ação que engloba duas ou mais disciplinas para interpretar um fenômeno complexo. E como não poderia deixar de ser, o didatismo foi um caminho encontrado nos estudos de Arroyo (2011).

## **1.2 As sexualidades dissidentes na literatura infantojuvenil brasileira como tema interdisciplinar e global**

*Ora, a humanitas – ou seja, o estudo apaixonado da natureza humana do homem – faz parte da essência de toda literatura e de toda arte autêntica; daí que toda boa arte e toda boa literatura sejam humanistas, não só ao estudarem apaixonadamente o homem e a verdadeira essência da sua natureza humana, mas, também, por defenderem apaixonadamente a integridade humana do homem contra todas as tendências que a atacam, a envilecem e a adulteram.*  
**(Georg Lukács, 1965).**

Tradicionalmente, o conteúdo de temática LGBT sofre algum tipo de censura. O discurso cisheteropatriarcal atravessa as sexualidades dissidentes, seja, nas experiências vividas por lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, além de outros modos de condução da própria sexualidade ou identidades de gênero.

Na obra *Era uma vez um casal diferente: a temática homossexual literária infanto-juvenil*, Facco (2009) observa que as sexualidades dissidentes, incluindo a homoafetividade literária, geralmente institui o controle sexual, e que não é uma especificidade brasileira. Esse controle sexual, como afirmado por Facco (2009), começa durante a gestação humana, pois o gênero biológico impulsiona curiosidade, comemoração e planejamento familiar. Nesse sentido, posso destacar, também, quando essa idealização excede os limites da cultura cisheteropatriarcal, mais do que vigiar, vigoram tentativas de correção, por isso, a homoafetividade como tema literário pode ser vista por muitos como discussão insalubre. É um assunto vetusto, pois a prisão de Oscar Wilde, na Inglaterra e a proibição comercial de exemplares da produção literária de Cassandra Rios, no Brasil, suscitam um debate efervescente, inclusive na contemporaneidade.

Em síntese, todos os países ameríndios sofreram profundas alterações, pois o que denominou-se na história como colonização, legitimou a heterossexualidade como modelo universalmente aceito e correto, ignorando as sexualidades dissidentes e, assim, sustentando a ideia de sexo, apenas para procriação da espécie humana, através de espetáculos horrendos de punições aos infratores, a exemplo, como destaca Trevisan (2018), do índio “Tibira” que teve seu corpo despedaçado por um canhão na Região Norte do Brasil, como forma de exemplificação e punição pública por sua homossexualidade explícita. “Tibira”, nome que em tradução significa *gay*, foi condenado em 1614 (TREVISAN, 2018).

Essas reflexões são essenciais para a compreensão do ultraconservadorismo cisheteropatriarcal presente em obras literárias do século XVII aos dias atuais.

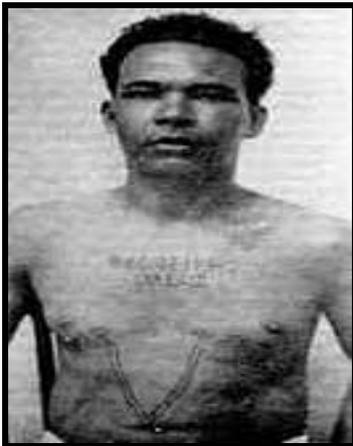
A ascensão da literatura de temática LGBT no Brasil, permanece na guisa da ebulição cisheteropatriarcal, geralmente sendo marginalizada ou reproduzindo a subalternização. Conforme descreve Trevisan (2018), Adolfo Caminha, escritor cearense, do final do século XIX, através do romance *Bom-Crioulo* (1895), foi batizado de estirpe maldita, inclusive pelos críticos literários. O mesmo recrudescimento ocorreu no século XX, com Olavo Bilac, João do Rio e Mário de Andrade, quando foram tratados como influência negativa patriótica pela suspeita de conduta sexual divergente (TREVISAN, 2018).

Os reflexos do período imperial permanecem enérgicos no século XXI. Portanto, a presença do didatismo no corpus analisado pode traduzir uma quebra hegemônica.

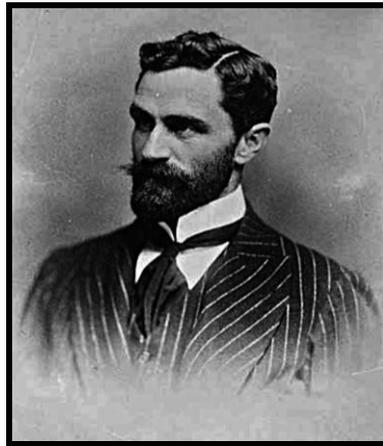
### 1.3 Por uma metodologia interdisciplinar: entendendo o caminho percorrido

*Nada sabemos da alma  
Senão da nossa;  
As dos outros são olhares,  
São gestos, são palavras,  
Com a suposição de qualquer semelhança  
No fundo.  
(Fernando Pessoa, 1934).*

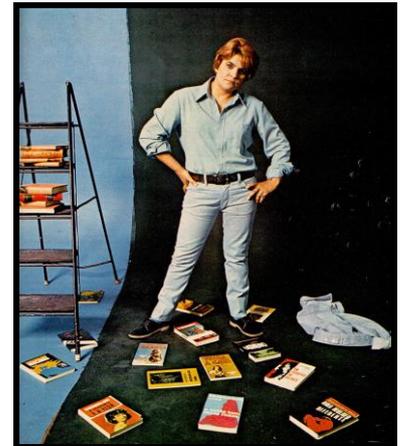
#### Imagens 1: Condenados por homossexualidade



Febrônio Índio do Brasil: condenado como exemplo do “desvio moral” da pederastia, 1929, por “O Jornal”.



Roger Casement (1864-1916), cônsul-geral inglês no Brasil, de 1909 até 1913, o herói nacional *gay*, 1916, por “Barham”.



Cassandra Rios (1932-2002), figura icônica da lesbianidade brasileira, 1970, pela “Revista Manchete”.

Evoco Febrônio Índio do Brasil, Roger Casement e Cassandra Rios pela particularidade em comum, a homossexualidade de um indígena condenado sem direito à defesa, um ex-cônsul inglês enforcado por ser acusado de manter relações sexuais com outros homens e uma escritora perseguida por sua produção homoerótica durante a ditadura militar do Brasil.

No caso do crime de pederastia é explícito nos termos do *Código Penal de 1823*<sup>3</sup>, livro V, título XIII.

Toda pessoa, de qualquer qualidade que seja, que pecado de sodomia por qualquer maneira cometer, seja queimado, e feito por fogo e pó, para que nunca de seu corpo e sepultura possa haver memória, e todos os seus bens

<sup>3</sup> “Nas Ordenações Filipinas a punição pela prática da sodomia atingia as mulheres, no entanto, na prática havia uma tendência em se aplicar punições muito mais rigorosas quando o culpado era um homem. Enquanto que nas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, essa mesma prática era considerada um crime horrendo ao ponto de não se pronunciar sequer o nome (sodomia)” (SOUSA, 2012, p. 56).

sejam confiscados para a coroa do reino, posto que tenha descendentes: pelo mesmo caso seus filhos e netos ficarão inábeis e infames, assim como os daqueles que cometeram crime de lesa majestade (ORDENAÇÕES FILIPINAS, 1823, p.1162<sup>4</sup>).

Em se tratando da perseguição contra Cassandra Rios, o decreto Lei n. 1.077, de janeiro de 1970, em pleno AI-5,

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA**, usando da atribuição que lhe confere o artigo 55, inciso I da Constituição e  
 CONSIDERANDO que a Constituição da República, no artigo 153, § 8º dispõe que não serão toleradas as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos costumes;  
 CONSIDERANDO que essa norma visa a proteger a instituição da família, preserva-lhe os valores éticos e assegurar a formação sadia e digna da mocidade;  
 CONSIDERANDO, todavia, que algumas revistas fazem publicações obscenas e canais de televisão executam programas contrários à moral e aos bons costumes;  
 CONSIDERANDO que se tem generalizado a divulgação de livros que ofendem frontalmente à moral comum;  
 CONSIDERANDO que tais publicações e exteriorizações estimulam a licença, insinuam o amor livre e ameaçam destruir os valores morais da sociedade Brasileira;  
 CONSIDERANDO que o emprego desses meios de comunicação obedece a um plano subversivo, que põe em risco a segurança nacional.

**DECRETA:**

Art. 1º Não serão toleradas as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes quaisquer que sejam os meios de comunicação (BRASIL, 1970, p. 20, grifos do autor).

E a partir desse Decreto ocorre o movimento interdisciplinar contemporâneo, considerando que a dissertação partiu da literatura de temática LGBT, e resgatou traços da cultura cisheteropatriarcal, para mostrar o caráter didático, dentro das condições de subalternidade LGBT, e diante desse contexto ultraconservador de experiências sociais LGBT, buscou-se demonstrar o didatismo do corpus selecionado através da análise interpretativa de Durão (2020).

Dessa maneira, entendo a interdisciplinaridade neste trabalho como uma (re)ligação entre duas ou mais áreas do conhecimento, em especial, por acionar o contexto histórico de repressão LGBT à matriz dos estudos de gênero.

Quando falo de interdisciplinaridade, a dissertação está intimamente relacionada com a história da sexualidade humana, enquanto revisão bibliográfica. Uma história de repressão que, nestas terras, começa em abril de 1500, com a chegada dos portugueses, o que provocou uma grande alteração na cultura e no

---

<sup>4</sup> “As Ordenações Filipinas, embora muito alteradas, constituíram a base do direito português até a promulgação dos sucessivos códigos do século XIX, sendo que algumas disposições tiveram vigência no Brasil até o advento do Código Civil de 1916” (SOUSA, 2012, p. 56).

modo de vida do povo brasileiro, marcando o lado interdisciplinar da dissertação a partir da história da sexualidade humana no Brasil.

Dentro da intenção de examinar o didatismo presente na literatura infantojuvenil brasileira, busquei suporte, como já mencionado anteriormente, nos estudos de gênero.

Desse modo, a metodologia da dissertação, debruça-se sobre teóricos nacionais, como Berenice Bento, Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes, Lúcia Facco, e internacionais Michel Foucault, Gayatri Chakravorty Spivak. De maneira que a bibliografia estudada forneceu elementos suficientes para o processo de compreensão do didatismo em *Flor e Rosa: uma história de amor entre iguais* (2011), de Benilda Regina Paiva de Brito; *O Amor não escolhe sexo* (2010), de Giselda Laporta Nicolelis; *O menino que brincava de ser* (2000), de Georgina da Costa Martins e *Olívia tem dois papais* (2010), de Márcia Leite.

#### 1.4 Fundamentação metodológica

*Que isto de método, sendo, como é, uma coisa indispensável, todavia é melhor tê-lo sem gravata nem suspensórios, mas um pouco à fresca e à solta, como quem não se lhe dá vizinha fronteira, nem do inspetor de quarteirão.*  
(Machado de Assis, 1881).

A seção metodológica exige uma organização de fácil compreensão, como sugeriu Sousa, B. T. (2016), justamente porque deve ser elaborada para que sirva de exemplo e elemento síntese do percurso percorrido e alcançado. Trata-se de projetar como será iniciada e finalizada cada etapa da investigação, tomando por fundamento a variedade de caminhos metodológicos.

Assim, durante o levantamento dos dados, houve uma interlocução com os sites “Brejeira Malagueta” e “Lado Bi<sup>5</sup>”, para montar um quadro-síntese das principais obras homoafetivas literárias infantojuvenis publicadas a partir do ano de 1969. O quadro-síntese cessa no ano de 2021, admitindo possíveis desvios durante o processo de catalogação dos dados bibliográficos.

---

<sup>5</sup> Respectivamente, nomes de sites especializados na venda de livros literários de temática homoafetiva. Em relação ao “Brejeira Malagueta”, voltava-se para a comunidade lésbica brasileira, já o “Lado Bi” é voltado para o público infantojuvenil LGBT. Essa consulta possibilitou montar o quadro-síntese de número dois disposto no III capítulo. Para uma consulta aos sites, acessar: <<https://editoramalagueta.com.br/os-livros-da-malagueta/>> e <<http://ladobi.com.br/2014/08/livros-infantis-lgbt/>>. Acesso em: 19 dez. 2022.

A estratégia metodológica adotada foi a revisão bibliográfica, que teve em diálogo com a abordagem interpretativa de Fabio Akcelrud Durão (2020), articulando a crítica literária de Antonio Candido (2004) e Teresa Colomer (2017), cuja escolha operacionalizou mostrar o didatismo durante a análise das obras literárias. Todo o processo metodológico esteve diretamente articulado com os estudos de gênero, buscando estabelecer um posicionamento que possa atravessar a comunidade LGBT, já que o tema reflete uma veracidade social, face ao modelo universal de orientação sexual e identidade de gênero.

Por ser a literatura um campo amplo para diferentes análises e, em contrapartida, por ser uma pesquisa interdisciplinar, optei por uma revisão bibliográfica, o que permitiu o rastreamento de várias fontes, possibilitando a avaliação de pensamentos divergentes e convergentes sobre o assunto explorado. Portanto, segundo Gil (2018), existe uma vantagem para este tipo de escolha metodológica, o acesso ao maior número possível de trabalhos adscritos.

Como passo seguinte nesse processo, considerei as seguintes etapas:

- a) seleção das referências;
- b) diálogo interdisciplinar;
- c) exploração de diferentes fontes sobre o assunto estudado.

A fim de executar a proposta, demonstrou-se os benefícios da revisão bibliográfica, como alertou Gil (2018).

E para trabalhar com a temática LGBT, priorizei, especialmente os teóricos nacionais, a fim de evitar uma fuga ao conjunto da violência e ascensão literária, levando em consideração o modelo interpretativo de Durão (2020), para uma reflexão crítica sobre as obras literárias escolhidas para investigação.

Durão (2020) indica que em literatura o uso da interpretação ficcional garante diferentes resultados. Assim, seu método busca compreender a liberdade que existe na literatura.

## II CAPÍTULO

### 2 DISSIDÊNCIAS SEXUAIS E DE GÊNERO: A PUNIÇÃO DAS SEXUALIDADES DISSIDENTES

*[...] com 18 anos, ia começar um curso em uma escola estadual que aceitava pessoas da comunidade. Fiz minha inscrição e comecei o curso de italiano. Estava muito feliz porque sou descendente de italianos e tinha a chance de ter cidadania italiana. E já pensou eu poder ir morar na Itália? Seria um luxo! Na segunda semana, uma funcionária [...] disse que eu deveria esperar na entrada, que a diretora queria falar comigo. Fiquei ali por uma meia hora e só depois [ela] me levou até a diretora, que estava no computador e nem me olhou na cara, dizendo: 'Então você resolveu se sentir gente? Com a vida que leva, você acha que pode frequentar lugares de gente de bem? Mas é muito atrevido mesmo! Você quer desmoralizar a minha escola? Quer sujar o nome da escola? Saia imediatamente daqui ou terei que chamar a polícia!'. Lara, travesti. (William Siqueira Peres, 2009).*

Começo o capítulo com o depoimento de Lara, pois é uma narrativa da vida real e que tem sido comumente denunciada em obras literárias de temática LGBT, quando colocam em questão a sexualidade ou identidade de gênero.

Diante deste cenário, é preciso ter clareza que o preconceito contra LGBT e outras formas hegemônicas de discriminação vividas pelos diferentes grupos minoritários, expressa de forma clara o cisheteropatriarcado histórico da sociedade brasileira, por existir uma supervalorização do homem branco, cisgênero<sup>6</sup> e heterossexual<sup>7</sup>, com posicionamento intransigente em relação ao público LGBT.

Nessa esteira analítica, registra-se continuidade e preservação dos altos indicadores da violência LGBTfóbica no Brasil, portanto, como afirma Facco (2009), as relações heteropatriarcais perpetram na mentalidade do povo brasileiro como modelo padrão.

#### 2.1 Saindo do armário! O cisheteropatriarcado como tema basilar na literatura de temática LGBT

*A heterossexualidade compulsória consiste na exigência de que todos os sujeitos sejam heterossexuais, isto é, se apresenta como única forma considerada normal de vivência da sexualidade. (Leandro Colling, 2018).*

<sup>6</sup> “Chamamos de cisgênero, ou de ‘cis’, as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento” (JESUS, 2012, p. 10).

<sup>7</sup> “Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de gênero diferente daquele com o qual se identifica” (JESUS, 2012, p. 26).

Penso que o cisheteropatriarcado aparece nos textos literários contemporâneos, na tentativa de chamar atenção para o processo de subalternização dos corpos dissidentes.

Diante disso, para entender a intersecção entre literatura e cisheteropatriarcado, preciso, antes de tudo, tentar esclarecer o conceito de patriarcado. Carla Akotirene, no livro *Interseccionalidade* (2019, p. 67), define o que é patriarcado.

O patriarcado é um sistema político modelador da cultura e dominação masculina, especialmente contra as mulheres. É reforçado pela religião e família nuclear que impõem papéis de gênero desde a infância baseados em identidades binárias, informadas pela noção de homem e mulher biológicos, sendo as pessoas cisgêneras aquelas não cabíveis, necessariamente, nas masculinidades e feminilidades duais hegemônicas. A despeito do gênero atribuído socialmente, pessoas não-cis estão fora da identificação estética, corpórea e morfo-anatômicas instituídas.

Isso para pensar o cisheteropatriarcado, para, então, entender as correlações com a literatura. Falo sobre essas correlações no IV capítulo.

Ao cisheteropatriarcado, Arévalo (2020, p. 8, tradução nossa), define como, “sistema sociopolítico sustentado pela supremacia do gênero masculino, tendo a heterossexualidade como norma e a cisnorma sobre o resto dos sexos, gêneros e identidades<sup>8</sup>”.

Trata-se de um termo que ganhou destaque a partir dos estudos de gênero e do avanço do feminismo nos anos de 1990 (ZERZAN, 2010). A interpretação de elementos do cisheteropatriarcado teve a intenção de:

1. Concentrar-se nas falas das personagens principais, sobretudo para refletir sobre a humanização literária do tema LGBT abordado pelas narrativas;
2. Desenvolver uma análise por meio dos estudos de gênero, para apontar o caráter didático das obras literárias;
3. Construir uma crítica literária, reunindo elementos que pudessem subsidiar o entendimento dos desfechos literários inconclusivos.

É interessante destacar também o significado de cisheteronorma. Rosa (2020) fala de um processo de exclusão social LGBT, que reconhece apenas a heterossexualidade como legítima.

---

<sup>8</sup> “Sistema sociopolítico sustentado por la supremacía del género masculino, la heterossexualidad como norma y la cisnorma sobre el resto de sexos, géneros e identidades” (ARÉVALO, 2020, p. 8).

Essa dissertação também oferece fundamentação teórica para uma compreensão clara da cisheteronormatividade. Não inventei essa nomenclatura, todavia busquei reconstituir de acordo com a teoria estudada.

Sobre o conceito de cisheteronormatividade, Junges (2019, p. 21) argumenta que

pode ser entendida como uma matriz de inteligibilidade que impõe a cisgeneridade – identificação com o sexo ao qual se é designada/o ao nascer – e a heterossexualidade como uma norma, naturalizando-as e universalizando-as. A partir dessa norma, o corpo é sexuado desde uma distinção binária homem/mulher – categorias tomadas como opostas e complementares –, das quais se espera que expressem seu gênero e sua sexualidade de modos específicos que serão considerados também como da sua essência.

Com o intuito de especificar cada termo utilizado nesta dissertação, apresento o conceito de hegemônico(a). É conveniente notar que é um conceito criado pelos estóicos, como destaca Abbagnano (2007). Mais que isso, “razão que anima e governa o mundo” (ABBAGNANO, 2007, p. 497).

Em minha dissertação também conduzo o trabalho a partir de uma discussão de cunho LGBT, em que a literatura infantojuvenil brasileira serviu de expoente para a inserção crítica dos estudos de gênero. Assim, também faz-se necessário uma definição do termo LGBT.

Faço, nesse processo, uma dissecação a partir de Jaqueline Gomes de Jesus (2012, p. 30), que descreve o termo LGBT, como “acrônimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais”.

Passo, enfim, a descrever cada uma das letras que formam o termo LGBT. A esse respeito, conforme explica Jaqueline Gomes de Jesus (2012, p. 26), a lésbica e o gay compreendem qualquer “pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de gênero igual àquele com o qual se identifica”.

Na mesma direção, a referida autora contribui para a definição de bissexual, travesti e transexual, numa espécie de tradução.

**Bissexual**

Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de qualquer gênero.

**Travesti**

Pessoa que vivencia papéis de gênero feminino, mas não se reconhece como homem ou mulher, entendendo-se como integrante de um terceiro gênero ou de um não-gênero. Referir-se a ela sempre no feminino, o artigo ‘a’ é a forma respeitosa de tratamento.

**Transexual**

Termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Evite utilizar o termo isoladamente, pois soa ofensivo para pessoas transexuais, pelo fato

de essa ser uma de suas características, entre outras, e não a única. Sempre se refira à pessoa como mulher transexual ou como homem transexual, de acordo com o gênero com o qual ela se identifica (JESUS, 2012, p. 26-7, grifos da autora).

E na tentativa de explicar todos os termos usados na construção deste texto, novamente recorri ao apoio técnico de Jesus (2012), com o qual delimito o que é orientação sexual e identidade de gênero.

O termo orientação sexual, resgatando o que diz Jesus (2012), corresponde ao afeto-sexual entre pessoas de qualquer gênero, enquanto a identidade de gênero equivale ao modo como cada pessoa identifica-se, relaciona-se, sexualmente com o seu corpo. Nesse sentido, Jesus (2012), define a identidade de gênero pela via da heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade.

Dada essa definição dos termos, os textos literários de temática LGBT saem do contexto cisheteronormativo, como é o caso do corpus analisado. Essa ocorrência não é comum<sup>9</sup>, embora, como mostra Arroyo (2011), tenha a literatura infantojuvenil ligação direta com o didatismo.

Em contraponto, o cisheteropatriarcado aparece como desdobramento da invasão cultural portuguesa, reconhecendo a heterossexualidade como modelo único e aceitável. Assim, a literatura traz para o debate uma comunidade subalternizada, sendo o cisheteropatriarcado o caminho para mostrar a violência e as mudanças ocorridas socialmente.

A violência psicológica é um dos elementos resgatados pela literatura que busca seu alicerce na cultura cisheteropatriarcal, indicando uma conexão entre os indicadores do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e do Grupo Gay da Bahia (GGB), visto que o corpus escolhido para análise reproduz argumentos cisheteropatriarcais, na tentativa de humanização literária.

É notório que, na atualidade, a literatura permanece abordando o viés cisheteropatriarcal, demonstrando, como ressalta Facco (2009), preocupação social com o tema da diversidade sexual e, destemidamente sua inclusão na sociedade.

Como pode-se perceber, o drama vivido pelas personagens dissidentes na literatura não é uma reprodução cisheteropatriarcal, mas uma dimensão do comportamento social cisheteropatriarcal.

## **2.2 Memórias relembradas: o silêncio das sexualidades dissidentes**

---

<sup>9</sup> “Não é preciso refletir muito para se imaginar como eram concebidas socialmente as relações homoeróticas no início do século XX” (FERNANDES, 2012, p. 63).

*Se oferecêssemos aos homens a escolha de todos os costumes do mundo, aqueles que lhes parecessem melhor, eles examinariam a totalidade e acabariam preferindo os seus próprios costumes, tão convencidos de que estes são melhores do que todos os outros.*  
(Heródoto, 484-424 a. C.).

Para compreender os laços cisheteropatriarcais presentes no corpus descrito por esta dissertação, faz-se necessário lançar um olhar para o cisheteropatriarcado a partir da história da sexualidade humana, estando em voga o contexto brasileiro. Nesse sentido, um diálogo com Facco (2009), Foucault (2019b), Green (2000), além de outros teóricos comprometidos com os estudos de gênero, antes de tudo, explica as linhas fronteiriças ocupadas pelos corpos dissidentes.

Abraçando o tema das sexualidades dissidentes, a imagem de Theodor de Bry ilustra de maneira bastante evidente, a relação social entre a população LGBT e seus laços hegemônicos.

**Imagem 2: O ponto de vista europeu sobre os povos originários do Brasil, de Theodor de Bry**



Fonte: (TREVISAN, 2018, p. 193).

Os teóricos que escolhi são importantes para o aprofundamento do tema desenvolvido por esta dissertação, a considerar o engajamento político de Lúcia Facco e João Silvério Trevisan com o público LGBT.

Dentro daquilo que pode ser apontado como compromisso com os estudos de gênero, outro destaque importante é que Lúcia Facco<sup>10</sup> é uma escritora brasileira, pesquisadora e mulher lésbica; enquanto João Silvério Trevisan<sup>11</sup> é dramaturgo, jornalista, escritor e homossexual brasileiro.

A partir disso, James Naylor Green (2000), na orelha da primeira capa do seu livro, afirma que o período de 1930 a 1945 pode ser considerado eugenista para os homossexuais brasileiros.

No interior das famílias brasileiras, o silêncio sobre o tema da homossexualidade permanece firme, como aponta Green (2000). Dessa forma, a literatura de temática LGBT rompe com o preconceito, tendo em vista que o assunto provoca desconforto social.

Priore (2011) parte do viés histórico, para dizer que não houve uma ascensão da sexualidade, pois, em, um sentido mais amplo, a economia e a educação contribuíram para uma mudança social no Brasil.

Importante salientar, que mesmo na atualidade, o cisheteropatriarcado permanece presente, considerando que lesbianidade, homossexualidade<sup>12</sup>, bissexualidade, travestilidade e transexualidade estão no bojo, como mostra Trevisan (2018), das opressões sociais, políticas e cristãs.

Foucault (2019b), ao tratar da sexualidade, destaca que havia maior liberdade sobre o assunto até o começo do século XVII, dentro dessa perspectiva, defende que a repressão moral é acirrada no século XIX. Além disso, Foucault (2019b) justifica que a repressão sexual existe em maior ou menor escala desde à época clássica.

Importante notar que entre os séculos XVI e XVIII, não havia uma regulamentação nacional da sexualidade no Brasil, porém seria ingênuo pensar que não havia regras, isto é, ao menos cada grupo social podia viver de acordo com

---

<sup>10</sup> Trata-se de uma afirmação feita pelo jornal *Brejeira Malagueta*. Disponível em: < <https://editoramalagueta.com.br/lucia-facco-uma-lesbica-que-escreve/>>. Acesso em: 3 set. 2021. A mesma também registra sua lesbianidade no livro publicado pela “Summus Editorial”, *Era uma vez um casal diferente: a temática homossexual na educação literária infanto-juvenil* (FACCO, 2009).

<sup>11</sup> Informação dada pelo escritor para o *Folha de São Paulo*, em 12 de setembro de 2018. A matéria completa pode ser acessada no sítio eletrônico: < <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/09/obra-de-joao-silverio-trevisan-sobre-a-historia-da-homossexualidade-no-brasil-volta-as-livrarias.shtml> >. Acesso em: 3 set. 2021.

<sup>12</sup> No Ocidente, a homossexualidade passou a ser repudiada, logo após a conversão católica do imperador romano Constantino, no ano de 342 d. C. O imperador Constantino foi responsável por inserir a homossexualidade como tema de interesse público, condenando os homossexuais à decapitação (SOUZA, 2006).

seus costumes (PRIORE, 2011). É sobre essa perspectiva que deve ser compreendido o texto de Trevisan (2018), incluindo a afirmação sobre os povos originários do Brasil.

Indo radicalmente de encontro com Trevisan (2018), o jornalista defende que cada tribo ou aldeia mantém um ritual próprio, descaracterizando a afirmação de que a homossexualidade indígena não existia antes da chegada dos portugueses, em que o relacionamento entre iguais, geralmente era uma prática comum entre os povos indígenas do Brasil.

No começo do século XX, o Brasil empenhou esforços para combater todo e qualquer “desvio sexual”, começando pelas escolas, que se ocuparam desse papel de “higienização”, cujo objetivo era garantir a preservação da masculinidade, preparando homens e mulheres para o matrimônio como para o ofício paternal e maternal (FACCO, 2009).

Prosseguindo com Foucault (2019b), a sexualidade encerrou-se ao matrimônio, em que a reprodução da humanidade deveria ser o único objetivo para o sexo.

Nesse sentido, as demais formas de expressão da sexualidade humana, partindo das proposições de Foucault (2019b, p. 7-8, grifo do autor), é importante enfatizar que

No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este **status** e deverá pagar as sanções.

Para evidenciar a invisibilidade das sexualidades dissidentes, pode-se observar por meio do fragmento anterior, como a discriminação sexual foi construída socialmente, ao apontar a aplicação de punições para os(as) transgressores(as). Nesse contexto, Foucault (2019b) explica que a homossexualidade passa por repressão social, já que, nesse contexto, o tempo de produção estaria sendo desperdiçado com o prazer.

De acordo com Foucault (2019b), quando fazemos referência ao caráter repressivo da sexualidade humana, o pecado aparece associado ao corpo, daí ser possível fazer uma associação entre Foucault (2019b) e Trevisan (2018), ao passo que para o jornalista brasileiro, a sexualidade das tribos indígenas passou por duros

estágios de ocultação e repressão pela associação direta com o pecado, ou seja, a ideia de “corpo” e “pecado” também aparece em Foucault (2019b).

E a partir da associação “corpo” e “pecado”, a confissão espiritual é o único caminho para absolvição (FOUCAULT, 2019b). A situação descrita, de modo geral, tem relação direta com a História do Brasil, uma vez que aos pecadores brasileiros era concedido o direito de confissão espontânea de atos e pensamentos libidinosos, como alternativa de absolvição, segundo Trevisan (2018).

Diante desses apontamentos, é possível inferir, com base em Foucault (2019b), que o controle da sexualidade humana está atrelado ao campo médico, psiquiátrico, abrindo margem para o judiciário, tal qual pode ser observado na obra de Trevisan (2018).

Foucault (2019b) adverte que nos últimos três séculos predomina a ideia de sexo para procriação, e com maior veemência a partir do começo do século XIX, produziu-se impactos distintivos desde a sexualidade infantil até à velhice, ao reproduzir uma história de regulação que teve maior efervescência dentro de organizações cristãs.

O cristianismo aparece como elemento regulador da sexualidade humana, não sendo permitido o sexo por prazer, que deveria obedecer o código canônico, sob pena de infração penal grave, caso houvesse alguma prática que desrespeitasse os mandamentos da igreja católica e de seu conjunto de leis, sendo que dentro da relação matrimonial, o sexo também passa por momentos de expiação e vigilância, ficando proibido durante o período da gravidez, lactação, quaresma e dias santos (FOUCAULT, 2019b). Com essa argumentação, Foucault (2019b) permite uma reflexão sobre a contrição sexual imposta socialmente e passada culturalmente para os cônjuges.

Segundo Foucault (2019b, p. 36),

Desde o século XVIII o sexo não cessou de provocar uma espécie de erotismo discursivo generalizado. E tais discursos sobre o sexo não se multiplicaram fora do poder ou contra ele, porém lá onde ele se exercia e como meio para seu exercício; criaram-se em todo canto incitações a falar; em toda parte, dispositivos para ouvir e registrar, procedimentos para observar, interrogar e formular.

Como pode-se perceber, a discriminação por orientação sexual desviante da norma social é velha, o que dificulta a quebra hegemônica.

Foucault (2019b) ressalta que a homossexualidade estava na lista dos pecados graves da esfera jurídica e religiosa. Foucault (2019b) também salienta que os hermafroditas foram considerados filhos do pecado, aberração antinatural, o que tomo como similaridade com a pesquisa do jornalista brasileiro João Silvério Trevisan (2018), a destacar o quadro histórico da criminalização sexual no Brasil.

Como observa Silva (2018), um código foi instaurado para detecção e isolamento dos desatinos sexuais no século XIX. À vista disso,

Segundo o dr. Viveiros de Castro, as causas da anomalia homossexual podiam ser: 'loucura erótica' resultante de psicopatias sexuais em pessoas mentalmente alienadas; falhas no desenvolvimento glandular, provocadas por hereditariedade; vida insalubre, alcoolismo ou excesso de onanismo; e outras circunstâncias favoráveis à aquisição do vício, tais como prisões, velhice e impotência. Segundo ele, os homossexuais sofriam de uma alteração psíquica chamada 'efeminação' [...] (TREVISAN, 2018, p. 174).

Nessa esteira ilógica, o assunto vai sendo incorporado à sociedade. O discurso vai sendo endurecido e consolidado, despontando bizarrices, já que não havia uma sustentação científica.

Por compreender que a homossexualidade era uma doença, médicos e juristas chegaram a propor um código penal específico para o que determinaram como "homossexualismo", cuja proposta visava à internação forçada, medicalização e prisão<sup>13</sup> (TREVISAN, 2018).

Partindo, portanto, do debate em torno da patologização e do controle das sexualidades dissidentes, o caso de Febrônio<sup>14</sup> e Chrysóstomo<sup>15</sup>, logicamente são usados nesta dissertação para descrever o rigor atribuído ao menor indicativo de desvio sexual no Brasil. Trevisan (2018) garante que a homossexualidade assumiu um caráter patológico no século XIX, desconsiderando o preâmbulo jurídico, dado o caso horrendo de Febrônio.

É interessante observar que mesmo com a despatologização das sexualidades dissidentes pela Organização Mundial de Saúde (OMS), como pelo

---

<sup>13</sup> Na falta de um ordenamento jurídico brasileiro que tratasse dos casos de homossexualidade e travestilidade nos anos de 1980, a polícia era o próprio código penal respaldada pelo judiciário e pela medicina. Pode-se cinematograficamente reler a violência policial através do documentário: *Meu amigo Cláudia*, de Dácio Pinheiro. Disponível em: < <https://youtu.be/DKTTu-ORBy4>>. Acesso em: 25 out. 2021.

<sup>14</sup> Para detalhes específicos sobre a prisão arbitrária e homofóbica de Febrônio, recomendo o documentário: *O príncipe de fogo*, de Silvio Da-Rin. Disponível em: < <https://youtu.be/KbrSJ3ZQO8A>>. Acesso em: 25 out. 2021.

<sup>15</sup> Para saber mais sobre o escândalo homofóbico do jornalista Chrysóstomo, consultar: < <https://jornalggn.com.br/historia/materia-sobre-antonio-chrysostomo-no-site-da-revista-brasileiros/>>. Acesso em: 25 out. 2021.

Conselho Federal de Psicologia (CFP), de modo periférico, a comunidade LGBT brasileira, permanece, como aborda Martins *et al.* (2020), sendo alvo de ataques, inclusive letais. Existe uma tentativa de deslegitimação da ciência, a partir da divulgação antiquada de teorias, como a da *cura gay* (TREVISAN, 2018).

No que tange à questão da *cura gay*, em 1995, estruturou-se através de um projeto, denominado de “Projeto da Fé”, nas cidades de Salvador e Rio de Janeiro, uma linha de frente com alguns garimpeiros e empresários “messiânicos”, para reversão do pecado luxurioso carnal, em que a homossexualidade virou uma mercadoria valiosa para o mercado financeiro cristão, com falsas promessas de reversão sexual, o que rendeu um montante financeiro sem precedentes, por meio da procura espontânea de homossexuais, criando uma falsa ilusão de cura e protagonismo neopentecostal (TREVISAN, 2018).

Conforme aponta Foucault (2019b), o casamento foi incluído como regulamento inseparavelmente natural e enquanto mecanismo para barrar os desvios sexuais, sendo o casamento heterossexual o modelo aprovado pela sociedade moderna.

Pode ser, muito bem, que a intervenção da Igreja na sexualidade conjugal e sua repulsa às ‘fraudes’ contra a procriação tenham perdido, nos últimos duzentos anos, muito de sua insistência. Entretanto, a medicina penetrou com grande aparato nos prazeres do casal: inventou toda uma patologia orgânica, funcional ou mental, originada nas práticas sexuais ‘incompletas’; classificou com desvelo todas as formas de prazeres anexos; integrou-os ao ‘desenvolvimento’ e às ‘perturbações’ do instinto; empreendeu a gestão de todos eles (FOUCAULT, 2019b, p. 45-6).

Considerando o que é abordado por Facco (2009), a homossexualidade chegou a ser combatida com violência no Ocidente, tendo sido associada a crime grave durante o período inquisitorial brasileiro, o que contribuiu para a manutenção da recorrente discriminação contra homossexuais no Brasil.

Dito isso, vale acrescentar

No regime republicano pós-1889, a homossexualidade **per se** não era ilegal. Esse já não era o caso no Brasil colonial, quando as leis portuguesas definiam a sodomia como a penetração anal de um homem ou uma mulher. Quando dois homens estavam envolvidos, o Ofício da Sagrada Inquisição que se instalou em Portugal em 1553, assim como o Código Penal Português consideravam tanto o penetrador quanto o receptor como sodomitas. Uma pessoa culpada por essa ofensa era condenada à fogueira e podia ter suas propriedades confiscadas. Entre 1587 e 1794, a inquisição portuguesa registrou 4.419 denúncias. Estas incluíam tanto os suspeitos de terem praticado sodomia quanto os que forneciam confissões atestando o fato de terem cometido o ‘pecado abominável e perverso’. Do total, 394

foram a julgamento, dos quais trinta acabaram sendo queimados: três no século XVI e 27 no século XVII. Os que não recebiam a pena de morte podiam ser condenados a trabalhos forçados nos navios de guerra do rei ou ao exílio temporário ou perpétuo na África, Índia ou no Brasil. Em geral, essas duras punições eram decretadas após o condenado já ter tido suas propriedades confiscadas e sido brutalmente chicoteado em público (GREEN, 2000, p. 55-6, grifo do autor).

Em síntese, a relação sexual entre iguais, na prática, sempre desperta introspecções profundamente desumanas, ao ponto de existir, como afirma Facco (2009), um preconceito na comunidade científica<sup>16</sup>, quando questiona somente a(s) causa(s) da homossexualidade.

Green (2000) salienta que existe a falsa impressão da aceitação homossexual no Brasil, em virtude da festa carnavalesca, em que a licença dada aos homens pela expressividade dos trajes femininos, acaba confundindo o estrangeiro. Paralelamente, Junqueira (2013) argumenta que os reflexos do eurocentrismo permanece reverberando e fazendo vítimas na sociedade brasileira, mesmo que sutilmente, pois existe um silêncio tácito sobre orgasmo feminino, desejo sexual feminino e homossexual. Trevisan (2018) também compartilha desse posicionamento de Junqueira (2013), incluindo a recepção da homossexualidade pela sociedade, quando lembra que a comunidade homossexual está associada ao pecado mortal.

Dentro da perspectiva apresentada, tem-se ainda, o preconceito contra os homossexuais efeminados e, segundo as reflexões de Green (2000), há uma ideia preconcebida de que dois homossexuais efeminados, de forma alguma teriam condições de manter um relacionamento homoafetivo.

Culturalmente, a sociedade associa o homem efeminado ao enquadramento passivo<sup>17</sup> da relação sexual. A obra *O menino que brincava de ser* (2000), de Georgina da Costa Martins, auxilia a pensar como o homem então pode ser associado ao papel de gênero feminino.

Não tenho a intenção de esgotar a discussão, tampouco haveria tempo para tal, ao contrário, quero apenas mostrar como o cisheteropatriarcado permanece latente na contemporaneidade. Apresento um pequeno recorte histórico, para o qual há uma nebulosidade global, o que faz com que o trabalho de análise apresentado

---

<sup>16</sup> A comunidade científica busca uma resposta baseada no comportamento ou patologia (ERIBON, 2008).

<sup>17</sup> "Que sofre uma ação. Que é afetado por alguma coisa" (ABBAGNANO, 2007, p. 745).

no último capítulo, traga leveza, pois são obras literárias que introjetam uma discussão, geralmente cerceada socialmente.

### III CAPÍTULO

## 3 SOBRE O TEMA LGBT NA LITERATURA E PAISAGENS DE UMA INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA

*Subsistir apenas, não basta. É preciso dignificar a vida.  
(Darcy Penteado, 1985).*

Este capítulo pretende apresentar os antecedentes da literatura infantojuvenil, expoentes e obras que dão visibilidade ou rechaçam os corpos dissidentes, começando por narrativas de temática LGBT anteriores ao surgimento da literatura infantojuvenil brasileira. O capítulo também dará ênfase ao didatismo, como forma de mostrar que as obras literárias infantojuvenis estão imbuídas com o caráter disciplinar, didático e escolar, uma característica singular ao gênero estudado, ao tempo em que tratará da discussão sobre a existência de uma literatura LGBT.

### 3.1 Sexualidades dissidentes e identidade de gênero na literatura: um panorama rumo às cores LGBT

*O mínimo, suponho, que um sujeito tem a obrigação de fazer nesses casos.  
(Caio Fernando Abreu, 1948).*

Para conhecer melhor o campo investigativo, a seção abordará sobre os achados da literatura de temática LGBT<sup>18</sup>, descrevendo os embates hegemônicos para o público adulto, como forma de compreender o universo homoafetivo infantojuvenil. Trago o percurso histórico da literatura de temática LGBT adulta, na tentativa de mostrar as intervenções da cultura cisheteropatriarcal na literatura. A perseguição aos livros de temática LGBT teve maior intensidade durante a consolidação da literatura adulta.

Historicamente, é sabido que os corpos são planejados para uma convivência harmoniosa em sociedade, em que a cisheteronorma se apresenta como possibilidade aceitável e, de certo modo, inquestionável, portanto o que foge disso, obviamente que deslinda nas tentativas de correção. Na argumentação de Sousa, B. T. (2016), a literatura, frequentemente, em uma sociedade machista, manifesta-se como aliada no combate à discriminação sexual.

Nunca se falou tanto sobre orientação sexual e identidade de gênero como na atualidade (FACCO, 2009). Para melhor entender, segundo Sousa, K. J. A. (2016),

---

<sup>18</sup> É possível, a omissão de obras literárias do período investigado. Isso não seria possível em face da demanda bibliográfica e do tempo imposto ao desenvolvimento da dissertação.

há movimentos em defesa da comunidade LGBT, embora crianças e adolescentes permaneçam esquecidos ou suprimidos dos debates sobre orientação sexual e identidades de gênero, sendo uma das vertentes o radicalismo ideológico em escala global.

Analisando o momento histórico, as primeiras produções literárias sobre lesbianidade estão na poesia de Safo, em 580 a. C. (LEITE, 2017). No cenário nacional, a poesia de Gregório de Matos Guerra, mais conhecido como “Boca do Inferno” ou “Boca de Brasa”, ostentou a lesbianidade em sua poesia, embora *O Cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo, talvez tenha sido a primeira obra literária a estampar escancaradamente a lesbianidade através de duas personagens, Léonie e Pombinha. Mas, consoante Holanda (2015), alguns teóricos divergem quanto ao marco teórico inicial da literatura representativa da lesbianidade, associando o pioneirismo tanto para *Usina* (1936), de José Lins do Rego, como para *A volúpia do pecado* (1948), de Cassandra Rios. Cabe ressaltar que alguns teóricos e críticos consideram *A volúpia do pecado* (1948) como primeiro romance de assunto escancaradamente lésbico dentro de uma perspectiva histórico-literária brasileira, possivelmente pela presença marcante de duas personagens protagonistas lésbicas (HOLANDA, 2015; SILVA; BORGES, 2020).

O excerto a seguir resume esse pioneirismo e transgressão de Cassandra Rios, em *A volúpia do pecado* (1948).

Lyeth querida,  
 Queria dizer-lhe algo, mas não sei se devo.  
 Sinto uma dor estranha constrangir meu peito. Você é tão indiferente, nem parece que eu existo, pois trata-me com tanta frieza! Sinto tanto ciúmes de você que não sou eu mais. Queria mesmo dizer-lhe tanta coisa, mas não posso. Não consigo fazê-lo. É algo que não sei decifrar. Uma confusão tremenda de sentimentos novos que me torturam. Isto nunca senti. Nem mesmo por um namorado. Entretanto para você não sou mais que uma simples amiga, que você não se importaria em perder. Ah! Que amarga indiferença a sua.  
 O que sinto é impossível de descrever-se e nem eu mesma poderia fazê-lo. É um sentimento estranho que jamais devotei a alguém. Algo que me rouba o sono e a calma.  
 Sinto que não posso viver sem você.  
 Sim, meu amor, minha vida, eu a amo.  
 ‘Irez’ (RIOS, 1948, p. 49).

A obra de Cassandra Rios é transgressora, gerando visibilidade, visto que narra uma história de amor juvenil entre duas mulheres lésbicas, algo que lhe rende a censura e excomunhão pela igreja católica.

Para Sousa, B. T. (2016), a popularização da literatura homoafetiva masculina ocorre com a prisão de Oscar Wilde, em 1895.

Nessa esteira, Pires (2005, p. 23-5-6) afirma que

O julgamento mais célebre da era vitoriana foi, sem dúvida, o de Oscar Wilde e a sua condenação por homossexualidade: um dos casos, mais hipócritas de que há memória, numa altura em que proliferavam os bordéis masculinos [...]. No dia 27 de Maio, Oscar Wilde foi conduzido à prisão de Pentonville, donde passou, dias depois, para a de Wandsworth. Aqui os primeiros meses foram tão difíceis que pensou não ser capaz de suportar os sofrimentos. A vida confortável e luxuosa a que se havia acostumado não o tinha preparado para os rigores da prisão e dos trabalhos forçados. Todavia, o mais assustador era o silêncio insuportável numa solidão que o poderia arrastar à loucura.

Sousa, B. T. (2016) destaca que depois desse infeliz evento, do final do século XIX, os primeiros textos literários de temática homoafetiva masculina se popularizaram mundialmente, estimulando a circulação das obras de Oscar Wilde, inclusive do seu livro explicitamente homoerótico, *De Profundis: Balada do Cárcere de Reading* (1898).

A literatura de temática lésbica também não passou despercebida da repressão britânica, pois a autora Radeliff Hall de *O poço da solidão* (1928) foi incriminada pelo tribunal inglês, como forma de repreender qualquer temática lésbica na literatura (FERNANDES, 2012). Apesar dessa repressão desenfreada, precisa-se ter em mente que esses acontecimentos marcaram o início de uma nova era para a literatura, prevalecendo elementos de natureza LGBT.

Voltando para o Brasil, de acordo com Sousa, B. T. (2016), o primeiro romance de temática homossexual masculina pode ter sido publicado em 1981. Trata-se da narrativa, *O Barão de Lavos*, do escritor Abel Botelho (SOUSA, B. T., 2016). Ainda nesta mesma direção, críticos apontam *O ateneu* (1888), de Raul Pompeia, como a primeira obra em prosa a desafiar o conservadorismo brasileiro e trazer ao público um romance de temática homossexual masculina (FERNANDES, 2012). No entanto, *Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, é considerado o precursor, como destaca Fernandes (2014) e Rocha (2020), sobretudo por trazer dois personagens protagonistas que são declaradamente homossexuais masculinos<sup>19</sup>.

---

<sup>19</sup> “Poucas vezes a literatura brasileira produziu uma obra tão corajosa e direta sobre amores proibidos. Num Brasil provinciano, recém-entrado na República, Caminha trata o amor homossexual com surpreendente naturalidade, como um dado específico e irrefutável, chegando até mesmo a criar uma legítima ternura entre dois homens do povo” (TREVISAN, 2018, p. 243).

Sendo assim, é interessante destacar duas passagens do romance<sup>20</sup>, de Adolfo Caminha.

Ora, aconteceu que, na véspera desse dia, Herculano foi surpreendido, por outro marinheiro, a praticar uma ação feia e deprimente do caráter humano. Tinham-no encontrado sozinho, junto à amurada, em pé, a mexer com o braço numa posição torpe, cometendo, contra si próprio, o mais vergonhoso dos atentados (CAMINHA, 1997, p. 5).

A obra tem um caráter desconstrucionista da homossexualidade masculina, pensando na cena de masturbação, não havendo qualquer tentativa de esconder a homossexualidade do personagem principal, Herculano.

Embora a homossexualidade não fique completamente explícita em determinados trechos da obra, os personagens rompem com o conservadorismo, assumindo uma postura explicitamente homossexual.

O motivo, porém, de sua prisão agora, no alto-mar, a bordo da corveta, era outro, muito outro: Bom-Crioulo esmurrara desapiadadamente um segunda-classe, porque este ousara, 'sem o seu consentimento', maltratar o grumete Aleixo, um belo marinheiro de olhos azuis, muito querido por todos e de quem diziam-se 'coisas'.

[...]

O próprio comandante já sabia daquela amizade escandalosa com o pequeno. Fingia-se indiferente, como se nada soubesse, mas conhecia-se-lhe no olhar certa prevenção de quem deseja surpreender em flagrante...

[...]

Uma coisa desgostava o grumete: os caprichos libertinos do outro. Porque Bom-Crioulo não se contentava em possuí-lo a qualquer hora do dia ou da noite, queria muito mais, obrigava-o a excessos, fazia dele um escravo, uma 'mulher à-toa' propondo quanta extravagância lhe vinha à imaginação. Logo na primeira noite exigiu que ele ficasse nu, mas nuzinho em pêlo: queria ver o corpo... (CAMINHA, 1997, p. 7-12-28).

Fernandes (2014), de maneira aproximada com Silva (2012), não determina o marco fundante da literatura de temática homossexual masculina no Brasil, a considerar que alguns elementos foram apagados da nossa história ou literatura. Ainda, segundo Fernandes (2014), a falta de dedicação ao assunto provocou apagamentos importantes para o cenário nacional brasileiro, reduzindo *Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, como possível obra de abertura da literatura de temática homossexual masculina, o que demonstra o quão enraizada pelo ultraconservadorismo é a temática homossexual.

<sup>20</sup> Cabe ressaltar que Winston Leyland, responsável pela formatação e divulgação de *Bom-Crioulo* (1895), nos Estados Unidos, chegou a declarar publicamente que a narrativa brasileira suscita o pioneirismo mundial da literatura de temática homoafetiva masculina, pois as cenas de sexo explícito e inter-racial proclamam uma literatura gay determinada ao rompimento da dominação pautada pelo eurocentrismo (TREVISAN, 2018).

A crítica literária tem uma certa dificuldade em definir o marco da popularização e surgimento da temática LGBT, o que não inviabiliza os dados levantados pela dissertação, principalmente pelo apagamento desse panorama histórico brasileiro durante o ciclo da ditadura militar no Brasil (1964-1985), como da plasticidade que o tema provoca na sociedade.

Constatou-se, portanto, que não há dados precisos sobre o surgimento da literatura de temática homossexual masculina no Brasil, pois para Silva e Souza (2019), obras como *A um moçoilo* (1832-1855), de Junqueira Freire, foi reivindicada pelos críticos literários como o primeiro rastro poético de uma literatura de expressão da homossexualidade masculina no Brasil. Devo lembrar que o poema não é datado, mas sua localização temporal pode ser fixada entre os anos de 1832 e 1855, período de produção literária de Junqueira Freire. O poema indicado pela crítica é bastante ilustrativo.

#### **A um moçoilo**

Eu que te amo tão deveras,  
A quem tu, louro moçoilo,  
Me fazes chiar e amolas,  
Qual canivete em rebolo;  
Eu que, qual anjo, te adoro,  
Então, menino, eu sou tolo?

Quem te venera e te servir,  
Te serve de coração;  
Quem a nada mais atende,  
Senão à sua paixão;  
Quem sustém por ti a vida,  
Tolo não pode ser, não.

Quem te olhando um rosto áurea  
Lá se queda enamorado,  
Te olhando os olhos ferventes,  
Permanece endeusado;  
Êsse que chame-lo tolo,  
Êsse sim, vai enganado.

Quem tanto por um só perde,  
Que a ninguém quer antepô-lo,  
Que vê-lo só quer num trono,  
Num trono só de ouro pô-lo;  
Êsse que tolo xingá-lo,  
Êsse sim - êsse é que é tolo.

Quem já em ver seu queixinho  
Bipartido se mantém;  
Quem embebido em seu todo  
Horas, dias gasto tem;  
Quem no cárcere do corpo  
A alma por ele sustém;

Avanço axioma certo,  
 Que êsse não é tolo, não;  
 Que êsse ama angelicamente  
 Fora da contágio;  
 Que êsse que tolo xingá-lo,  
 Esse sim - é toleirão.  
 E tu que me xingaste tolo,  
 Meu moço, anjinho feliz!  
 Só porque amar-te deveras  
 Meu Deus, minha sina quis.  
 Só porque certo bem maus  
 Dous versos te dei que fiz.

Meu anjo me olha e despreza  
 Com mirar tão furibundo!  
 Já não hei mais esperança  
 De ter serafim jucundo,  
 Que aos céus me leve risonho  
 Quando me for deste mundo.

Mas se tolo é admirá-lo  
 A todo mundo interpô-lo,  
 Querer lá vê-lo num trono,  
 Num leito dourado e pô-lo,  
 Alfim beijá-lo e gozá-lo,  
 Então sim quero ser tolo!  
 (FREIRE, 2017, p. 150).

No poema, o eu-lírico se declara apaixonado por outro homem, afirmando não ser um tolo por ter uma paixão homossexual. Uma paixão descrita como gigantesca, havendo comparação com um “anjo”, logo na primeira estrofe. Os anjos, numa descrição teológica são puros, portanto, o eu-lírico resgata a ideia de um amor perigoso para a época, porém puro, original, existindo uma predileção por “trono”, “leito dourado” e “gozo” na última estrofe.

Gregório de Matos Guerra, alcunha de “Boca do Inferno” ou “Boca de Brasa”, possivelmente foi o pioneiro na difusão de poemas satíricos, em cujo enredo estava a figura do homossexual masculino do século XVII (TREVISAN, 2018).

Consoante ao que foi descrito por Trevisan (2018), Gregório de Matos Guerra, foi um poeta satírico com seus desafetos, inclusive o trecho a seguir traz uma imagem horrenda do governador geral do Brasil, atentando contra o desvio heterossexual do governador Antônio Luís da Câmara Coutinho.

Na gargantona,  
 membro do gosto,  
 está composto  
 o órgão mais sutil  
 da voz fanchona.

Vamos à giba:  
 mas eu que intento,

se não sou vento  
para poder trepar  
lá tanto arriba?  
[...]

Dos santos passos  
na bruta cinta  
uma cruz pinta;  
a espada o pau da cruz,  
e ele os braços.

Vamos voltando  
para a dianteira,  
que na traseira  
o cu vejo açoitado  
por nefando.  
[...]

(MATOS, 1976, p. 107).

O centramento na poesia de Gregório de Matos tomam por fundamento uma possível homossexualidade escondida do governador Antônio Luís da Câmara Coutinho, servindo de exemplo para visualização do ódio contra homens que praticam sexo com outros homens. “Boca do Inferno”, como era mais conhecido por sua sátira imoderada para a época, foi um grande expoente na história da discriminação e hostilidade literária contra homossexuais brasileiros, discorrendo satiricamente sobre homossexualidade masculina, feminina, bissexualidade e pedofilia.

Embora para Fernandes (2012), *Um homem gasto* (1885), de Ferreira Leal e *O menino do Gouveia* (1914)<sup>21</sup>, de Capadócio Maluco, geralmente sejam apresentadas como narrativas fundantes da literatura de conteúdo homossexual masculino no Brasil, Silva (2014) destaca que existe uma dificuldade de reconhecimento ou consenso deste pioneirismo.

A temática da bissexualidade nasce com Álvares de Azevedo, em *O cortiço* (1890), não havendo nenhum outro registro em prosa anterior à publicação da referida obra (BASTOS, 2020). Abaixo um pequeno trecho da narrativa, que se utiliza de uma construção bissexual.

Correu muita gente até à rua. O rapaz não tinha chegado ainda. Léonie ficou contrariada.  
— Imprestável!... resmungou. Faz-me ir sozinha por aí ou incomodar alguém que me acompanhe!  
[...]

---

<sup>21</sup> Na orelha da primeira capa do livro de James Naylor Green (2000), o estudioso destaca *O menino do Gouveia* (1914), como provável primeiro conto homoerótico da literatura brasileira.

Na ocasião em que Léonie partia pelo braço do amante, acompanhada até o portão por um séquito de lavadeiras, a Rita, no pátio, beliscou a coxa de Jerônimo e soprou-lhe à meia voz:

— Não lhe caia o queixo!...

[...]

— Oh! Oh! Deixa disso! Deixa disso! reclamava Pombinha estorcendo-se em cócegas, e deixando ver preciosidades de nudez fresca e virginal, que enlouqueciam a prostituta.

— Que mal faz?... Estamos brincando...

— Não! Não! balbuciou a vítima, repelindo-a.

— Sim! Sim! insistiu Léonie, fechando-a entre os braços, como entre duas colunas; e pondo em contato com o dela todo o seu corpo nu.

Pombinha arfava, relutando; mas o atrito daquelas duas grossas pomas irrequietas sobre seu mesquinho peito de donzela impúbere e o rogar vertiginoso daqueles cabelos ásperos e crespos nas estações mais sensitivas da sua feminilidade, acabaram por foguear-lhe a pólvora do sangue, desertando-lhe a razão ao rebate dos sentidos.

Agora, espolinhava-se toda, cerrando os dentes, fremindo-lhe a carne em crispações de espasmo; ao passo que a outra, por cima, doida de luxúria, irracional, feroz, revolteava, em corcovos de égua, bufando e relinchando.

E metia-lhe a língua tesa pela boca e pelas orelhas, e esmagava-lhe os olhos debaixo dos seus beijos lubrificandos de espuma, e mordida-lhe o lóbulo dos ombros, e agarrava-lhe convulsivamente o cabelo, como se quisesse arrancá-lo aos punhados. Até que, com um assomo mais forte, devorou-a num abraço de todo o corpo, ganindo ligeiros gritos, secos, curtos, muito agudos, e afinal desabou para o lado, exânime, inerte, os membros atirados num abandono de bêbedo, soltando de instante a instante um soluço estrangulado.

[...]

Pobre Pombinha! no fim dos seus primeiros dois anos de casada já não podia suportar o marido (AZEVEDO, 1890, p. 118-9-30-201).

O romance naturalista foi uma ruptura com o ultraconservadorismo da época, quando Azevedo narra de modo explícito a lesbianidade das personagens Léonie e Pombinha, explorando a bissexualidade feminina das personagens.

Todavia, como houve uma perseguição desenfreada ao que fizesse alusão ao assunto homossexual durante a Era Vargas, conforme informa Machado (2021), trabalho com a hipótese circunspecta de uma afirmação preambular insegura. Jorge Amado e Monteiro Lobato destacam-se como exemplos artísticos da repressão da Era Vargas no Brasil, indicando que a ditadura militar não poupava nenhuma pessoa que subvertesse a ordem. Durante esse período de militarização e censura, várias produções foram proibidas de circular, sendo que algumas foram queimadas em praça pública (MACHADO, 2021; TREVISAN, 2018).

Para o campo da crítica literária, o tema da travestilidade no cenário literário brasileiro foi introduzido pela obra *As mulheres de Mantilha* (1870), de Joaquim Manuel de Macedo (FERNANDES, 2012). Porém, para Fernandes e Schneider (2016), *A grande atração* (1936), de Raimundo Magalhães Júnior, caracteriza o marco inicial da temática no Brasil uma vez que o romance histórico de Joaquim

Manuel de Macedo, escondia um homem disfarçado de mulher, sendo que o propósito era desviar os olhares para driblar o serviço militar durante a guerra do Brasil – Paraguai.

Como a grande crítica proclama *A grande atração* (1936) como marco pioneiro do tema que envolve a travestilidade literária no Brasil, apresento um fragmento, logo abaixo, por se tratar de uma literatura que se preocupa com a visibilidade travesti, ao trazer uma representação social através do conto de Magalhães Júnior. O tema da travestilidade pela primeira vez aparece na voz de uma personagem principal, mostrando uma ruptura com o cisheteropatriarcado.

Mas nas óperas quase só havia papéis de tenor, de barítono e de baixo. Só no 'Orfeu', de Gluck, havia um bom papel masculino, mas para contralto, sempre representado por mulheres. [Bianchi] Quis interpretá-lo. Não lhe deram o papel. E o professor declarou:  
— Isso seria uma confissão vergonhosa para você... Mude de vida... Pode ser que um dia venha a ser tenor...  
Bianchi, porém, preferiu o travesti. Andou primeiro na **varieté**. Depois no circo. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1967, p. 207-208, grifo do autor).

Em meio ao universo da invisibilidade travesti, encontro uma personagem ousada e corajosa, o que caracteriza valorização da proposta de Magalhães Júnior, uma vez que a cultura cisheteropatriarcal permanece reverberando o itinerário das travestis, a ponto da citação tecer uma reflexão sobre a falta de oportunidade no mercado de trabalho.

Após a publicação pioneira de *A grande atração* (1936), de Raimundo Magalhães Júnior, sucederam outras obras no século XX, em que a travestilidade foi debatida. Fernandes (2016) e Fernandes (2016b) destacam os contos *Taís* (1967), de Walmir Félix Ayala, publicado na coletânea *Histórias do amor maldito*, coordenada por Gasparino Damata, *Feliz ano novo*, uma antologia que dá vida ao conto *Dia dos namorados* (1975); de Rubem Fonseca; *Amor grego* (1986), pertencente à última parte do livro *Memórias da guerra*, de Aguinaldo Silva; *Ruiva* (1978), de Julio César Moreira Martins, publicado na coletânea *Sabe quem dançou?*; *Rita Pavone não usa tubinho* (1984), de Zeilton Alves Feitosa, publicado pela coletânea *Algolagnia*; *Mudanças* (1995), de Orlando Jerônimo; *O anjo da avenida atlântica* (1995), de Luís Canabrava, ambos publicados pela coletânea *O amor com olhos de adeus*, coordenada por José Carlos Honório; *Noites de Rosali* (1979) e *A bichinha da sorveteria* (1979), de Darcy Penteado, ambos publicados pela coletânea *Teoremambo*. A temática em análise também pode ser encontrada nos romances,

*Georgette*, (1956) e *Uma mulher diferente*, (1965), ambos de Cassandra Rios; *Crônica da casa assassinada* (1959), de Lúcio Cardoso; *O travesti* (1980 – data provável ou aproximada), de Adelaide Carraro; *Stella Manhattan* (1985), de Silviano Santiago; *O fantasma travesti* (1988), de Silvia Orthof; *Nicola* (1999), de Danilo Angrimani. Fernandes (2016) e Fernandes (2016b) também mencionam a novela, *O milagre* (1978), de Roberto Freire e a peça de teatro, *Shirley* (1979) de Leopoldo Serran.

Ainda neste aspecto, a maior parte das obras literárias, envolvendo o tema da travestilidade, geralmente são de edição única no Brasil (FERNANDES, 2016; FERNANDES, 2016b). Tal fato colabora com a dura realidade do cenário brasileiro, a considerar que a travesti permanece rodeada pela invisibilidade social, tendo que conviver com uma expectativa de vida diminuta no Brasil, o que pode ser lido como um contraponto entre o contraste social e ficcional.

No quadro 1, apresento uma compilação das obras literárias com personagens travestis, representando os avanços do século XX. O uso do quadro permite uma visualização clara por gênero textual.

#### **Quadro 1: A presença de personagens travestis em obras nacionais**

<b>Gênero</b>	<b>Título da obra</b>	<b>Autor/a</b>	<b>Ano de publicação</b>	<b>Coletânea</b>	<b>Edição/Editora</b>
<b>Conto</b>	<i>Taís</i>	Walmir Félix Ayala	1967	Histórias do amor maldito	1ª edição (Editora Record)
	<i>Dia dos namorados</i>	Rubem Fonseca	1975	Feliz ano novo	1ª edição (Editora Artenova)

					11ª edição (Editora Nova Fronteira, 2021)
	<i>Amor grego</i>	Aguinaldo Silva	1986	Memórias da guerra	1ª edição (Editora Record)
	<i>Ruiva</i>	Julio César Moreira Martins	1978	Sabe quem dançou?	1ª edição (Editora Codecri)
	<i>Noites de Rosali</i>  <i>A bichinha da sorveteria</i>	Darcy Penteado	1979	Teoremambo	1ª edição (Editora Cultura)
	<i>Rita Pavone não usa tubinho</i>	Zeilton Alves Feitosa	1984	Algolagnia	1ª edição (Editora Econ Editorial)
	<i>Mudanças</i>	Orlando Jerônimo	1995	O amor com olhos de adeus	1ª edição (Editora Transviatta)
	<i>O anjo da avenida atlântica</i>	Luís Canabrava	1995	O amor com olhos de adeus	1ª edição (Editora Transviatta)

	<b>Título da obra</b>	<b>Autor/a</b>	<b>Ano de publicação</b>	<b>Edição/Editora</b>
<b>Novela</b>	<i>O milagre</i>	Roberto Freire	1978	1ª edição (Editora Símbolo)
<b>Peça teatral</b>	<i>Shirley</i>	Leopoldo Serran	1979	1ª edição (Editora Codecri)
<b>Romance</b>	<i>Georgette</i>	Cassandra Rios	1956	1ª edição (Editora MM)
	<i>Crônica da casa assassinada</i>	Lúcio Cardoso	1959	1ª edição (Editora Círculo do Livro)
				Republicado em 2018 (Editora Compasso dos Ventos)
	<i>Uma mulher diferente</i>	Cassandra Rios	1965	1ª edição (Editora Record)

				Republicado em 2005 (Editora Brasiliense)
	<i>O travesti</i>	Adelaide Carraro	1980 (Data provável)	1ª edição (Editora Loren)
	<i>Stella Manhattan</i>	Silviano Santiago	1985	1ª edição (Editora Nova Fronteira)
				2ª edição (Editora Rocco, 1991)
				Republicado em 2017 (Editora Companhia das Letras)
	<i>O fantasma travesti</i>	Silvia Orthof	1988	1ª edição (Editora Espaço e Tempo)
	<i>Nicola</i>	Danilo Angrimani	1999	1ª edição (Editora GLS)

Fonte: Adaptado de (FERNANDES, 2016, p. 65)

A tabela anterior está organizada em ordem cronológica, do primeiro para o último registro literário. O quadro também está organizado pela categoria gênero textual. A construção do quadro permite mostrar que o tema da travestilidade tem ganhado destaque, ainda que exista a presença de estereótipos e desfechos inconclusivos, o que no dizer de Fernandes (2016), significa avanço editorial.

Empunhei o termo travestilidade, pensando na inclusão das travestis, pois existe um pensamento global equivocado que trata a travestilidade como indecisão, uma vez que a cirurgia de redesignação sexual não é consenso entre as mesmas, o que significa dizer que para o entendimento do termo, faz-se imprescindível enxergar a travesti, segundo Benedetti (2005), como corpo feminino. Este reconhecimento da identidade coopera para o respeito.

Considerando o contexto histórico das obras literárias, *Primeira carta aos andróginos* (1975), de Aguinaldo Silva, é apontada como marco inicial da literatura de temática transexual no Brasil (AIRES; SANTOS, 2019). Destaco um pequeno trecho dessa narrativa, “e eu, crescendo, menino-homem, menino-mulher, ainda sem escolher esse destino de ser hoje o que não sou” (SILVA, 1975, p. 21).

Silva (1975), na passagem anterior, consegue transgredir com naturalidade, uma vez que o tema aparece cristalizado pela óptica biológica na contemporaneidade. Segundo Trevisan (2018), o brasileiro aprecia eclipsar o que se desloca da binaridade de gênero.

Seguindo com a descrição histórica, a homoparentalidade como tema literário aparece pela primeira vez na obra de Milton Camargo, cujo título é *O passarinho vermelho* (1980). E observando o que afirma Machin (2016), o termo homoparentalidade teve sua origem no francês, e significa adoção por casais do mesmo sexo.

A citada obra amplia o debate sobre o tema da adoção por pessoas do mesmo sexo, ao inserir uma discussão pela óptica do gênero fábula, o que confere o *status* de fábula fundante da discussão literária sobre adoção homoparental.

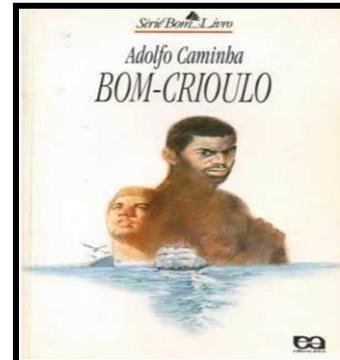
Aqui, apresento uma exposição de imagens das narrativas que a pesquisa bibliográfica conseguiu compilar como obras de abordagem LGBT, incluindo lesbianidade, homossexualidade masculina, bissexualidade, transexualidade e adoção homoparental. A apresentação ulterior é uma síntese a partir das considerações tecidas anteriormente, sobretudo para facilitar a visualização na pesquisa.

**Imagens 3: Obras LGBT's consagradas como o grande alicerce literário brasileiro**

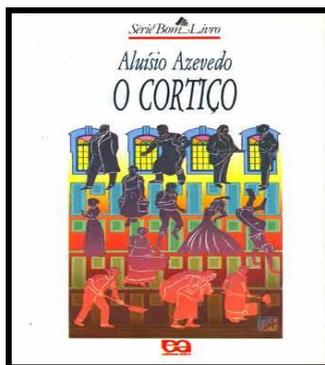
**Lesbianidade**



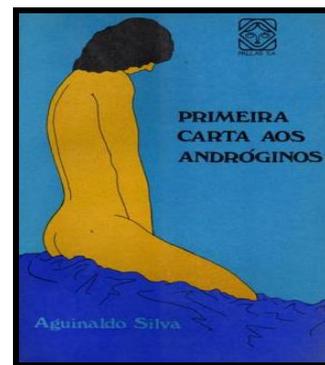
**Gay**



**Bissexual**



**Transexual**



**Adoção Homoparental**



**Fonte: Livros dos(as) autores(as).**

Nessa perspectiva, investigando o conteúdo, não consegui localizar a obra *A grande atração* (1936), de Raimundo Magalhães Júnior, posto que não houve uma

reedição do conto. Nesse caso, a pesquisa usou como fonte para referência a coletânea *Histórias do amor maldito*, de Gasparino Damata (1967).

De modo geral, os termos utilizados para descrever os sujeitos dissidentes nos diferentes períodos aqui descritos justificam o conflito fundante desse conteúdo de abordagem LGBT, a incluir vocábulos como “mariquinha”, “enrustido”, “entendido”, “afetado”, “anormal”, o que evidencia o grau de dificuldade para se determinar a cissura entre satirização e reconhecimento da diversidade de gênero e sexualidade.

A apresentação histórico-cronológica da temática LGBT através da literatura colaborou para o desenvolvimento desta dissertação de mestrado sobre o pretexto da investigação da cultura cisheteropatriarcal, desde os mais antigos textos literários até o momento atual.

A estratégia ulterior de apresentar um quadro com livros infantojuvenis de temática LGBT datados a partir de 1969, como afirma Facco (2009), forma um quadro bibliográfico que serve de base para ampliação e visibilidade do assunto.

**Quadro 2: Obras literárias nacionais e infantojuvenis de temática LGBT publicadas a partir de 1969<sup>22</sup>**

<b>Título da obra</b>	<b>Ano de publicação</b>	<b>Autor/a</b>	<b>Editora</b>	<b>Tema central</b>	<b>Idade</b>
<i>Sempre por perto</i>	1999	Ana Claudia Ramos	Cortez	Lesbianidade ou bissexualidade	12 ou mais
<i>Shangrilá</i>	2009	Marina Porteclis	Malagueta	Lesbianidade	12 ou mais
<i>Aquele dia junto ao mar</i>	2009	Karina Dias	Malagueta	Lesbianidade	Não consta
<i>Depois</i>	2011	Rafaella	Malagueta	Lesbianidade	14

<sup>22</sup> Conforme já comentado, a ditadura militar como o processo de invisibilidade que provoca o tema LGBT, por certo dificultou o levantamento bibliográfico de narrativas literárias infantojuvenis de temática LGBT, tal fato me levou a construir uma tabela com todas as obras localizadas durante a construção desta dissertação, pensando, principalmente na visibilidade do tema, com foco no ano de publicação e sempre que possível a recomendação por idade.

<i>daquele beijo</i>		Vieira			anos
<i>Diário de uma garota atrevida</i>	2012	Karina Dias	Malagueta	Lesbianidade	14 anos
<i>A princesa e a costureira</i>	2015	Janaína Leslão	Metanoia	Lesbianidade	12 ou mais
<i>Minhas duas avós</i>	2017	Ana Teixeira	Jandaíra	Lesbianidade	Não consta
<i>Mesmo que eu vá embora</i>	2019	Lethycia Dias	Lethycia Dias	Lesbianidade	Não consta
<i>Irresistível</i>	2020	Karina Dias	Vira Letra	Lesbianidade	Não consta
<i>Por que eu não consigo gostar dele/dela?</i>	2020	Anna Claudia Ramos & Antônio Schimeneck	Oficina Raquel	Homossexualidade feminina e masculina	Não consta
<i>Encontros e desencontros</i>	2021	Karina Dias	Vira Letra	Lesbianidade	Não consta
<i>O gato que gostava de cenoura</i>	1999	Rubem Alves	Edições Loyola	Homossexualidade masculina	9-12 anos
<i>Do jeito que a gente é</i>	2009	Márcia Leite	Ática	Homossexualidade masculina	9-12 anos
<i>Tudo por você</i>	2012	Georgina Martins	Garamond	Homossexualidade masculina	Não consta
<i>O namorado</i>	2013	Plínio	Selo	Homossexualidade	Não

<i>do papai ronca</i>		Camillo	Prologo	masculina	consta
<i>O cavaleiro e o lobisomem: uma história de coragem</i>	2018	Alexandre de Souza Amorim	Crianças Diversas	Homossexualidade masculina	Não consta
<i>O irmão da minha amiga</i>	2020	Fernando Bertozzi	Clube de Autores	Homossexualidade masculina	Não consta
<i>O fantasma travesti</i>	1988	Sylvia Orthof	Espaço e Tempo	Travesti	Não consta
<i>É proibido miar</i>	2006	Pedro Bandeira	Moderna	Trans	9-12 anos
<i>O fado padrinho, o bruxo afilhado e outras coisinhas mais</i>	2009	Ana Claudia Ramos	Prumo	Trans	6-8 anos
<i>Joana princesa</i>	2016	Janaína Leslão	Metanoia Editora	Trans	12 anos
<i>Pode pegar</i>	2017	Janaína Tokitaka	Boitató	Trans	4-5 anos
<i>Meu maninho é uma menina</i>	2019	João Paulo Hergesel	Jogo de Palavras	Trans	Não consta
<i>O gato ratado e o rato</i>	2021	Thais Evangelista	Saíra Editorial	Trans	5-8 anos

<i>gatudo</i>		& Frederico Brito			
<i>O passarinho vermelho</i>	1980	Milton Camargo	Ática	Adoção homoparental e transexualidade	6-8 anos
<i>Eu tenho duas mães</i>	2010	Márcio Martelli	In House	Adoção homoparental	Não consta
<i>Meus dois pais</i>	2010	Walcyr Carrasco	Ática	Adoção homoparental	6-8 anos
<i>Mamães e papais</i>	2013	Emerson Machado	Aaatchim	Adoção homoparental	8 ou mais
<i>Três mocinhas elegantes</i>	2018	Cristina Villaça	Grupo Editorial Zit	Adoção homoparental	Não consta
<i>Mãe não é uma só, eu tenho duas!</i>	2020	Nanda Mateus & Raphaela Comisso	Saíra Editorial	Adoção homoparental	3-5 anos
<i>Maya: bebê arco-íris</i>	2020	Xuxa Meneghel	Globinho	Adoção homoparental	7 ou mais
<i>Minha família é uma festa</i>	2021	Fernando Baptista	Jandaíra	Adoção homoparental	5-8 anos
<i>Fausto: o dragão que queria ser dragão</i>	1969	André Romano	Giostri	Intersexual	Não consta

Fonte: Produção do autor (2022).

A produção literária de temática LGBT não tem sido incorporada pelo cânone, alcançando um estrato de paraliteratura<sup>23</sup>, por entender que se trata de uma cultura de massa (FARIAS, 2018). Fernandes (2016) e Farias (2018) destacam que a literatura de temática LGBT ganhou essa condição periférica, principalmente por pensar na inclusão de uma categoria ou comunidade marginalizada socialmente.

Para refletir sobre o cânone, busquei apoio em Kothe (2000), enquanto representação crítica, pois este afirma que as obras literárias consideradas canônicas, de maneira geral, não correspondem ao interesse social e coletivo. A inclusão no cânone literário, particularmente, representa uma faceta social, incluindo a limitação de um sistema que age de acordo com o veredicto de um grupo politicamente organizado, indicando que existe uma “ditadura” no processo de escolha das obras literárias pertencentes ao cânone (KOTHE, 2000).

Machado de Assis, escritor brasileiro pertencente ao cânone literário<sup>24</sup>, constitui um exemplo contraditório (KOTHE, 2000). Em outras palavras, não em vão, Machado de Assis faz parte do cânone literário brasileiro, visto que, além de ser reconhecido internacionalmente, o mesmo faz parte da fundação do cânone no Brasil. E focando na literatura de representação dissidente, Kothe (2000, p. 510), advoga que “o sistema trata a leitura dissidente como se fosse uma doença a ser sufocada no nascedouro [...]”.

Entrar para o cânone ou fazer parte dele, independe da qualidade da obra literária. O que persiste, segundo Kothe (2000), é um sistema de apadrinhamento político, as famosas “panelinhas”.

Nesse sentido, o cânone literário é excludente no que tange ao modo de escolha das obras literárias (KOTHE, 2020). Observa-se exclusão de temas que discorrem sobre alguns subgrupos sociais, de forma que etnias, regionalismos, aspectos culturais, estão associados ao inferior e, por isso, não há espaço dentro do cânone, segundo Kothe (2020). “Estigmatizam-se as obras que se contentam em reproduzir os modelos estereotipados sem distância crítica” (AMOSSY; PIERROT, 2022, p. 95-6).

---

<sup>23</sup> “Alguns teóricos classificam os textos em ‘bons’ ou ‘ruins’. O texto literário seria bom, enquanto o ‘paraliterário’, ou ‘subliterário’, seria ruim. Tal critério de classificação, por sua subjetividade, está longe de merecer ser considerado certo ou definitivo” (FACCO, 2009, p. 148).

<sup>24</sup> “Se houvesse um confronto sistemático, a ‘convivência’ aparentemente forçaria um grande esforço para que os canônicos brasileiros não evaporassem como os vampiros à luz da aurora” (KOTHE, 2000, p. 520).

Considerando que existe uma invisibilidade da literatura de abordagem LGBT no Brasil, em especial da literatura infantojuvenil, existindo movimentos contrários à comercialização dessas narrativas<sup>25</sup>, essa dissertação mediante uma consulta bibliográfica sobre o tema, chegou em *Shangrilá* (2009), de Marina Portecelis, que discute a lesbianidade na perspectiva rural. E que segundo Korich e Bacelar (2018), possivelmente seja o primeiro romance a ter uma heroína lésbica camponesa na categoria literária infantojuvenil.

Na visão de Oliveira (2017), *A princesa e a costureira* (2015), de Janaína Leslão, é considerado o marco fundante na categoria conto de fadas lésbico da literatura infantojuvenil brasileira.

Vale a menção, nesta conjuntura, à *Sempre por perto* (1999), de Anna Claudia Ramos, considerada vanguardista da literatura infantojuvenil brasileira, por ser a primeira narrativa de temática lésbica escrita por uma mulher (RAMOS, 2016).

Também, em 1980, foi publicada a primeira fábula de temática transexual, como já citado anteriormente nesta seção. Há também o livro *Joana princesa* (2016), de Janaína Leslão, que tem sido considerado o primeiro conto de fadas com uma protagonista transexual na literatura infantojuvenil brasileira (STEFANEL, 2016).

Não se faz necessário examinar minuciosamente a História para constatar que há um silêncio retumbante que gravita as sexualidades dissidentes, como a produção literária de predominância LGBT. Dessa forma, as considerações sobre o percurso histórico, a construção de tabelas e a seleção de imagens cedidas para esta dissertação, permitem ao leitor conhecer vários dos embaraços que cercam a literatura, em especial a literatura infantojuvenil brasileira de predominância LGBT.

É preciso levar em conta o caráter embrionário de pesquisas sobre o percurso histórico das primeiras narrativas infantojuvenis brasileiras de temática LGBT, ficando a dissertação com lacunas, ao não ser possível determinar o vanguardismo homossexual masculino, bissexual e travesti.

Conforme já apontado, embora a literatura de temática LGBT adulta tenha enfrentado grandes privações, o gênero infantojuvenil, nesse caso, sofreu poucas intervenções, possivelmente pelo surgimento tardio no Brasil. Ainda assim, alguns dados históricos não foram recuperados, retornando à cena o preconceito colonial,

---

<sup>25</sup> Para ficar em exemplo de grande repercussão, em 2019, Marcelo Crivella tentou censurar uma HQ com beijo entre dois personagens homossexuais masculinos, na Bienal do Livro do Rio de Janeiro. Mais informações disponíveis em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/crivella-manda-recolher-hq-dos-vingadores-com-beijo-gay-bienal-se-recusa-23930534>>. Acesso em: 5 jul. 2022.

já que socialmente existe uma predileção pela cultura cisheteropatriarcal, que desconsidera os não-heterossexuais.

Por fim, percebe-se uma ousadia e coragem dos(as) autores(as) de narrativas de cunho LGBT, considerando o escárnio social que gravita a comunidade LGBT.

### 3.2 Breve recorte histórico da literatura infantojuvenil

*Embora filha do mundo, a obra é um mundo.*  
(**Antônio Candido, 2013**).

É importante destacar que a expressão “literatura infantojuvenil” apresenta nuances divergentes. Em virtude disso, qualquer tentativa de descrição jamais será suficiente, já que a crítica, como o público leitor, poderá outorgar ou repudiar qualquer proposição valorativa sobre o assunto, sendo quase impossível sua delimitação, pois, segundo Arroyo (2011), leitor, crítico e indústria editorial, possuem entendimentos geralmente diferentes.

Diante dessas dissonâncias, somente o nome “literatura infantojuvenil” é contemporâneo, pois de acordo com Zilberman (2008), a origem do gênero remonta à antiga Grécia, cuja classificação ficava abarcada pelo nome de “poesia”. No cenário atual, observa-se que a literatura geralmente está sedimentada na compleição de caráter didático e, por isso, consoante Zilberman (2008), ela tem sido usada em atividades de recreação, interpretação, leitura, uma vez que é capaz de criar, como também de reproduzir atmosferas sociais e psicológicas.

A *Ilíada* (século XIX a.C.) e a *Odisseia* (século VIII a.C.) marcam o surgimento da “poesia” ou “literatura”, embora exista discordâncias sobre esse vanguardismo poético ou literário (ZILBERMAN, 2008). O estudo de Arroyo (2011) destaca os *Lusíadas* (1572), de Luís de Camões, considerada pelos críticos brasileiros como obra precursora da literatura escolar, literatura popular, literatura infantil e juvenil<sup>26</sup>.

A tradição de leitura de **Os Lusíadas** é muito antiga no Brasil, e um fato curioso o demonstra: no inventário do bandeirante Pero de Araújo, integrante da bandeira do Capitão Antônio Pedroso de Alvarenga, feito em dezembro de 1616, em pleno sertão, Camões estava presente. No verso de uma página do documento, encontravam-se quatro estâncias de **Os Lusíadas** escritas pelo escrivão da bandeira (ARROYO, 2011, p. 119, grifos do autor).

<sup>26</sup> “Adverte-se que é difícil distinguir a edição escolar da popular. Ambas trazem o necessário aparato didático, como acontece, por exemplo, com a edição de Francisco Sales de Lencastre, destinada para a ‘leitura da infância e do povo’” (ARROYO, 2011, p. 114).

Colomer (2017), por exemplo, assinalou que a existência de uma literatura infantojuvenil é uma realidade específica da contemporaneidade, em que os primeiros registros são do século XVIII. Já sua incursão nas universidades brasileiras é recente por ser um processo decorrido no século XX (ZILBERMAN, 2008).

Para Arroyo (2011) e Cademartori (2010), a literatura infantojuvenil aparece como elemento de interesse público no século XVII, quando o francês Charles Perrault, conhecido mundialmente como o precursor, através do processo de compilação de estórias orais<sup>27</sup> que, direto ou indiretamente estavam relacionadas com a Europa, consegue adaptar as primeiras tiragens de grande sucesso mundial<sup>28</sup>.

De acordo com o pesquisador Leonardo Arroyo (2011), existe uma ligação inseparável entre a origem e a expansão da literatura, destinada ao público infantil, cujo expoente seria Charles Perrault. O ensaísta Leonardo Arroyo (2011) defende a ideia de que o francês seja o precursor responsável por despertar o olhar de novos criadores de estórias infantis.

É que de acordo com Cademartori (2010), o trabalho dos Irmãos Grimm, século XIX, provocou uma nova onda explosiva na Alemanha, alcançando outros países, continentes e sendo trilhado por grandes intelectuais como o dinamarquês Christian Andersen, o italiano Collodi, o inglês Lewis Carroll, o estadunidense Frank Baum e o escocês James Barrie.

Arroyo (2011) afirma que os primeiros compêndios são dos séculos XVII e XVIII, embora ocorra uma popularidade da literatura infantojuvenil somente no século XIX. E consoante Arroyo (2011), a primeira obra literária a desbravar o cenário brasileiro foi *Contos e histórias de proveito e exemplo* (1575), do escritor português Gonçalo Fernandes Trancoso.

À vista disto, as primeiras publicações a circularem durante o século XIX, provinham de traduções eruditas da Europa (ARROYO, 2011). Essa é uma exemplificação clara do tamanho da dependência brasileira da produção literária europeia. Consoante Arroyo (2011), uma das primeiras traduções de origem não

---

<sup>27</sup> Este gênero é anterior a Charles Perrault, conforme Cademartori (2010), uma vez que a oralidade acompanha o processo de evolução humana.

<sup>28</sup> Descendente da burguesia, Charles Perrault fez adaptações da oralidade burguesa, em especial, por conviver, como ouvir homens e mulheres presos de sua própria liberdade, ficando evidente que não houve criação artística ou literária, mas adaptação (CADEMARTORI, 2010).

portuguesa a circular no Brasil, pode ser atribuída ao escritor inglês Daniel Defoe, com sua obra *Robinson Crusoé* (1719). Inclusive, a partir disso, segundo Arroyo (2011) a literatura passou a descrever de forma positiva a população negra e indígena.

A consolidação da literatura infantojuvenil é recente, embora histórias orais, possivelmente sejam tão antigas, quanto o processo evolutivo da humanidade (ARROYO, 2011; SEFFRIN, 2016). O ato de contar história é uma atividade antiga<sup>29</sup> (SEFFRIN, 2016).

Cabe aqui uma recapitulação a título de compreensão.

A Literatura precede o alfabeto. Os iletrados possuem a sua Literatura. Os povos primitivos, ou quaisquer agrupamentos humanos alheios ainda às disciplinas de ler e escrever, nem por isso deixam de compor seus cânticos, suas lendas, suas histórias; e exemplificam sua experiência e sua moral com provérbios, adivinhações, representações dramáticas - vasta herança literária transmitida dos tempos mais remotos, de memória em memória e de boca em boca (SEFFRIN, 2016, p. 14).

É importante destacar que a formação da literatura infantojuvenil brasileira incorporou sua mestiçagem, pois a oralidade trazida pelo homem branco europeu, o negro escravizado, somado ao discurso indígena, é um ponto a ser considerado, porque a cultura ágrafa possibilitou essa junção de diferentes matrizes (ARROYO, 2011). Daí a importância de se pensar no didatismo literário, porque, consoante Colomer (2017), a literatura infantojuvenil tem inserido o tema “gênero” a partir de uma abordagem reflexiva.

Cronologicamente, a eclosão da literatura infantojuvenil brasileira ocorreu em 1986 (ARROYO, 2011). Por conseguinte, a literatura de temática LGBT, como observado em seção anterior, permanece categorizada de paraliteratura.

Dando sequência, segundo Arroyo (2011), *Narizinho arrebitado* (1921), obra de Monteiro Lobato, designa aquilo que se entende como o primeiro expoente brasileiro na literatura infantil. Em contrapartida, há quem associe a difusão e consolidação da literatura infantojuvenil brasileira ao trabalho árduo de Cecília Meireles (SEFFRIN, 2016).

Diante dessas observações, interessa a observação sobre o notável aparecimento do nome de Monteiro Lobato, considerado pela crítica literária

---

<sup>29</sup> “Ainda hoje os contadores de histórias são indispensáveis para as crianças pequenas. A eles devemos a permanência de contos como os de **As mil e uma noites**, de origem persa e hindu, um dos maiores tesouros da literatura universal” (SEFFRIN, 2016, p. 11, grifo do autor).

contemporânea como o precursor da literatura infantojuvenil no Brasil. Também vale mencionar que sua produção anulou a realidade nativa, tendo em vista, o próprio modelo social e o público leitor, descrevendo uma realidade sempre pensada pela óptica europeia.

Também pode-se destacar o nome da escritora sueca, Ellen Key, que conforme pontua Arroyo (2011), foi de grande valia para a liberdade artística da literatura. Arroyo (2011), não dá pistas dessa contribuição de Ellen Key, deixando subentendido que se trata de um rompimento com as convenções sociais de sua época.

A presente seção permitiu enxergar o quão difícil pode ser a definição de literatura infantojuvenil, cuja existência e extensão perpassa a História global.

### 3.3 Literatura infantojuvenil ou texto didático?

*Uma das funções da literatura infantil e juvenil é a de abrir a porta ao imaginário humano configurado pela literatura.  
(Teresa Colomer, 2017).*

Desde as grandes rodas de estórias orais, dos engenhos e fazendas cafeeiras, que o gênero estudado conserva em maior ou menor grau, o didatismo<sup>30</sup> (ARROYO, 2011). Como afirma Seffrin (2016), a opção por este modelo é quase uma regra universal.

Às vezes predomina a ideia de que os livros devem servir para ensinar diretamente às crianças, dando-lhes **exemplos didáticos** de comportamento (tais como serem bem-educados, solidários etc.), ou então são olhados como material escolar adequado para **trabalhar temas** diversos (as cores, o bosque, a toxicodependência etc.). Outras vezes triunfa a ideia de que se trata, antes de tudo, de 'literatura' de obras que oferecem a experiência artística que pode estar ao alcance dos pequeninos (COLOMER, 2017, p. 19, grifos da autora).

Como observado anteriormente, a presença do didatismo permite estabelecer uma relação intrínseca entre literatura e educação, o que explicaria a afirmação de Colomer (2017).

A Psicologia não apenas reconhece a literatura infantil e juvenil como promotora do desenvolvimento intelectual, como também recomenda sua inserção

---

<sup>30</sup> “‘A ordem didática’, dizia Jungius, ‘pode ser sintética, isto é, compositiva, ou analítica, isto é, resolutive’. A ordem sintética vai ‘dos princípios ao principiado, dos constituintes ao constituído, das partes ao todo, do simples ao composto’ e é empregada pelo lógico, pelo gramático, pelo arquiteto e também pelo físico, quando passa das plantas aos animais ou dos seres menos perfeitos aos mais perfeitos” (ABBAGNANO, 2007, p. 52).

na sociedade (COLOMER, 2017). O caráter didático da literatura infantojuvenil tem sido estudado pela “corrente psicanalítica” (COLOMER, 2017, p. 21).

A popularidade da literatura esteve e geralmente permaneceu atrelada ao didatismo (ARROYO, 2011; SEFFRIN, 2016). A isso soma-se um exemplo clássico nordestino. Trata-se do livro de Antônio Marques Rodrigues, 1881 (ARROYO, 2011). Refiro-me ao Nordeste, a considerar o volume de tiragens da obra, *O livro do povo* (1881). Para entender essa fase, afirma Arroyo (2011) que nessa época não havia incentivos fiscais para a divulgação, ampliação da literatura e leitura<sup>31</sup> no Brasil, uma não raridade, por haver uma predominância de serviços laborais, dispensando qualquer investimento em atividades de desenvolvimento intelectual.

Tal característica pode, de fato, ser também localizada nas obras literárias do século XX, quando a literatura oferecida aos meninos e meninas torna-se, então, um movimento de valorização da cultura nacional, opondo-se ao estrangeirismo e mantendo ao seu redor autores nacionais que se identificavam com a proposta de renovação (ARROYO, 2011). No entanto, o didatismo acompanha os escritores e escritoras, situação recorrente, inclusive na contemporaneidade.

Não há como pensar a popularidade e o avanço da produção literária brasileira desvinculada do seu didatismo moral, uma herança colonial do Brasil-Império (ARROYO, 2011). Tal fato ajuda a tornar ainda mais notória a influência didática presente nos textos literários do século XXI.

Quando se pensa nos aspectos didáticos, não podemos esquecer o nome do gênio Monteiro Lobato, como descrito por vários críticos literários, o que lhe abre espaço para o reconhecimento paternal da literatura infantil no Brasil (ARROYO, 2011). Ao estudá-lo, é possível perceber a prática da associação entre sua produção literária e o didatismo, a exemplo de *Narizinho arrebitado* (1921), sua primeira obra de estreia neste movimento de ruptura com o mercado editorial estrangeiro, embora o reconhecimento tenha se dado pela óptica escolar, conferindo ao assunto o seu caráter enraizado de obra literária e didática (ARROYO, 2011).

O nascimento de *Narizinho arrebitado* (1921), obra literária de Monteiro Lobato, mesmo com o seu caráter de transgressão ou rompimento com o estrangeirismo literário do século XX, não deixou de ser associada a uma produção

---

<sup>31</sup> O próprio acesso aos bancos escolares era um privilégio de poucos, ficando fora da sala de aula, escravos, maiores de quinze anos, aqueles que apresentassem quadro clínico de contágio, conforme Regulamento da Instrução Pública de 1854, Art. 41, § 4º (MARANHÃO, 1856).

didática, inclusive, por isso, ganhou recomendação para o ambiente de sala de aula (ARROYO, 2011). O didatismo presente nas obras literárias, como se vê, não é recente, sendo uma característica que acompanha a própria oralidade literária, a considerar o uso da literatura para correção e imposição de valores éticos, cristãos (ARROYO, 2011).

Uma fala do mestre Escamado e amigo Cascudo deixa clara a presença do didatismo na obra *Narizinho arrebitado* (1921), de Monteiro Lobato<sup>32</sup>.

— Ora viva, mestre Escamado! Como lhe vae a saúdinha?  
 — Assim, assim, amigo Cascudo. Lasquei hontem tres escamas do lombo e o medico receitou-me ares de campo. Vim tomar o remedio, mas aqui encontrei este morro que não é meu conhecido, e estou a parafusar que diacho de terra tão branca e lisa é esta. Será porventura marmore? disse, batendo com a biqueira do guarda-chuva no nariz de Narizinho (LOBATO, 1921, p. 8).

É nessa clave que se desenvolve o didatismo, passando pelo suplício da vida na cidade grande, que é metaforizado pelo descanso no campo, pois aparece como lugar de comunhão entre homem e natureza. O didatismo, assim, aparece na obra de Monteiro Lobato, que de alguma forma, sintetizo através da citação anterior.

Desse modo, Monteiro Lobato, seria então o precursor da literatura infantil no Brasil, cuja obra contribui para o didatismo (ARROYO, 2011). Neste caso, para Arroyo (2011), uma estratégia usada por Monteiro Lobato para garantir a circulação de sua obra, posto que o conteúdo era todo direcionado para assuntos como nacionalismo, infância, magia, deixando prevalecer uma conjuntura que fosse capaz de atrair o público leitor.

Monteiro Lobato apresentou uma obra literária com elementos fortes do didatismo, apesar de em 1919 fazer uma crítica ao caráter didático, por considerar que este viés afastava as narrativas literárias de sua função primordial, a de fazer entreter o público leitor, trazendo uma coerência estética que não correspondia ao Brasil (ARROYO, 2011).

O próprio Monteiro Lobato responde, nesse artigo de saudação, à pergunta. Para ele, o mal dessa literatura era 'a preocupação de uma pátria verbal - pátria de parada ou de fachada', que 'estraga a maioria deles'. E acrescentava que as crianças se empanturravam nessas páginas de 'verborreia nacionalista, falsa e mentirosa sempre, adquirindo, não raro,

---

<sup>32</sup> É de fundamental importância deixar claro que me oponho ao racismo lobatiano, mas pelo recorte da pesquisa, o assunto não será abordado na dissertação. Ou seja, a produção lobatiana expressa o caráter eugenista e racista do escritor brasileiro, considerando que, "o autor apresenta espaço e tempo específicos, interpretando-os conforme sua visão de mundo" (MENDES; MAIA, 2019, p. 55).

engulho por uma 'pátria' que as seca tão impiedosamente' (ARROYO, 2011, p. 265).

No que tange ao caráter didático, de acordo com Arroyo (2011), pode-se dizer que os críticos, entre eles, Sud Mennucci, reconhece sua presença no cenário nacional, chegando inclusive a afirmar que o rompimento com a modalidade oral não apagou o didatismo, e acrescenta que *Saudade* (1919), de Tales de Andrade, por sua vez pode ser vista como pioneira da reprodução do viés didático da literatura escrita no Brasil.

Tales de Andrade, em *Saudade* (1919), mostra o impacto causado pela mudança de ambiente, quando o protagonista Mário relata em primeira pessoa.

Até parece impossível! Mais de três meses e sem emprego! Papai mexia por toda parte, falava com toda gente. Nada! Diziam que a ocasião era imprópria, davam mil desculpas, aconselhavam paciência. Na primeira vaga que aparecesse, não se esqueceriam dele. Promessas, muitas promessas, mas... só promessas (ANDRADE, 1919, p. 16-7).

Andrade (1919), descreve de forma didática, a realidade social que o país atravessava no começo do século XX, quando implicitamente pode-se perceber através da citação acima que o crescimento desordenado das grandes cidades deve ser uma questão combatida. Inclusive sua obra é uma denúncia social com forte conotação didática, a considerar o modo como é descrita a realidade social da família do senhor Raimundo.

A situação do pai do protagonista chama atenção, dada a reflexão que o fragmento provoca no(a) leitor(a), devido à quebra de expectativa da idealização da cidade grande, colaborando com um diálogo que permite entender que as migrações estão contribuindo para o inchaço dos grandes centros urbanos, acarretando o desenvolvimento de favelas, cortiços, uma ilustração que didaticamente permite testificar a existência de um problema social grave no começo do século XX.

Ainda nesse fragmento, pode-se observar que o deslocamento do campo para a cidade deve ser combatido, mostrando por meio da fala da personagem que a falta de estrutura é uma realidade latente, a começar pela falta de emprego.

No trecho abaixo, Andrade (1919) mostra o regresso do homem sertanejo ao campo, ao passo que a preservação ambiental aparece por meio das falas das personagens, uma forma sutil de empregar o didatismo em sua obra.

— Olhe, seu Raimundo, nesse caso as terras são suas.  
— Como assim?

— O senhor efetua a compra pagando-me a metade ou a terça parte na ocasião, e o resto após um prazo bem largo, cinco anos, por exemplo. Não lhe fica bem?

— Aceito. Aceito e agradeço a felicidade que me oferece.

— Não tem que agradecer. Saiba que essas terras me couberam por herança e que não pretendo cuidar da lavoura. Achei acertado auxiliar alguém que pretenda viver dela. Com isso me favoreço, dispondo de uma coisa morta para mim, favoreço-o também e creio beneficiar a nossa Pátria. Não é nada, mas será sempre uma grande área de terra cultivada, produzindo, enriquecendo o país.

— Vejo o quanto o doutor é bom e patriota

— Obrigado, seu Raimundo (ANDRADE, 1919, p. 32-3).

Conforme já comentado, o didatismo é uma característica comum aos textos de literatura infantil e juvenil.

Ainda com relação ao didatismo, houve escritores(as) que se opuseram ao modelo, como Felisberto de Carvalho, que buscou valorizar outros elementos em sua obra, como as cores vivas e a magia das primeiras letras, contudo sua postura não deixa de ser uma ramificação do embrião didático que aparece nos textos literários dos demais escritores(as) (ARROYO, 2011).

O maior mérito de sua obra está no didatismo, ainda que o autor queira negá-lo, uma vez que Felisberto de Carvalho (1911), apresenta o alfabeto ilustrado, na sua primeira publicação infantil, *Primeiro livro de leitura* (1911).

Algo também interessante a se observar é que houve uma evolução dos temas e da maneira de abordagem literária a partir do ano de 1920, abolindo o terror psicológico, excluindo cenas inapropriadas, em especial aquelas de terror e violência infantil (ARROYO, 2011). Porém, a secular relação literatura/didatismo, ocorre(u), principalmente, pela vertente didática que a escola espera encontrar no texto literário.

Esse tipo de relação literária alimenta um conjunto de posicionamentos, em parte, para atender aos objetivos do setor comercial, que para isso se vale da manutenção de certos discursos, incluindo o didatismo como forma de afastar qualquer juízo de valor. Isso se deve ao fato de que a literatura infantojuvenil mantém um contato direto com a escola (COLOMER, 2017).

Ainda sobre a corrente didática, Arroyo (2011, p. 307) ratifica que

[...] faz-se [necessária] em um país como o nosso, em franco desenvolvimento cultural, em que é preciso insistir na difusão de conhecimentos de educação, de valores cotidianos, de história, de higiene, de ciência etc.

Arroyo (2011) observa a relação entre obra literária e didatismo. Desde Monteiro Lobato aos contemporâneos, nota-se que o didatismo aparece com força, uma espécie de herança cultural (ARROYO, 2011). E pensando no didatismo, o seu processo de representação será explorado com maior veemência no último capítulo desta dissertação.

De fato, mesmo chegando no século XXI, o didatismo permanece firme nas obras literárias (ARROYO, 2011; COLOMER, 2017). E com a virada do século, também surgiram pequenos retrocessos, a considerar o pensamento de certos grupos, fazendo preservar o didatismo literário e muitas vezes impondo limitações à circulação de temas polêmicos (COLOMER, 2017). O que implica afirmar que tal postura reforça o didatismo literário que é cultural, tentando limitar a circulação de obras que estão fora do eixo didático/moral.

### 3.4 Existe uma literatura LGBT?

*Homem ou mulher? Quem soube?  
Tinha o chapéu desabado.  
A capa embrulhava-o todo:  
Era o Embuçado.*

*Fidalgo? Escravo? Quem era?  
De quem trazia o recado?  
Foi no quintal? Foi no muro?  
Mas de que lado?*

*Passou por aquela ponte?  
Entrou naquele sobrado?  
Vinha de perto ou de longe?  
Era o Embuçado.*

*Trazia chaves pendentes?  
Bateu com o punho apressado?  
Viu a dona com o menino?  
Ficou calado?*

*A casa não era aquela?  
Notou que estava enganado?  
Ficou chorando o menino?  
Era o Embuçado.*

*'Fugi, fugi que vem tropa  
que sereis preso e enforcado'.  
Isso tudo o que disse  
o mascarado?*

*Subiu por aquele morro?  
Entrou por aquele valado?  
Desapareceu na fonte?  
Era o Embuçado.*

*Homem ou mulher? Quem soube?  
Veio por si? Foi mandado?  
A que horas foi? De que noite?  
Visto ou sonhado?*

*Era a Morte, que corria?  
Era o Amor, com seu cuidado?  
Era o Amigo? Era o Inimigo?  
Era o Embuçado.  
(Cecília Meirelles, 1977).*

Em certo sentido, a seção conversa com Cecília Meirelles (1977), porque o nascimento da literatura ou paraliteratura de temática LGBT está associada ao “Embuçado”, inclusive, na atualidade, existindo “amigos” e “inimigos” dessa produção literária. Por isso, destaco o vocábulo “Embuçado”, pois o termo faz referência ao diabo, situação recorrente na associação entre os corpos LGBT e a violência, algo que a literatura costuma denunciar.

Falar de sexualidade e identidade de gênero provoca inquietações no Brasil, haja vista o cidadão ou a cidadã não passar ileso aos olhos do cisheteropatriarcado. Dito isso, a obra literária de Georgina da Costa Martins (2000), em relação ao contexto social de representação LGBT, mostra como o preconceito está enraizado na sociedade brasileira.

— Eu não falei que você estragava esse menino com cuidado demais? Tá vendo só? Agora ele quer ser menina. Meu Deus! Em que médico você o levou? O médico passou algum remédio, recomendou algum tratamento? (MARTINS, 2000, p. 18).

Partindo do contexto histórico desenvolvido ao longo deste capítulo, os primeiros registros literários tinham uma preocupação com a satirização LGBT, citando como exemplo, Gregório de Matos Guerra, embora a literatura infantojuvenil tenha recebido o tema de forma atenuante, a considerar seu percurso no Brasil.

A presença de uma literatura LGBT não é uma atividade brasileira *sui generis*.

Os primeiros registros literários de predominância ou representatividade LGBT têm acompanhado a evolução histórica da civilização humana.

A literatura homossexual, no Ocidente, de modo geral, mantém ligação com a obra de Platão<sup>33</sup> (ERIBON, 2008). Assim, pode-se dizer, com base na afirmação

---

<sup>33</sup> Considerada como uma incitação aos bons costumes e à Igreja, o alto clero episcopal censurou a obra de Platão, embora o tema da homossexualidade não fosse mencionado por nenhum religioso, ainda assim pode se dizer que o grande problema era a vida pública dos atenienses na descrição de Platão (ERIBON, 2008).

anterior, que a obra platoniana serviu de inspiração para os primeiros registros literários de representação das diferentes identidades sexuais.

Há registros literários de diferentes épocas, anteriores à obra de Platão (ERIBON, 2008). E, sobre isso, posso acrescentar que há uma grande nebulosidade, pois parte da sociedade buscou ofuscar a homossexualidade para além das narrativas literárias, conferindo-lhes o lugar de indigestão, entendendo o processo contemporâneo de visibilidade literária como uma fratura exposta dos avanços políticos e sociais da comunidade LGBT. E no que diz respeito ao próprio levantamento histórico e bibliográfico, posso afirmar que a literatura de temática LGBT, insere-se num contexto repressivo, de modo que como resposta, tal como ocorre no corpus investigado, essa literatura não deixa de considerar a condição humana.

Por conseguinte, Lúcia Facco (2009, p. 157) foi categórica ao afirmar que

Por isso, a literatura tem tamanha força, e, paradoxalmente, ao contrário de outras manifestações artísticas que usam matérias-primas específicas e particulares, ou seja, por trabalhar com a mesma matéria-prima usada em atos de comunicação que nada têm a ver com a arte, ela precisa buscar sua autonomia. Para isso, o escritor se vale da palavra trabalhada, esculpida.

Em seu importante estudo sobre *A temática homossexual na educação literária infanto-juvenil*, Lúcia Facco (2009) aborda a interseção entre literatura e sociedade. Isso significa que o escritor vai apropriar-se do contexto social para abordar a realidade (FACCO, 2009).

A literatura de temática LGBT problematiza essa interseção, ao ficcionalizar a LGBTfobia, seja para denunciar ou satirizar as sexualidades divergentes. Nas duas situações, a literatura reflete o seu lugar de pertencimento, ocupando-se do tempo e suas (in)diferenças sociais.

As narrativas literárias de temática LGBT geralmente acabam tornando-se um reflexo das vivências sociais, de forma que a literatura infantojuvenil acabou desafiando convenções arcaicas de masculinidade e gênero, para focar na conscientização.

Se, de um lado, teóricos como Eribon (2008) reconhecem que haja registros literários da homossexualidade anteriores à obra de Platão, nas palavras do próprio Eribon (2008), os primeiros registros de reconhecimento público da homossexualidade masculina e feminina podem ser atribuídos ao escritor Marcel

Proust, e ressalta que a rápida expansão da literatura homoafetiva, numa espécie de aceitação, sucedeu-se com a condenação de Oscar Wilde.

A confirmação da relevância de Oscar Wilde se efetiva, na medida em que sua obra se tornou a tônica mundial de um tipo de narrativa consumida em grande escala.

A literatura ganha subdivisões de acordo com o público que se pretende alcançar (SEFFRIN, 2016). Desta maneira, o que pode ser entendido como literatura de representação LGBT nada mais é do que uma forma de representação literária ambientada no cotidiano da comunidade LGBT.

Poderia discorrer longamente sobre esse tipo de representação narrativa. Entretanto, abarcando o que anteriormente afirma Seffrin (2016), e partindo da argumentação de Dias (2013), ecoa apenas uma subdivisão literária, que pode ser escrita por autores homossexuais ou por autores não-homossexuais. Daí, sublinho a partir da análise do corpus estudado, é uma produção que cruza qualquer leitor(a).

Ao falar sobre o leitor, Dias (2013) destaca justamente essa intenção mais extensa da literatura sobre representação homoafetiva, que não aquela, reclusa na satirização, neste caso, para estimular o debate sobre a condição humana, enquanto o período em que vivemos, e conforme salienta Colomer (2017), configurando um tipo de criticidade literária comprometida com a visibilidade política e social.

## IV CAPÍTULO

### 4 LIMPANDO A POEIRA DO ARMÁRIO E DESCONSTRUINDO O CISHETEROPATRIARCADO

*No ler a lição, não se buscam respostas. [...] a única resposta que se pode buscar na leitura é a responsabilidade pela pergunta. [...] a leitura não resolve a questão, mas a reabre, a re-põe e a re-ativa, na medida em que nos pede correspondência.  
(Jorge Larrosa, 2010).*

No capítulo, apresentei a definição de cisheteropatriarcado, passando pela história de repressão das sexualidades dissidentes no Brasil, para mostrar que a literatura se utiliza do discurso social como forma de representação de algumas categorias excluídas, marginalizadas<sup>34</sup>, a exemplo do que ocorre no corpus investigado por este trabalho. O intuito das obras literárias analisadas, deixa explícita a questão da diversidade sexual, tema bastante conflituoso no meio de uma sociedade cisheteropatriarcal.

Isso posto, admito que o intuito é mostrar que a literatura infantojuvenil de temática LGBT tem contribuído com o desmascaramento cisheteropatriarcal, sobretudo por compreender que a mesma é um caleidoscópio social, provocando a reflexão sobre os estereótipos, violência LGBTfóbica, a considerar o caráter progressista das personagens ficcionais analisadas nesta investigação. A literatura também tem ajudado na diminuição do desnível social de caráter global da comunidade LGBT, quando apresenta personagens que ocupam ofícios elitizados, a exemplo do tio de Marco Aurélio, em *O Amor não escolhe sexo* (2010).

Dito de outra forma, na narrativa de Nicolelis (2010, p. 41),

*Que existia uma grande amizade entre ela e o irmão, nunca negara. Sempre tinham sido unidos, desde a infância. Quando ele viajava — e isso acontecia frequentemente, cirurgião famoso que era, sempre presente em congressos internacionais —, o que não faltava eram cartões-postais.*

Similarmente,

*Esforça-se para lembrar alguma diferença importante: o tio é um homem bonito, forte, gosta de se vestir bem, frequentar bons restaurantes. Alegre bem sucedido na profissão. Kléber, o companheiro dele, é um jornalista também conceituado, trabalha num grande jornal (NICOLELIS, 2010, p. 61).*

---

<sup>34</sup> Ressalto que a literatura, incluindo a infantojuvenil, recepciona outros assuntos, como por exemplo, o tema da monarquia, filosofia, fabulações, entre outros.

O fragmento a seguir sintetiza uma outra passagem de coroação, formação intelectual e ocupação profissional LGBT, o que demonstra o reconhecimento da diversidade pela literatura infantojuvenil, tal como é observado em Leite (2010, p. 35), “eu tinha uma lousa no quintal e ficava dando aulas de mentira. Será que foi por isso que eu virei professor de verdade?”.

Quanto ao trabalho com um corpus feminino, a escolha das obras literárias está associada a sua contemporaneidade e ao modo como apresenta as identidades das personagens protagonistas, retratando em detalhes à aceitação social, além da violência LGBTfóbica, o que configura um caráter didático ao assunto explorado, seja por meio da descrição ou pelas falas das personagens, indo ao encontro com uma discussão positiva da representação literária LGBT.

O corpus, de modo geral, tenta desmascarar a violência LGBTfóbica, quando apresenta personagens fundamentais para ampliar a problematização de orientação sexual e identidade de gênero, a começar pelos títulos das obras literárias.

Levando em conta estudos de gênero, interdisciplinaridade e crítica literária, a pesquisa se debruça sobre os aspectos cisheteropatriarcais a partir das falas das personagens para uma apreciação literária, daquilo que vou denominar de didatismo, pela abrangência e inter-relação entre literatura e texto didático.

#### **4.1 *Flor e Rosa*: lesbianidade que importa**

*Amaram o amor urgente  
As bocas salgadas pela maresia  
As costas lenhadas pela tempestade*

*Naquela cidade  
Distante do mar  
Amaram o amor serenado*

*Das noturnas praias  
Levantavam as saias  
E se enluaravam de felicidade*

*Naquela cidade  
Que não tem luar  
Amavam o amor proibido*

*Pois hoje é sabido  
Todo mundo conta  
Que uma andava tonta  
Grávida de lua  
E outra andava nua  
Ávida de mar*

*E foram ficando marcadas*

*Ouvindo risadas, sentindo arrepio  
Olhando pro rio tão cheio de lua*

*E que continua  
Correndo pro mar  
E foram correnteza abaixo*

*Rolando no leito  
Engolindo água  
Boiando com as algas*

*Arrastando folhas  
Carregando flores  
E a se desmanchar*

*E foram virando peixes  
Virando conchas  
Virando seixos  
Virando areia  
Prateada areia  
Com lua cheia  
E à beira-mar  
(*Mar e lua* - Chico Buarque).*

Benilda Regina Paiva de Brito é natural de Belo Horizonte, Minas Gerais. Mestre em Gestão Social<sup>35</sup>, com formação em Pedagogia, especialização em Psicopedagogia, Políticas Públicas e Direitos Humanos. É militante do movimento negro e feminista, desde a década de 1980. Mãe de Addaê Abaré, Alayê Imirá e Ayana Odara. Brito coordena o Nzinga (Coletivo de Mulheres Negras de Belo Horizonte), incluindo uma dedicação à luta contra o racismo, a homofobia e todas as formas de preconceito e discriminação<sup>36</sup>.

Historicamente, a homossexualidade feminina e masculina foi camuflada, provocando inquietações ao longo do processo de desenvolvimento social, sentenciando escritoras, escritores e simpatizantes da literatura de natureza LGBT. De tal forma, escritos que veiculem temas associados à questão LGBT, geralmente estão associados ao metafórico, como na canção *Mar e lua* (1980), de Chico Buarque.

No século atual, pouca coisa mudou, permanecendo o cisheteropatriarcado, uma articulação de violência psicológica, física e letal. No entanto, em *Flor e Rosa: uma história de amor entre iguais* (2011), há-se de considerar que existe uma hostilização da lesbianidade, via de regra, nas falas de algumas personagens, mas não mais como um fim em si mesmo, revelando ao longo da narrativa certa

<sup>35</sup> Informação extraída do Currículo Lattes. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/1981740207234176>>. Acesso em: 5 set. 2022.

<sup>36</sup> Informações coletadas na orelha do livro analisado.

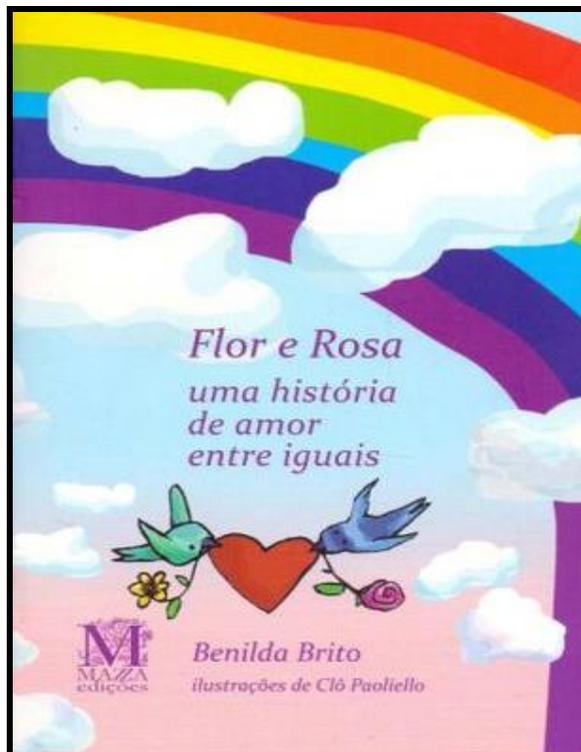
preocupação com o amor entre iguais, incluindo família, escola, sociedade, união homoafetiva.

Brito (2011) aborda na sua obra o tema da lesbianidade e racialidade, contudo, devido ao recorte analítico, a presente dissertação aborda apenas a orientação sexual das personagens principais do conto ou texto lírico (poesia).

A obra apresenta uma estrutura que pode ser lida como conto ou poesia, o que não interfere na análise da obra literária, embora fique uma dúvida sobre a estrutura ou gênero textual.

Dessa forma, a obra em análise, em suas vinte e quatro páginas, converte-se em uma ampla discussão sobre a lesbianidade ao retratar visões diferentes sobre o assunto. No plano literário, observa-se um olhar contemporâneo e emergente sobre a situação vivenciada por Flor e Rosa, uma vez que existe uma forte denúncia da lesbofobia, o que faz a obra estar próxima da realidade lésbica. Um dos indícios que nos faz pensar nisso é a própria capa do livro.

**Imagem 4: *Flor e Rosa: uma história de amor entre iguais***



**Fonte: Livro de Benilda Regina Paiva de Brito (2011).**

Brito (2011) apresenta um trabalho, cujo expoente é a homossexualidade feminina, passando por três grandes fases: infância, adolescência e vida adulta,

assumindo um didatismo de conscientização sobre lesbianidade e violência lesbofóbica para superação da discriminação sexual.

Dessa forma, a narrativa não decepciona o leitor, principalmente aqueles que carregam marcas da violência LGBTfóbica, mesmo quando reproduz pelas falas de alguns personagens um discurso que vai ao encontro de uma cisgeneridade latente. A considerar o itinerário das protagonistas, a narrativa apresenta duas realidades diferentes do cotidiano lésbico.

A personagem Flor remete a um caso geralmente isolado deste cotidiano, quando a obra vai deixando marcas leves da lesbofobia vivenciada pela protagonista.

Consideremos o primeiro trecho abaixo, que caracteriza a personagem Flor, quando se vê uma definição implícita de orientação sexual, já que a protagonista não desalinha da cisgeneridade, devido à dúvida que incita nos rapazes.

Flor tornara-se uma  
linda moça de longas  
tranças, vestidos  
justos, esvoaçantes  
e estampados, a  
pele ainda mais  
negra e os olhos  
muito expressivos.

Era uma excelente  
leitora, sabia  
conversar sobre  
todos os assuntos  
e tirava excelentes  
notas na escola.

Muitos rapazes se  
interessavam por  
ela. Esta, porém,  
não se interessava  
por nenhum (BRITO, 2011, p. 14).

O fragmento mostra o processo de aceitação da orientação sexual de Flor, personagem negra que não deixa marcas explícitas de sua lesbianidade, colocando em xeque sua beleza, descendência, inteligência, de alguma forma para não chamar atenção dos lesbofóbicos e racistas, não deixando de ser uma espécie de cuidado com a integridade psicológica e física de Flor.

A personagem, nesta perspectiva, corresponde ao didatismo entre o próprio ato de descrição de sua beleza com uma ação de cuidado, elo para não se instaurar a lesbofobia.

Flor, mulher negra e lésbica, não deixa de ser uma representação positiva, considerando a História do povo negro no Brasil. Apresentar uma personagem lésbica e negra dentro do padrão de aceitação social explicita uma ruptura com o cisheteropatriarcado<sup>37</sup>.

Um aspecto, particularmente, chama atenção, o interesse dos rapazes por Flor mostrando que há diferentes formas de manifestação ou silenciamento da orientação sexual na infância, adolescência e fase adulta.

Uma realidade oposta ocorre com a protagonista Rosa, sendo possível identificar uma amostra mais próxima da violência lesbofóbica. Nesse caso, é possível perceber o didatismo fluir através da comparação entre as protagonistas, visto que os acontecimentos vão desencadeando os problemas existenciais do cotidiano lésbico.

Rosa também era assim. Moça feita, determinada. Agora, já crescida, usava os cabelos bem curtos, brincos pequenos, calças jeans, camisetas e tênis eram suas roupas preferidas.

Conservava sua beleza ímpar. As covinhas nas bochechas, hoje mais expressivas pelo piercing delicado que enfeita suas narinas, deixam seu rosto mais mágico e encantado.

Rosa é atacante em um time de futebol feminino, joga muito bem.

Muitos comentavam sobre seu jeito estranho de vestir e se comportar, diziam que não mostrava jeito de mulher. Muitos falavam muitas coisas, Rosa nem ligava. Ela se curtia muito do jeito que era (BRITO, 2011, p. 19).

A lesbofobia aparece em outros fragmentos do texto literário, deixando claro que o corpo explicitamente lésbico não corresponde ao hegemônico, situação que coaduna com outras falas das personagens, conforme trecho de Brito (2011, p. 19), “muitos comentavam sobre seu jeito estranho de vestir”.

---

<sup>37</sup> “Acrescente-se à rudeza atribuída aos homens o tradicional racismo que campeou por toda a parte. Estudos comprovam que os gestos diretos e a linguagem chula eram destinados às negras escravas e forras ou mulatas; enquanto às brancas reservavam-se galanteios e palavras amorosas” (PRIORE, 2011, p. 241).

Nota-se que a figura da personagem Rosa já se mostra hostilizada e colocada sob suspeita desde o começo da narrativa, isso se torna evidente no fragmento posterior.

Diferente de Flor, Rosa cresceu sem gostar de brincar de bonecas, casinha, ou fazer comidinhas. Mas todo mundo insistia em presenteá-la com fogõezinhos, ferrinhos, panelinhas, bonequinhas que choravam, faziam xixi, exigiam cuidados como se fossem bebês (BRITO, 2011, p. 7).

O trecho anterior destacado refere-se ao posicionamento conservador da família de Rosa. Logo no começo do fragmento, fica evidente que a personagem está inserida em um ambiente conservador, e essa realidade pode ser confirmada pelos tipos de presentes recebidos por Rosa. Sobre o conservadorismo, destaco os presentes, sobretudo por serem típicos ou que se convencionou socialmente como do gênero feminino.

Sobre o termo “conservador”, vale a descrição,

De modo aparentemente contraditório, o movimento se expandiu com o auxílio de avançados meios tecnológicos de comunicação de massa, aumentando sua influência política. Além disso, durante a Guerra Fria, por exemplo, sobretudo a partir de 1960, esse movimento protestante combateu o Comunismo, e hoje combate o aborto e o homossexualismo (SILVA; SILVA, 2009, p. 162).

Em Rosa, ao que tudo indica e tendo por base o pensamento de Martins (2016), a representação social da lesbianidade está dentro de um quadro hegemônico. Sobre o quadro hegemônico merece destaque a descrição, “afinal era mulher e, segundo o pensamento coletivo, ‘toda mulher deve ser uma boa mãe e boa dona de casa’” (BRITO, 2011, p. 9).

Pimentel (2016) aponta que os corpos dissidentes vão sendo massificados socialmente. E tendo como fundamentação Martins *et al.* (2019) e Trevisan (2018), o preconceito está enraizado na sociedade brasileira. Também é importante que se atente quanto ao papel da protagonista Flor, a qual ganha um recorte especial, pois expressa o lado da lesbianidade tolerável socialmente, a controversa da personagem Rosa, trazendo à tona variadas representações sociais do preconceito.

Em consonância com Martins (2016), a lesbianidade, geralmente é marcada pela violência, o que me permite afirmar que a obra de Brito (2011), de maneira

geral, inseriu o tema por diferentes ângulos de representação dos corpos lésbicos, incluindo o olhar cisheteropatriarcal, orientação sexual e feminilidade.

Ainda no que tange à descrição da protagonista Rosa, pode-se dizer que a narrativa trouxe para o debate o corpo lésbico branco e masculinizado, provavelmente para chamar atenção da invisibilidade lesbofóbica. A lesbianidade explícita passa por provocação e subalternização (LEITE, 2016).

Nesse contexto, para Spivak, se o discurso do subalterno é obliterado, a mulher subalterna encontra-se em uma posição ainda mais periférica pelos problemas subjacentes às questões de gênero. A teórica exemplifica sua crítica por meio do relato de uma história que privilegia o subalterno feminino, pois, segundo ela: ‘Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade’ (ALMEIDA, 2010, p. 14-5).

Tendo isso em vista, mostra-se necessária a consideração sobre Flor, personagem que escapa da violência lesbofóbica pela maneira como se veste, apresentando uma postura que deslinda para o campo da heterossexualidade, trazendo uma configuração diferente à existência lésbica, embora apareçam pequenas pistas de uma orientação sexual que está fora da norma social, como descrito por Brito (2011, p. 15), “as pessoas diziam que ela era misteriosa...”.

A projeção aqui apresentada de Flor, enquanto mulher negra e lésbica, não aparece por acaso, já que a partir do fragmento acima, a lesbianidade pode ser lida por meio das falas das personagens.

Outro aspecto a ser observado é a fala ulterior carregada de sentimentos valorativos do campo negro e lésbico, embora contenha passagens fantasiosas, uma característica típica da adolescência, como o fato da personagem conhecer “a história de seu povo negro como ninguém”, expresso em Brito (2011, p. 16), no caso, o trecho serve como denúncia do cisheteropatriarcado.

Flor conhecia a história de seu povo negro  
como ninguém e tinha muito orgulho disso.

Detestava qualquer tipo de preconceito,  
e assumia com orgulho sua identidade  
negra, pois sabia que era herdeira de reis  
e rainhas do continente africano. Como  
todos os negros e negras deste país (BRITO, 2011, p. 16).

O povo negro africano passou por um colonialismo branco europeu, conforme Martins (2016). Então, Flor é descrita de maneira oposta ao que se mostra de Rosa, além do mistério ou disfarce sexual, ela demonstra orgulho e conhecimento da

“História de seu povo”, fato expresso em Brito (2011, p. 16), o que nos permite ver uma identidade negra e lésbica valorizada pela fala das personagens, demonstrando uma quebra da hegemonia.

É nesta mesma perspectiva que a personagem retrata com exatidão o amor pela sua terra, descendência, em que a discriminação deve ocupar um espaço neutro, como é o caso da discriminação por orientação sexual. Contudo, mesmo não sendo possível notar na passagem acima, a aceitação da lesbianidade está intrínseca em outros momentos, a exemplo do que Flor sonhava.

Queria encontrar um  
amor de verdade em  
sua vida. Já havia lido  
vários romances que  
fizeram despertar  
em seu desejo uma  
procura por alguém  
que combinasse:  
beijo na boca, lua,  
estrela, poesia e  
juntos construiriam  
um projeto de vida,  
de respeito, felicidade  
e simplicidade (BRITO, 2011, p. 15).

Através dos desejos da protagonista, pode-se perceber o grau de persuasão narrativo, pelo fato de que ela tem expressões que conseguem mantê-la afastada da discriminação sexual. Nesse contexto, a obra literária simplifica para o leitor juvenil os possíveis modos de existência lésbica, representado pela leveza da orientação sexual da protagonista.

A técnica da inserção caucionada da orientação sexual lésbica condensa um olhar didático, utilizando-se de características como, “inteligência” e “saber conversar”, o que auxilia o leitor a conhecer a face humana e intelectual da personagem Flor, deixando a abordagem da sexualidade para segundo plano. Essa forma de descrição lésbica mostra o olhar atento da obra em análise, em que a lesbianidade aparece narrada sem o olhar da medicalização, visto que a inteligência é uma característica comum a qualquer ser humano.

Nesse direcionamento argumentativo, por meio da reflexão crítica de Leite (2016), a sexualidade é apresentada de forma natural. A narrativa constrói-se pelo viés didático, ao explorar a sexualidade lésbica sob diferentes ângulos, principalmente na abertura do enredo, ao traçar um paralelo entre as duas

protagonistas lésbicas. Utilizarei, para ilustração, Brito (2011, p. 4), o que confirma a hipótese do didatismo.

Flor era muito vaidosa. Possuía uma infinidade de brincos, pulseiras e maquiagens que provocavam risos em toda sua família quando decidia se 'arrumar' para uma festa (BRITO, 2011, p. 4).

A representação da homossexualidade feminina infantil, incluindo a inserção social, a relação familiar, acaba por definir o didatismo da obra, já que a personagem teve acesso aos brinquedos socialmente convencionados para o gênero feminino. O que implica afirmar que a orientação sexual lésbica independe das circunstâncias. Um aspecto interessante a ser observado é a descrição da personagem Rosa, em contraposição a Flor.

Diferente de Flor, Rosa cresceu sem gostar de brincar de bonecas, casinha, ou fazer comidinhas. Mas todo mundo insistia em presentear-la com fogõezinhos, ferrinhos, panelinhas, bonequinhas que choravam, faziam xixi, exigiam cuidados como se fossem bebês (BRITO, 2011, p. 7).

Partindo dessa aproximação entre as duas protagonistas, fica evidente que a narrativa tenta quebrar o preconceito universalmente inserido na sociedade por meio da reflexão lesbofóbica, indiretamente quando apresenta duas visões diferentes da homossexualidade feminina que se inicia na infância.

A obra é uma ruptura com o viés cisheteropatriarcal, ao conceber um desfecho feliz para a relação homoafetiva entre duas mulheres, deixando subentendido que a união estável eclode ao final da narrativa de Brito (2011).

Também, foi possível observar que o amor lésbico se harmoniza através de expressões típicas do amor romântico, tendo como destaque “ali nascia uma história de amor!” (BRITO, 2011, p. 24).

Nesse contexto, a mulher não é vista como objeto de reprodução humana (ERIBON, 2008), evidenciando, assim, o respeito pela orientação sexual. Nessa perspectiva, por meio de um narrador onisciente, o amor entre iguais perpassou o cisheteropatriarcado, como acusa o desfecho, ainda que metaforicamente.

Quase ninguém entendeu, mas todo mundo sentiu que no outro dia, após esse encontro, as flores vestiram suas melhores roupas, os pássaros caprichavam na voz,

o céu estava mais azul e um lindo  
arco íris coroava aquele encontro...

Ali nascia uma história de amor!

Além disso, se retornarmos ao perfil de Rosa, sua lesbianidade aparece como ponto de desalinho social, inclusive através das falas de membros de sua constelação familiar.

A família ficava espantada: 'como uma menina gosta de brincar só com coisas de meninos?', diziam todos. Rosa, para não desagradar a ninguém, passou a guardar seus brinquedos prediletos em um armário no seu quarto (BRITO, 2011, p. 11).

Observa-se também que a personagem protagonista é uma extensão da lésbica masculinizada, como mostrado ao longo da obra e através das falas das personagens, buscando indicar os aspectos divergentes da homossexualidade feminina para uma melhor compreensão do discurso cisheteropatriarcal, o que determina uma marca do didatismo explorado por esta dissertação.

Muitos comentavam sobre seu jeito estranho de vestir e se comportar, diziam que não mostrava jeito de mulher. Muitos falavam muitas coisas, Rosa nem ligava. Ela se curtia muito do jeito que era (BRITO, 2011, p. 19).

O didatismo se configura pelo espanto social, delimitando que a lesbianidade, pode se configurar de diversas formas. Além disso, o fragmento mostra as esferas da lesbofobia, possibilitando, assim, observar os efeitos da discriminação por orientação sexual através da literatura infantojuvenil.

O movimento realizado pelas falas das personagens leva em consideração cisheteropatriarcado e didatismo. O cisheteropatriarcado se manifesta pelas falas lesbofóbicas, que pode ser sentido pela passagem do livro de Brito (2011, p. 19), "muitos falavam muitas coisas". E dadas as provocações, o didatismo é um recurso empregado por Brito (2011), nesse caso, como forma de provocação, possivelmente para se alcançar o respeito por meio da literatura de temática LGBT.

A fim de ilustrar o didatismo presente na obra analisada, o fragmento a seguir, para além do "espanto", descreve a aceitação da avó, marcando um traço desse didatismo, ao apresentar o nível de tensão familiar e aceitabilidade, justamente para contrapor a reflexão sobre orientação sexual.

Ao completar 4 anos, sua Vó, muito sábia pela escola da vida e também muito observadora, lhe deu de presente um carrinho vermelho e uma bola azul. Rosa não cabia em si, de tanto contentamento. Não mais desgrudava dos presentes. Dormia, acordava, tomava café da manhã e logo estava lá, brincando feliz por horas e horas com seus presentes.

A família ficava espantada: ‘como uma menina gosta de brincar só com coisas de meninos?’, diziam todos. Rosa para não desagradar a ninguém, passou a guardar seus brinquedos prediletos em um armário no seu quarto.

Sua Vó observava, não dizia, mas inovava cada vez mais, dando-lhe carrinhos pequenos e grandes, réplicas de motocicletas e aviões, bolas variadas e os tênis mais lindos que já vira, para acompanhar seus shorts e camisetas cada vez mais frequentes (BRITO, 2011, p. 11).

De acordo com Candido (2004) é por isso que a literatura permanece viva na contemporaneidade, porque os preceitos morais passam pela literatura, permitindo ao leitor a possibilidade de refletir sobre determinado elemento de afirmação, negação e denúncia social.

É nesse aparente esforço de rompimento com o cisheteropatriarcado, mediante a voz de uma “avó sábia”, que a lesbianidade é apresentada em suas diferentes nuances, quando a obra parece brincar com o leitor em relação a um tema plastificado socialmente, seja por meio de denúncia, subversão sexual ou aceitação da lesbianidade em suas diferentes formas de expressão social que se manifesta na obra analisada, uma vez que as falas das personagens vão dando ênfase ao infortúnio e à violência lesbofóbica, estratégia usada para apresentar o ciclo social da mulher lésbica.

Muitos comentavam sobre seu jeito estranho de vestir e se comportar, diziam que não mostrava jeito de mulher. Muitos falavam muitas coisas, Rosa nem ligava. Ela se curtia muito do jeito que era (BRITO, 2011, p. 19).

Em síntese, as personagens protagonistas estão enquadradas pelo ciclo cisheteropatriarcal, respectivamente quando alguns transtornos são facilmente notáveis no itinerário de Rosa, protagonista lésbica masculinizada. Por outro lado, o

que se observa é uma figura lésbica marcada pela coragem, dado o processo de violência psicológica.

Considerando a lesbofobia como fator de repressão dentro de uma sociedade com suas ideologias fomentadas pelo cisheteropatriarcado, ao introduzir o assunto da lesbofobia, seja ele apenas em nível psicológico, a personagem protagonista com características masculinas aparece para mostrar os limites da fronteira lésbica dentro de uma sociedade ultraconservadora, quando o narrador chama atenção para os “cabelos bem curtos de Rosa”, dando a entender que existe uma aceitação lésbica, porém o olhar cisheteronormativo alcança o universo da personagem, ao trazer de forma suave a expressão “moça feita, determinada”, o que gera desconforto, a começar pela emancipação do papel da mulher na sociedade.

Rosa também era assim. Moça feita,  
determinada. Agora, já crescida,  
usava os cabelos bem curtos, brincos  
pequenos, calças jeans, camisetas e  
tênis eram suas roupas preferidas (BRITO, 2011, p. 19).

Segundo Martins e Gatti (2021), é comum que a cisheteronorma se manifeste em assuntos hegemônicos. Enquanto isso, Rosa apresenta algumas características de rompimento com a cultura cisheteropatriarcal, como o fato de “usar cabelos bem curtos” (BRITO, 2011, p. 19).

Ao analisar a trajetória das duas protagonistas do livro de Brito (2011), percebe-se que a homossexualidade feminina foi narrada por diferentes ângulos e vozes, triunfando a lesbofobia, mas também a aceitação, o que por vezes pode ser denominado de didatismo, a considerar o desfecho narrativo.

Quase ninguém entendeu, mas  
todo mundo sentiu que no outro  
dia, após esse encontro,  
as flores vestiram suas melhores roupas,  
os pássaros caprichavam na voz,  
o céu estava mais azul e um lindo  
arco íris coroava aquele encontro...

Ali nascia uma história de amor! (BRITO, 2011, p. 24).

A lesbianidade e a lesbofobia são elementos presentes no livro de Brito (2011), visto o caráter descritivo das protagonistas. É nesse sentido, que Flor e Rosa transgridem a cultura cisheteropatriarcal ao coadunar uma história de amor entre duas mulheres. O itinerário das personagens protagonistas contribui para a

visibilidade da lesbianidade, dado o caráter transgressivo, visto se tratar de assunto controverso socialmente.

A obra possui intenção didática, formando uma narrativa que por vezes se alinha com estereótipos, concomitantemente estimula reflexões sobre a lesbofobia. Para resumir, Rosa via-se vítima da violência lesbofóbica, cenário que circula a denúncia, dadas as falas preconceituosas de várias personagens, em que se destaca como elemento didático, o olhar de aceitação de sua avó, juntamente com os elementos de coroação lésbica, por um rompimento com o modo de se vestir, capaz de despertar os comentários provocativos.

Dado o caminho didático, a obra traz luz à temática da lesbianidade, reconhecidamente quando enaltece a inteligência de Flor, estabelecendo um enredo didático, que se propõe a mostrar a essência da diferença entre as duas personagens, transcendendo o processo histórico da violência lesbofóbica, apesar das especificidades de Flor e Rosa, que é a feminilidade de Flor, ao mesmo tempo que Rosa encarna uma liberdade no modo de se vestir, o que confirma o didatismo da narrativa.

#### **4.2 O Amor não escolhe sexo: o desejo que sucumbe à ordem social**

*As vezes acho que to ficando biruta  
E não tenho pergunta  
Eu só quero te ver*

*É que eu não tenho planos  
De ficar distante  
Eu quero você*

*As vezes penso que isso tudo me assusta  
Enquanto me degusta  
Assisto com prazer*

*Você arregaça, você extravasa*

*Corro pra te ver chegar  
Você pode não acreditar  
Me leva que eu vou  
Me chama, que eu to  
To curtindo demais  
Demais, demais*

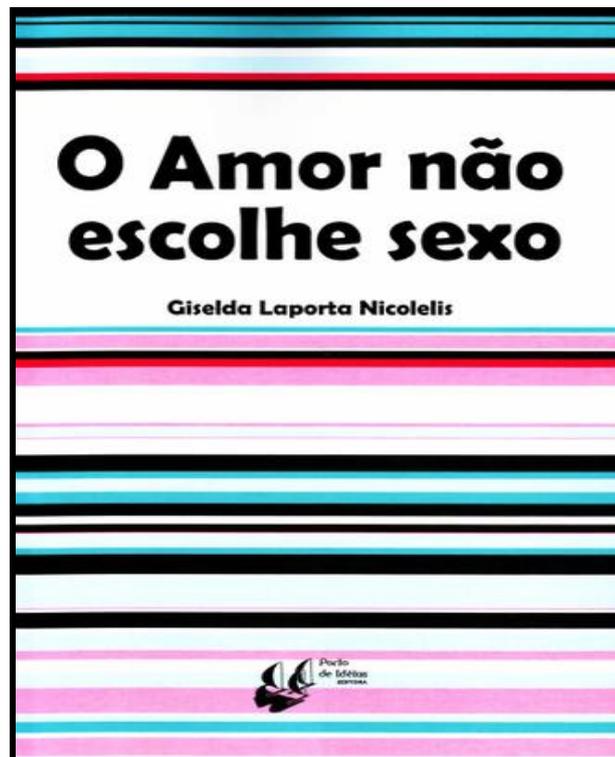
**(Corro pra te ver chegar – Rodrigo Drade & Rainer Cadete).**

Graduada em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, Giselda Laporta Nicoletis é autora de mais de cem livros, a maioria para o

público infantil e juvenil, publicados por diversas editoras, com centenas de edições e milhões de exemplares vendidos.

Recebeu inúmeros prêmios literários, entre eles, o Jabuti e o APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) de literatura juvenil, e Monteiro Lobato, da Secretaria do Estado da Cultura/São Paulo e João de Barro, da Prefeitura de Belo Horizonte, Minas Gerais, de literatura infantil<sup>38</sup>.

**Imagem 5: *O Amor não escolhe sexo***



**Fonte: Livro de Giselda Laporta Nicolelis (2010).**

A modernidade contribuiu para que orientação sexual e diversidade de gênero ocupem diferentes posicionamentos, pesquisas e lugares, portanto começo esta análise com a letra da música de Rodrigo Drade e Rainer Cadete (2021), pensando no deslocamento dos corpos dissidentes, visto que mesmo na modernidade, o preconceito é uma realidade não só latente, como no itinerário de Marco Aurélio, que em virtude da homofobia e da bifobia permanece no “armário”<sup>39</sup>.

*O Amor não escolhe sexo* (2010), de Giselda Laporta Nicolelis, trata da relação heterossexual, homossexual e bissexual de Marco Aurélio, como da

<sup>38</sup> Informações coletadas na orelha do livro analisado.

<sup>39</sup> Vocábulo que simboliza a saída ou ingresso de sujeitos homossexuais no “armário”, segundo Sedgwick (2007).

impossibilidade de um amor homoafetivo entre Marco Aurélio e Cristiano, o que implica na tentativa de reconhecimento do amor entre duas pessoas do sexo masculino, como forma de suscitar o debate acerca de um tema socialmente indigesto.

O romance, de Gizelda Laporta Nicoletis, em minha interpretação, traduz o problema da aceitação social do homossexual<sup>40</sup> e do bissexual<sup>41</sup> masculino.

Outro ponto a ser destacado é a grafia da palavra “Amor” com inicial maiúscula no título da obra, sugerindo que a narrativa vai explorar uma situação nada usual. Essa é uma ocorrência que acaba por considerar outras formas de relacionamento, a evidenciar o amor entre iguais.

O destaque para o registro da palavra "Amor" com inicial maiúscula aparece como possibilidade de (re)ação, tanto da personagem principal, como das demais personagens, uma vez que existe uma quebra de expectativa da narrativa, incluindo o título de abertura da obra literária, ao deixar claro que o amor a ser retratado, incita outros olhares sociais, incluindo a quebra hegemônica e a expectativa do(a) leitor(a).

O romance narra a história do protagonista Marco Aurélio, filho único de Rodrigo e Luzia. Rodrigo é odontólogo, Luzia é psicóloga, uma descrição narrativa que proporciona a reflexão, a considerar o nível instrucional dos pais de Marco Aurélio, cuja composição escapa do núcleo comum, por causa da formação, em especial a de Luzia.

Vale a menção ao exercício profissional de Luzia, porque ao contrário do que se desenvolve no romance, a formação da mãe do protagonista seria um álibi para a confiança do segredo de Marco Aurélio. O protagonista é um exemplo típico da subalternização homossexual e bissexual, considerando o próprio medo de assumir

---

<sup>40</sup> O termo homossexual ganhou destaque no começo dos anos setenta, pois o embalo científico, na tentativa de descrever a homossexualidade, afirma por meio de diferentes leituras e divergências, não se tratar de uma sexualidade, mas de uma terceira identidade, o que foi contestado posteriormente, uma vez que essa mesma história descreve a homossexualidade como uma intercorrência desencadeada pela cultura do povo inglês, no século XIX (ERIBON, 2008). O próprio movimento e a história da sexualidade, não é capaz de especificar os primeiros registros da homossexualidade humana, tendo em vista que existem diferentes apontamentos e marcos teóricos (MARTINS *et al.*, 2020).

<sup>41</sup> A bissexualidade permanece cercada de mistérios, historicamente, biologicamente e psicologicamente, sendo estudada e entendida como orientação que sente atração por ambos os sexos, incluindo os corpos das travestis e das transexuais, uma conclusão de estudiosos do século XX, lembrando que houve uma enxurrada de afirmações anteriores sobre essa orientação sexual, passando pela ideia freudiana do hermafroditismo mental, intersexualidade do século XVII ao XX, sujeitos que se expressam mentalmente como masculinos e femininos, pensamento bastante difundido pela medicina do final do século XIX, entre outras teorias e conspirações, existindo uma tentativa de negação da bissexualidade dentro do próprio movimento LGBT (JAEGER *et al.*, 2019).

a orientação sexual perante a mãe, psicóloga especializada no atendimento ao público LGBT, mesmo quando há abertura para o diálogo.

Marco Aurélio não fez comentários, mas secretamente ficou feliz pelo outro ter notado sua ausência. Se ao menos pudesse imaginar que era ele o motivo de sua fuga. A mãe por sua vez olhava-o de forma inquisitiva, era muito difícil enganá-la.

— Tem alguma coisa que você queira falar comigo, filho? — perguntou. Era o jeito dela de não invadir, mas se pôr à disposição para qualquer ajuda (NICOLELIS, 2010, p. 66).

A situação descrita é uma forma de chamar atenção para o nível de intimidação sofrida pela personagem principal. O exercício da confissão, infelizmente, permanece cercado pelo medo, situação retratada de forma explícita nas passagens anterior e ulterior.

E ele, Marco Aurélio, fornecera alguma pista para si mesmo ou para os outros? Estremece só de pensar que alguém possa achar que ele é um homossexual. Acho que morreria se algum colega o chamasse daqueles termos chulos e pejorativos que ele ouve constantemente nas conversas no colégio ou em programas de TV. O homossexual sempre tratado com desprezo, motivo de piadas infames (NICOLELIS, 2010, p. 62).

Se na passagem acima, o medo aparece explicitamente, isso tem conexão com a estrutura patriarcal da sociedade. Cada detalhe também contribui para o didatismo da obra literária, o que permite a reflexão ao mostrar a dificuldade de afirmação homossexual e bissexual em uma sociedade marcada pelo cisheteropatriarcado.

Para tentar entender o caráter repressivo da sexualidade humana em *O Amor não escolhe sexo* (2010) aciono Foucault (2019b), para explicar por que a obra literária estudada rompe com as barreiras sociais do assunto explorado por esta dissertação de mestrado. Foucault (2019b, p. 11) afirma que “se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada”.

Desse modo, o romance apresenta o conflito sexual da personagem principal e mediante as falas das personagens e a narrativa apresentada por Nicolelis (2010), é possível detectar o didatismo através da fala de Gislaine.

Recordou os tempos felizes do início de namoro. Ele tão carinhoso com ela, viviam aos abraços e beijos, tantos que a direção da escola pediu que não se exibissem tanto para os colegas, que a coisa fosse menos explícita (NICOLELIS, 2010, p. 19).

À vista disso, constata-se um caráter didático da narrativa, quando primeiro imprime a figura do garoto heterossexual, dificultando o julgamento ao apresentar homossexualidade, bissexualidade em segundo plano, o que amplia a compreensão sobre orientação sexual.

Também de maneira didática, pode-se observar por meio das falas das personagens, a questão da injúria, passando pela inquietude, medo, companheirismo, respeito, quando sabemos que hegemonicamente os corpos dissidentes estão na linha tênue do preconceito, como mostrado no II capítulo.

Vale, então, apresentar um fragmento sobre a injúria, como forma de destacar o papel do didatismo presente na obra de Nicolelis (2010).

Saíram do cinema e foram tomar um lanche no *shopping*. E ficaram comentando o filme. Que tinha sido legal, essas coisas. Gislaine falou que ficara com pena do soldado que fora expulso, e Tamires retrucou dizendo que achara acertada a punição, afinal o exército não era lugar para um homossexual.

— Ué, por quê? — estranhou Gislaine.

— Claro — a outra defendeu sua tese. — Não fica bem, né? A gente faz uma imagem do soldado assim bem macho, já imaginou uma tropa de bichas?

— Que termo, pô, você tá sendo preconceituosa. E noutra profissão, você acha que pode? (NICOLELIS, 2010, p. 17, grifo da autora).

O caráter didático resulta da conversa entre Gislaine e Tamires, nesse caso, da descrição que Gislaine faz do lugar fronteiroço do homossexual, evidenciando a necessidade de inclusão. Por conseguinte, Tamires discorda da amiga, sugerindo que o “exército não era lugar para um homossexual” (NICOLELIS, 2010, p. 17), o que demonstra o didatismo do enredo, visto que o romance usa da reflexão para inserir o tema da homossexualidade nas diferentes esferas da sociedade.

Nesse contexto, fica claro que, para ir além do “Amor”, pensando no amor homossexual e bissexual masculino, é preciso admitir que Marco Aurélio, por não saber lidar com os conflitos da sexualidade, então empreende uma busca desenfreada pelo assunto, levando a obra para uma abordagem didática, já que ele consulta livros, compara períodos históricos, buscando mostrar que a homossexualidade ou bissexualidade não é uma doença.

Foi aí que resolveu saber mais a respeito da dúvida que o atormentava. Entrou numa livraria e comprou uma batelada de livros sobre sexualidade humana, garantindo que dentro deles houvesse capítulos específicos sobre homossexualidade. Queria saber tudo, como se estivesse sofrendo de uma doença rara e precisasse descobrir o quanto tempo lhe restava de vida. Daí, quem sabe, podia aparecer uma luz. Não dizia seu professor que tudo se aprende nos livros? (NICOLELIS, 2010, p. 68-9).

O processo hegemônico ganha *status quo*, enquanto valorização da ciência, porque na visão de Leite (2016) este é um assunto borrado pelo ângulo satírico. Isto é, a atitude de Marco Aurélio revela um posicionamento permeado pela visão cisheteropatriarcal, quando busca entender seu conflito sexual, servindo como base para (re)afirmar, como observa Trevisan (2018) que a heterossexualidade é o único caminho preciso dentro de uma sociedade preconceituosa.

Também se pode pensar na influência cisheteropatriarcal a partir da voz do pai de Marco Aurélio, o que remete a um quadro de reminiscências do avô, Sr. Marco. “— Pelo amor de Deus! — replicou o pai. — Coitado do seu Marco. Tanta esperança com aquele filho dele...” (NICOLELIS, 2010, p. 75). A homofobia e a bifobia aparecem na fala do pai de Marco Aurélio, reforçando um olhar sobre os laços cisheteropatriarcais, como fórmula de atravessamento na homossexualidade e na bissexualidade, quando há uma desaprovação bastante clara na voz de Rodrigo, produzindo um discurso no qual a injustiça controla, limita, e nesse furo, no discurso de sua fala, o próprio filho não pode escapar ao cerceamento heterossexual.

O trecho ulterior marca a revolta do pai de Marco Aurélio devido ao seu posicionamento homofóbico e bifóbico.

— Vamos mudar de assunto, Marco Aurélio, isso me afronta, sabia? Um parente tão chegado... Eu só imagino o que o coitado do seu avô sofreu com tudo isso. Ele até que tirou de letra, recebe os dois na casa dele. No meu lugar...

— O senhor fazia o quê?

— Nem quero imaginar. Mas não ia engolir bife enrolado, não. Filho meu tem de ser cabra macho, o resto é pura sem-vergonhice (NICOLELIS, 2010, p. 75).

O romance consiste em um texto com diversas falas, em que o preconceito se manifesta através do pai, avô e colegas de Marco Aurélio, embora também exista uma tréplica, colocando em cena um movimento de reconhecimento das sexualidades dissidentes, de modo especial, a homossexualidade e a bissexualidade, colaborando com a visibilidade, ao tempo que mostra a homossexualidade e a bissexualidade como elementos de segregação, considerando o quadro de injúria sofrido por Marco Aurélio, ao mesmo tempo que tenta se desvencilhar do patriarcado, proporcionando a enunciação de personagens homossexuais, sendo hostilizados, mas também sendo respeitados pelo posto que ocupam, pela capacidade intelectual, ao enfatizar a profissão de Carlos.

Isso começara na infância quando Carlos, irmão mais velho, fora seu herói. Aprofundara-se mais ainda quando ele, já estudante de medicina, contara para a família sobre a sua orientação afetivo-sexual. O pai quase caíra duro, e a mãe se pusera a chorar. Ela, embora fosse adolescente, mas já uma pessoa mais liberal que o resto da família, soubera compreendê-lo. Ainda escutava a voz do pai, apoplética, como se aquela revelação do filho fosse um insulto pessoal (NICOLELIS, 2010, p. 42).

Tomando por base esse trecho, parto, então, para a discussão que mais se aproxima da reprovação da homossexualidade masculina, tendo como expoente a família de Marco Aurélio, envolvendo seu tio e avô materno, pois em diversos momentos a expectativa de uma possível (re)afirmação da heterossexualidade, mais precisamente a partir das falas do pai de Marco Aurélio, o então modelo de linhagem cisheteropatriarcal, de certo modo vai se ampliando com a progressão do discurso paternal, principalmente, porque a partir deste fato, o discurso paternal vai impondo sua imposição cisheterossexual, injúria, como é o caso descrito acima. Ainda segundo relata o narrador, é apenas a mãe que tenta rebater o discurso homofóbico e bifóbico de Rodrigo, servindo de ponto de apoio, enquanto contexto de visibilidade ou aceitação de qualquer orientação sexual, mas ainda assim, sonha com o modelo hegemônico, incluindo o seu filho. “A mãe olhou-o com carinho, pensou: ‘Que filho bonito eu tenho, no futuro me dará netos lindos, principalmente se casar com alguém como a Gislaine’” (NICOLELIS, 2010, p. 7-8). Essa enunciação é uma confirmação circunspecta de uma orientação cisheterossexual.

É dentro do processo de afirmação cisheterossexual, que se é possível reconhecer a necessidade de abordagem sobre o tema estudado, já que a partir das falas das personagens encontramos um cenário que vai ao encontro do cisheteropatriarcado, embora, ainda que minimamente, por meio do pensamento e ação da mãe de Marco Aurélio, em que, dada a maneira explícita, o preconceito torna-se recriminado dentro de casa.

— Claro que tem, mas é graças a homofóbicos como você, Rodrigo, e da sociedade em geral, que os homossexuais de ambos os sexos precisam muitas vezes de terapia. Para serem auxiliados a se aceitar do jeito que são, e não desenvolverem uma auto-homofobia, como por exemplo uma pessoa negra que é autorracista. Se um homossexual se aceitar numa boa, ele não precisará de terapia nenhuma. Deu pra entender? (NICOLELIS, 2010, p. 46).

Tendo em vista o papel da mulher, o romance enfrenta o cisheteropatriarcado de maneira dual, ao incorporar a voz feminina na defesa da homossexualidade. Dito

isto, para o filósofo francês Eribon (2008), a homossexualidade e bissexualidade aos poucos está sendo inserida na sociedade.

Refleti sobre a voz feminina para enfatizar o viés didático do romance de Nicolelis (2010), uma vez que o homem não aparece como a voz máxima do poder. No romance, as personagens sempre estão inserindo elementos do discurso, exemplos clássicos da violência, ao acentuar que a orientação sexual é uma particularidade individual, o que conduz ao respeito das diferenças, moldada pelo didatismo da exemplificação.

Ele poderia viver como o tio Carlos e o companheiro dele? Isso se conseguisse vencer esse sentimento instintivo de horror que sente em relação a si mesmo e aos seus sentimentos. Uma coisa é aceitar tio Carlos do jeito que sempre o conheceu. Outra, muito diferente, é assumir-se como homossexual. E ainda há um problema maior: Cristiano, muito provavelmente, não é como ele. Nunca, em todos esses anos que o conhece, ele deu a menor pista de que sua orientação afetivo-sexual seja em direção ao mesmo sexo. Definitivamente, ele é heterossexual, com total prioridade ao seu relacionamento com Tamires (NICOLELIS, 2010, p. 62).

Por meio dessa abordagem, percebe-se uma busca pela aceitação de si, além da reflexão sobre o lugar de discriminação vivido pelos homossexuais. Ao sopesar essas questões, concluo que a narrativa faz um recorte do modelo homofóbico na intenção de sensibilizar o(a) leitor(a) quanto ao sofrimento enfrentado por homens *gays* e bissexuais.

Ao tratar a orientação sexual de Marco Aurélio, através da ocultação, em especial no desenlace, de modo proposital ou não, o enredo expressa uma discussão cisheteropatriarcal, impedindo o leitor de saber o desfecho sexual da personagem principal, podendo também ser entendido como um ato reflexivo sobre os conflitos da complexidade humana, quando vistos a partir de três grandes prismas, já que abre margem tanto para a heterossexualidade como para a homossexualidade e a bissexualidade.

— Quando olho o teto da Capela Sistina, fico pensando que diferença faz para o mundo se Michelangelo foi ou não homossexual. O que importa é o seu legado de gênio à humanidade... E por isso ele será lembrado para sempre, não por quem amou ou deixou de amar, que não interessa a ninguém.

Finalmente um táxi para, o motorista pergunta:

— Para onde?

— Para o espaço — brinca, abrindo a porta.

O rádio do carro está ligado. Como se fosse um contraponto aos seus pensamentos, Ivan Lins, com sua voz inconfundível, canta:

‘Quero sua risada mais gostosa  
esse seu jeito de achar

que a vida pode ser maravilhosa,  
 que a vida pode ser  
 ma-ra-vi-lho-sa' (NICOLELIS, 2010, p. 111-12).

Nessa perspectiva, o didatismo é acionado através da figura de Michelangelo, na medida em que ocorre o posicionamento de Marco Aurélio, ficando bastante evidente que a personagem tem consciência do seu próprio conflito, como da situação de grandes expoentes da história global.

Fernandes (2016) afirma que a literatura de temática homoafetiva tem se destacado cada vez mais pela demonstração de respeito, abrindo mãos de uma linguagem de contestação, na medida que traz reflexões de grande influência para a contemporaneidade, por romper com o olhar de injúria, que se via no século XVII, que desloca para o reconhecimento, recriminando a violência.

Candido (2004, p. 183), ao sintetizar a função social das obras literárias, assevera que

Disso resulta uma literatura empenhada, que parte de posições éticas, políticas, religiosas ou simplesmente humanísticas. São casos em que o autor tem convicções e deseja exprimi-las; ou parte de certa visão da realidade e a manifesta com tonalidade crítica.

Por esse motivo, chamo atenção para o debate construído por Nicolelis (2010), pois como pode-se notar a narrativa cria uma atmosfera crítica para explanar o problema da inserção homossexual e bissexual na sociedade.

No decorrer do romance, o quesito orientação sexual ganhou atenção, cujo cerne é notar as diferentes formas de exercer-se a masculinidade. A fim de que se entenda melhor, “tentava lembrar os bons tempos com a garota, sentir tesão novamente por ela, esforçava-se desesperadamente, como se disso dependesse a sua vida” (NICOLELIS, 2010, p. 58).

Logo na mesma página,

Certo dia a coisa foi tão forte que ele estremeceu, com a revelação flagrada em seus pensamentos. Não podia mais evitar. Por mais incrível que pudesse ser, ele estava morto de ciúme de Cristiano (NICOLELIS, 2010, p. 58).

Apresentado o fragmento anterior, observa-se o didatismo utilizado para descrever as diferentes nuances da sexualidade humana, passando pela heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade, demonstrando o papel humanizador das narrativas literárias de temática LGBT.

Ademais, a literatura pode ser usada como ferramenta para quebrar preconceitos. Em conformidade com Candido (2004), a literatura fortalece e amplia o debate sobre o modo individual como o ser humano vive em sociedade.

O tema da homossexualidade e da bissexualidade é bem enfatizado dentro do romance, deixando nítido o formato de denúncia literária, para mostrar o caráter hegemônico que existe na sociedade. Dessa forma, o romance demonstra várias facetas da violência enfrentada por Marco Aurélio, chamando a atenção para o aborrecimento da vítima.

Num ímpeto, como se saísse de uma catalepsia, também saiu correndo do pátio, percorreu os corredores do colégio, cego de desespero e humilhação... pulou na moto, por puro instinto colocou o capacete, e saiu em alta velocidade, com um só objetivo: sumir o mais rápido possível (NICOLELIS, 2010, p. 82).

Como Facco (2009) salientou, o sujeito homossexual antes passa pela reprovação, atingindo a fase da piada, violência, o que acaba construindo um isolamento dentro do espaço escolar.

Avançando na análise, constata-se que a personagem passou pela fase da reprovação no espaço escolar, o que pode ser uma descrição didática da narrativa, pois o fragmento proporciona reflexão sobre o estereótipo homossexual e bissexual.

No que tange ao estereótipo, no fragmento seguinte, a hegemonia começa a ser expressada pela manifestação de ódio de Tamires, como na voz de outras pessoas que não disfarçam o riso homofóbico e bifóbico.

Num impulso, Marco Aurélio interveio: — Você tá falando de mim, Tamires? Ela estava ligada a mil:  
— Claro que estou falando de você, meu bem, a carapuça serviu, não foi? Veja se larga do pé do meu namorado, senão eu boto a boca no mundo e acabo com a sua reputação aqui no colégio, seu...  
Antes que ela falasse a palavra final, Cristiano agarrou-a pelo braço e arrastou-a para um canto do pátio. Mas o estrago estava feito. Vários colegas que ouviram a discussão já espiavam, curiosos, e pairava um cochicho no ar. Marco Aurélio, rosto afogueado, disfarçava como podia o seu constrangimento. Tinha ímpetos de sair correndo, sumir, enfiar-se em qualquer canto. Precisou de todo o seu sangue-frio para manter a calma, mostrar frieza. O amigo continuava discutindo com a Tamires que não se fazia de rogada e falava alto para quem quisesse escutar:  
— É isso aí, cara, é pegar ou largar, ou eu ou o seu amigo. Só que se você escolher o seu amigo tá marcado, sacou, fica igual a ele, se é que você já não é... (NICOLELIS, 2010, p. 81).

Partindo dos estudos de Amossy e Pierrot (2022, p. 77), o estereótipo é um ponto de partida para a reflexão nos textos literários, principalmente pela

contribuição com o campo didático. Nesse caso, “o estereótipo aparece como a forma emblemática do já dito, uma forma de impensado, inscrito na própria língua”.

Diante do exposto, entende-se que a personagem principal apresenta características próprias do cotidiano do homossexual e do bissexual contemporâneo, pois a homofobia é visível na tomada de decisão de seus colegas de sala de aula. A cena do pátio da escola é um exemplo da homofobia destilada por Tamires, o que demonstra preocupação com o didatismo, porque posteriormente houve uma reprovação coletiva do comportamento de Tamires, conforme ressalta Nicolelis (2010, p. 86-7).

Certo dia criou coragem e perguntou pelo Cristiano. Ela contou que, logo depois do incidente no pátio, o rapaz sumira de circulação. Logo mais veio a notícia: mesmo no meio do ano escolar ele pedira transferência, fora estudar em outro colégio. Ninguém soubera mais dele, muito menos Tamires, que parecia envergonhada com o que desencadeara e foi posta na geladeira pelos colegas, que acharam o seu comportamento no mínimo antiético.

Nicolelis (2010) posiciona-se através das personagens, deixando aparecer um campo reflexivo sobre o oculto ou visivelmente satirizado pela sociedade, por justamente ocorrer um diálogo para fora da comunidade LGBT, cuja sensibilidade está presente em Marco Aurélio e Cristiano, porque o primeiro é apresentado de acordo como o viés cisheteropatriarcal, enquanto Cristiano parece deslizar do hegemônico, ficando evidente que a homossexualidade e a bissexualidade esbarram na realidade vivida por cada ser humano, deixando transparecer que a falta de experiência com o sexo oposto não determina qualquer desvio sexual.

O caráter inclusivo é rememorado para além das personagens principais do romance, que em um olhar didático se debruça sobre o cisheteropatriarcado como forma de chamar atenção para os pontos conflitantes da orientação sexual de Marco Aurélio, inserindo olhares diversos sobre a história da homossexualidade.

Nesse sentido, Marco Aurélio, então “aflito lê, confronta livros. Quer ter uma ideia, ainda que genérica, sobre o assunto” (NICOLELIS, 2010, p. 71).

Relacionando a ação da personagem com o descrito pelo fragmento, a busca pelo conhecimento acerca da própria orientação sexual é outro traço característico do didatismo, ponto a ser destacado pela leitura de diferentes livros, conforme descreveu Nicolelis (2010, p. 69).

Varou dias e noites lendo sobre o assunto.

Então, como se fizesse uma regressão de vidas passadas, ele voltou à Grécia antiga...

É um adolescente, mas sabe que o nobre sentimento do amor só se devota a outro homem. Garoto ainda imberbe, ele será tutelado por um mestre ou padrinho com o qual até poderá manter relações sexuais. Porém, assim que aparecer o mais leve traço de barba no seu rosto, essa ligação deverá ser rompida. Não são bem vistas tais relações entre adultos livres, a não ser entre senhor e escravo, porque escravo não é gente, é coisa. Utilizado para todas as finalidades que seu senhor decidir.

Mais tarde, já adulto, ele se relacionará com mulheres, mas de duas formas bem distintas: com a esposa, terá um relacionamento que objetiva a procriação, ou seja, transmissão do seu nome e os bens da família, privilegiando os filhos homens; e com as heteras, prostitutas de alto luxo, instruídas e belas, ele se relacionará por mero prazer carnal, o descanso merecido do guerreiro.

Muda o cenário: agora ele é um jovem judeu...

Os traços do didatismo aparecem na consulta enciclopédica feita por Marco Aurélio, cujo enredo apresenta períodos distintos da história, passando por nacionalidades diferentes para situar o leitor quanto ao conflito psicológico e sexual do protagonista. O que também pode ser uma representação do estereótipo, haja vista a condição inumana atribuída ao escravo e ao homossexual a partir de diferentes contextos.

Dessa forma, o romance mostra o menosprezo, segundo os moldes tradicionalistas da família, sociedade, ao processo de aceitação sexual divergente por algumas personagens.

Quem primeiro, contudo, apareceu, depois que ele tivera condições de receber visitas, foi Gislaine. Trouxe flores, doces, revistas. No tempo todo em que ele ficou internado, sua presença foi essencial, auxiliando-o com a matéria dada em classe. Ela tirava cópia de tudo e trazia para ele, repassavam as aulas. Graças a ela não perdeu o ano escolar, pois teria condições de prestar os exames finais (NICOLELIS, 2010, p. 86).

A “saída do armário” condiz com o sentimento do acolhimento, mesmo a personagem estando confusa, valendo citar Eribon (2008), em que na sua visão o homossexual imprime o medo por causa da reação social. Nesse sentido, o romance assumiu esta tarefa de mostrar todas as dificuldades enfrentadas por Marco Aurélio, passando pela compreensão de Gislaine, para confirmar um desencadear harmônico sobre orientação sexual na adolescência.

O jovem personagem contraria os reflexos da ideologia de gênero, ao ser apresentado primeiro, um retrato heterossexual de Marco Aurélio, fazendo valer uma autodescrição de um corpo cisheterossexual, de modo que a fala de Marco Aurélio reflete um movimento excepcional a todos os corpos dissidentes, pensando na

ideologia de gênero, ao passo que vai apresentando uma reviravolta sexual que pode ser associada ao desvio, consoante Nicolelis (2010, p. 73).

Olha-se no espelho e gosta do que vê. Não é um alienígena, muito menos um bruxo. Apenas um garoto bonito e normal. Na realidade ele tem opção: ou assume o que realmente é, ou irá fugir a vida inteira, inclusive de si mesmo.

A escolha, por mais dolorosa que pareça, é sua.

Diante da citação e das considerações tecidas anteriormente, compreende-se que a personagem comunga com os desdobramentos contemporâneos sobre orientação sexual, incluindo homossexualidade e bissexualidade masculina, quando traz o vocábulo “saudável” para afirmar que a personagem principal não está doente, embora persista o silêncio acerca da orientação sexual.

Depois desse dia em que praticamente abriu o jogo para o tio, Marco Aurélio sentiu-se um pouco melhor, afinal tinha um verdadeiro amigo em quem podia confiar. Resolveu dar tempo ao tempo, para ver como ficavam as coisas. O mundo não ia acabar só porque se julgava homossexual (NICOLELIS, 2010, p. 80).

A própria fala da personagem principal oculta sua orientação sexual, o que não deixa de trazer para o debate uma discussão permeada pela visão cisheteropatriarcal, seja pelos problemas enfrentados por Marco Aurélio, cuja ossatura não permite sua “saída do armário”. Com isso, Marco Aurélio chama atenção para o conflito sexual, para Eribon (2008), uma característica comum aos adolescentes que evidenciam a homossexualidade e a bissexualidade. A descrição buscou ocultar a homossexualidade ou a bissexualidade de Marco Aurélio, talvez na tentativa de evitar o escândalo, confirmando o que argumenta Fernandes (2016), o homossexual ou bissexual vivem dentro de uma mescla, quase sempre invisível.

No que diz respeito ao cisheteropatriarcado e suas impressões, com o avanço da leitura, o(a) leitor(a) vai percebendo o nível intromissivo de algumas personagens, inclusive, anterior aos problemas enfrentados por Marco Aurélio, aqui fazendo referência ao escândalo provocado pela revelação homossexual de seu tio Carlos.

A mãe, muito submissa e dependente do marido, ficou inerte, sem levantar um dedo para defender o filho. Apenas na irmã, Luzia, encontrou Carlos a compreensão devida. Ele não era um marginal, apenas um rapaz com orientação afetivo-sexual diferente da maioria.

Assim que conseguiu o suficiente para se sustentar, Carlos saiu de casa. Com o tempo tornou-se um cirurgião respeitado. Há vários anos que vivia com o atual companheiro, o Kléber, jornalista. Juntos viajavam pelo mundo.

Fora isso, levavam uma vida pacata. Ambos gostavam de música erudita e iam muito a concertos e óperas (NICOLELIS, 2010, p. 42-3).

Há a todo instante uma preocupação excessiva de Rodrigo, inclusive quando rememora a figura de seu Marco, reforçando uma visão conservadora, com qualquer manifestação da homossexualidade ou bissexualidade, estando seu filho exposto ao radicalismo homofóbico e bifóbico, como constatado por meio da obra analisada, em que o homossexual geralmente aparece como sujeito indesejado socialmente, possibilitando um tom didático do texto, a considerar as falas das personagens, a partir da exposição de elementos plastificados socialmente, seja pela fala de Carlos, seja em relação ao discurso de sua irmã, aflorando uma clara defesa de argumentação ao suscitar os problemas do cotidiano LGBT.

O próprio uso da expressão “companheiro” é uma forma de chamar atenção para o discurso cisheteropatriarcal, delimitando o nível hierárquico entre heterossexuais e LGBT, estando o “casamento” reservado aos heterossexuais, o que de maneira distinta problematiza o assunto, optando por trazer uma linguagem simples e que verte o cotidiano, ao analisar o pensamento de Luzia.

De maneira geral, a literatura tem mostrado os aspectos sociais, como argumenta Candido (2004, p. 187), “a crítica assume o cunho de verdadeira investigação orientada da sociedade, estamos em face de exemplo de literatura empenhada numa tarefa ligada aos direitos humanos”.

Ademais, a obra apresenta um macrocosmo da violência e orientação sexual, a considerar o excerto de Nicolelis (2010, p. 43).

— O que foi que o irmãozinho escreveu dessa vez? O queridinho dele vai bem? — o marido passou por Luzia e fez a pergunta de forma depreciativa, como sempre fazia quando se referia a Carlos.

A violência é uma realidade que atravessa o cotidiano homossexual masculino, e alcança principalmente aqueles que assumem publicamente sua orientação sexual (ERIBON, 2008). Essa proposição pode ser constatada no excerto acima, embora todos os homossexuais, de modo geral, passem por homofobia, uma vez que a trajetória de uma pessoa homossexual está exposta continuamente ao ciclo da violência, aqui tecnicamente falando da maneira como é descrito Carlos, já que existe um chamado para seu cotidiano homofóbico de maneira bastante contundente, à medida que houve uma desvalorização do médico e cunhado pelo discurso homofóbico de Rodrigo.

Aproveitando a crítica de Candido (2004), observa-se que ao existir o interesse pelas representações diferentes, a literatura está contribuindo com o aumento sensível da leitura.

De uma maneira geral, o discurso cisheteropatriarcal se dá, na fala de Rodrigo, não somente para diminuição das sexualidades dissidentes, que de modo geral depende sempre da aceitação social em uma sociedade hegemônica, guiada por uma uniformização do pensamento global.

Outra característica positiva do romance é sua contraface positiva, haja vista o seu não distanciamento do mundo real, sobretudo por meio da transgressão sexual, fazendo com que a narrativa seja um ponto de partida no processo de reconhecimento LGBT.

Nesse sentido, o romance não somente apresenta, como representa uma quebra hegemônica do pensamento ultraconservador, seja por meio das falas homofóbicas, bifóbicas ou pela tréplica de certas personagens, essa situação parece tornar-se mais explícita em Nicoletis (2010, p. 75), “— nem quero imaginar. Mas não ia engolir bife enrolado, não. Filho meu tem de ser cabra macho, o resto é pura sem-vergonhice”. É fato que a obra não se apropria somente da realidade de Marco Aurélio e seu tio Carlos, de igual modo, toda sua construção permite ao leitor um tom de denúncia, inclusão e diversidade apresentadas de modo didático.

As personagens descortinam um véu opaco que está presente através da esfera social, a partir do que é representado em Marco Aurélio, Cristiano e Carlos, não sendo apenas uma cópia da violência homofóbica e bifóbica, desde o título da obra, em virtude do caráter de ruptura cisheteropatriarcal, quando tematiza um “Amor” para além da cisheteronorma.

Nesse sentido, as semelhanças são construídas a partir de um horizonte cisheteropatriarcal, trazendo para o debate o sujeito heterossexual, homossexual e bissexual, impedindo, portanto, que a imagem cisheteropatriarcal seja reforçada pelas falas das personagens dentro de uma proposição que pode ser lida como didática, na medida em que algumas personagens propõem um distanciamento da homofobia e da bifobia. Na verdade, é por isso que é didático, porque recorre a estereótipos, tais como o do pai que é super-homofóbico. Não há gradação de sensações, as personagens apresentam uma discussão, em que a figura do homossexual e do bissexual masculino está para além da violência, reducionismo

humano, sexualização, ao contrapor uma relação entre heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade e sociedade.

É neste movimento de compreensão das sexualidades dissidentes que a obra literária amplifica sua discussão. Como explica Colomer (2017), a literatura infantil e juvenil está ampliando esta discussão, na medida em que proporciona ao leitor meios de reflexão, pensando no acolhimento dos diferentes modos de vida.

Lima (2017) reforça a tese de que a literatura de cunho homoafetivo, além de proporcionar visibilidade, também é um excelente recurso de reflexão contemporânea sobre o tema LGBT.

No que tange ao didatismo da obra, é possível perceber uma reflexão para além do tema da homossexualidade e da bissexualidade, começando pelo sexo seguro entre os adolescentes e trazendo para o texto a grande discussão da homofobia e da bifobia social, ao delinear alguns princípios da cultura hegemônica, tal como é observado em Nicoletis (2010, p. 69).

A coisa é muito diferente, porque o judaísmo proíbe expressamente o homossexualismo, chamado de sodomia. Isso aconteceria também se ele fosse um adolescente cristão, em qualquer época em que vivesse. Além dos motivos morais, há outro, esse bem curioso: desde Aristóteles, três séculos antes de Cristo, até o século XVII — quando o anatomista holandês De Graaf descobre os folículos ovarianos, e conseqüentemente, como se processa a concepção —, acreditava-se que a única fonte de vida humana era o esperma, sendo o útero da mulher um mero saco receptor. Então uma relação homossexual significava o desperdício desse material quase sagrado: o sêmen originador de uma nova vida.

A obra analisada mostra os aspectos históricos da estereotipação homossexual e bissexual, no entanto, deve-se reconhecer os elementos didáticos, da qual é possível perceber a força cisheteropatriarcal, que é através desta mesma força que reverte os efeitos da discriminação, produzindo uma reflexão sobre a inferiorização homossexual e bissexual.

O romance narra o cotidiano de um adolescente que está em conflito com sua orientação sexual e, certo dia, é hostilizado pelos colegas de sala de aula, que se direciona para romper com os estereótipos, produzindo uma discussão didática que pode ser observado pelos posicionamentos de defesas, mediante o tácito isolamento de Tamires.

#### **4.3 O menino que brincava de ser: considerações sobre transexualidade ou travestilidade infantil**

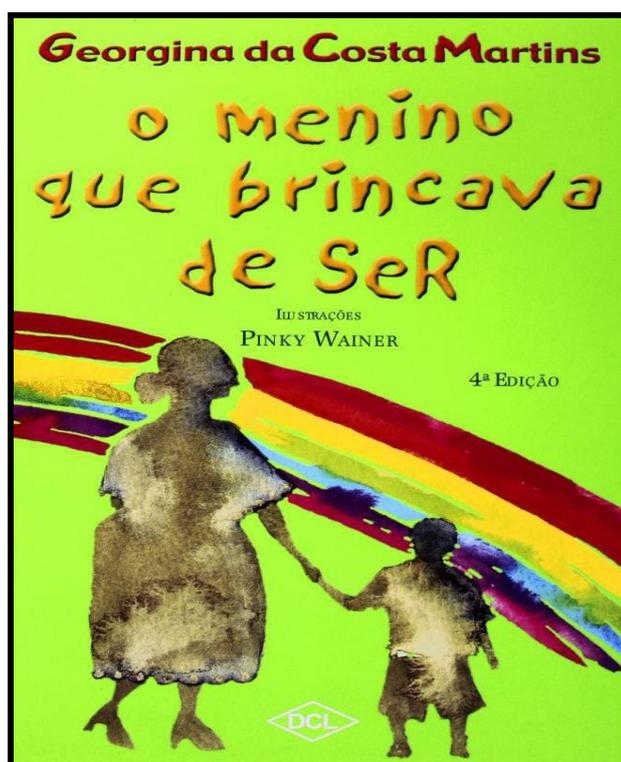
[...] o único mapa seguro que guia o olhar do médico e dos membros da equipe são as verdades estabelecidas para os gêneros, portanto, estamos no nível do discurso. Não existe um só átomo de neutralidade nesses códigos.

(Bento e Pelúcio, 2012).

Georgina da Costa Martins nasceu em 1959, na cidade de São Sebastião, Rio de Janeiro. Mãe de três filhos, João, Camilo e Ângelo. Formada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ocupa o cargo de professora da educação básica no Colégio Graham Bell do Sindicato de Telecomunicações do Rio de Janeiro<sup>42</sup>.

*O menino que brincava de ser* (2000), de Georgina da Costa Martins, conta a história de um menino que transita entre o mundo da fantasia e da identidade de gênero. O próprio título da obra abre margem para essa interpretação ou conclusão, quando apresenta como característica principal a brincadeira de ser de Dudu.

**Imagem 6: *O menino que brincava de ser***



**Fonte: Livro de Georgina da Costa Martins (2000).**

O conto analisado, enquanto narrativa literária, estimula o debate sobre o modo de vida de uma possível criança travesti ou transexual, colaborando com a

<sup>42</sup> Informações coletadas na orelha do livro analisado.

discussão da identidade de gênero na infância, quando recorre à influência cisheteropatriarcal para a construção narrativa de Dudu, personagem principal envolto pela querela da efeminação.

Nessa obra literária, ficam evidentes algumas características próprias da literatura de temática LGBT, como o infortúnio maternal e paternal, o nervosismo de Dudu ao encontrar Rafa (principal agressor), além da ideia de reversão sexual e identidade de gênero, que se estabelece pela visão clínica, muito embora nenhum profissional de saúde tenha dito que o menino era/estava doente. Esta última, uma característica tecida pela crença social e uma maneira de negar a travestilidade, ainda que tenha que associar ao desequilíbrio emocional.

Por isso, nota-se na descrição de Martins (2000), o caráter subversivo das normas sociais de representação da sexualidade humana dentro de uma sociedade marcada pela força cisheteropatriarcal. Essa ruptura literária é descrita com bastante clareza por Colomer (2017, p. 200).

A descrição familiar é exemplo típico da mudança produzida na descrição da sociedade atual. Desde que começaram a publicar livros para meninos e meninas, a família tem sido um cenário habitual no qual se situam as aventuras dos protagonistas infantis. Em primeiro lugar, porque a sociedade se encontra organizada em famílias e é natural que isto se reflita na narrativa literária do mundo. Em segundo lugar, porque busca-se a identificação dos meninos e das meninas com o cenário da ficção, e nada mais fácil que escolher o contexto familiar como reflexo de seu entorno cotidiano real.

O texto procura desconstruir a transfobia, incluindo as falas de algumas personagens, ao passo que vai inserindo elementos típicos do cotidiano das travestis e das transexuais, como o *bullying* escolar, o conflito familiar, entre outros.

Não se está afirmando que a personagem principal seja uma representação ideal da sexualidade desviante, posto que a criança passa por desafios diários. Consoante Martins (2000, p. 24), “em casa, o pai foi logo avisando à mãe: — Esse final de semana, o Silva vem aqui com os filhos. Dudu está precisando de outras amizades. Acho que deveríamos trocá-lo de escola”.

Dentro desse contexto, Dudu aparece sempre cercado pela cultura cisheteropatriarcal, seja através do discurso paternal, maternal, seja em outros momentos de sua vida, a exemplo da escolinha de futebol.

Dudu ficou sentado num canto esperando a hora de começar, não queria falar com ninguém. De repente, levou um susto enorme, viu entrar, correndo

pela quadra, o Rafa, o menino que batia em todo mundo na escola e que o chamava de mulherzinha (MARTINS, 2000, p. 26).

Para Facco (2009, p. 76), “a rejeição por parte da família tem uma influência profunda e indelével sobre a maneira como o jovem vivenciará a própria homossexualidade”.

O conto de Martins (2000) ergue-se sobre uma ousadia inesperada da personagem principal, ao delatar transgressões do cotidiano de uma suposta criança travesti ou transexual. O uso da transfobia pela ficção tem o caráter de rompimento com a cultura cisheteropatriarcal, principalmente pelo tom didático adotado pela obra, quando insere o tema da travestilidade<sup>43</sup> e da transexualidade<sup>44</sup> infantil.

O fato de a personagem principal possuir desejos impróprios de acordo com a cultura brasileira patriarcal, infelizmente o obriga ao convívio da violência materna, paterna, além de tantas outras vozes que atravessam o seu caminho de possível criança travesti ou transexual. Essa descrição narrativa da personagem chama atenção pelo modo didático, por exemplo, quando na voz do médico, “o doutor Psiquiatra fez um monte de perguntas ao Dudu e chegou à seguinte conclusão: — Mãe, seu filho não tem nada. Isso é normal na idade dele” (MARTINS, 2000, p. 14).

De uma maneira prévia, o conto vai dirimindo qualquer dúvida sobre identidade de gênero, à primeira vista, através da voz de um médico psiquiatra.

É nesse movimento de compreensão e reconhecimento da identidade de gênero que a obra literária vai inserindo o didatismo, como o pensamento cisheteropatriarcal, para que haja a quebra hegemônica, partindo desta cultura conservadora, conforme observa-se em Martins (2000, p. 4), “os amigos da escola acabaram se acostumando”.

No excerto, foi possível perceber uma manifestação de apoio ao modo de expressar da identidade de gênero de Dudu, pensando no próprio estranhamento social que as identidades de gênero desencadeiam na sociedade brasileira.

Martins (2000), com seu conto, buscou mostrar como a criança com identidade divergente e tida como diferente, sofre com o desprezo da família e da sociedade. Além disso, a obra busca mostrar como o desprezo pode evoluir para um

---

<sup>43</sup> Travestilidade é uma definição ou categoria anterior à transexualidade (BENEDETTI, 2005).

<sup>44</sup> Terminologia usada para designar aqueles e aquelas que não se enquadram no binarismo de gênero. Além disso, qualquer possível mudança na identidade de gênero, necessariamente, não altera a orientação sexual (BENEDETTI, 2005; BENTO, 2017).

quadro de violência psicológica e física, cujo exemplo pode ser observado em Martins (2000, p. 26),

Dudu ficou sentado num canto esperando a hora de começar, não queria falar com ninguém. De repente, levou um susto enorme, viu entrar, correndo pela quadra, o Rafa, o menino que batia em todo mundo na escola e que o chamava de mulherzinha.

Para pensar a violência de identidade de gênero, Martins (2000, p. 26) parte da reação praticada por Rafa, “menino que batia em todo mundo na escola”, para mostrar o nível transfóbico a que é submetida a personagem principal. Este ponto de partida serve de exercício de reflexão sobre a violência que estão sujeitas as travestis<sup>45</sup> e as transexuais<sup>46</sup>, em que a cultura cisheteropatriarcal insiste em não reconhecer travestis e transexuais, fazendo imperar o machismo.

Sobre o machismo, Benedetti (2005) vai adiante e diz que o machismo pode ser descrito como a representação do homem viril e, por isso, bravo, reacionário ao universo trans. Peres (2015) complementa dizendo que existe um processo de violência estrutural<sup>47</sup> da categoria trans<sup>48</sup> no cenário nacional brasileiro.

Essa violência estrutural pode ser percebida na descrição atribuída ao Rafa, considerando que ao expressar sua raiva, Dudu torna-se subalternizado, uma vez que não tem direito de se defender ou expressar sobre tal episódio. A descrição narrativa também serve para demonstrar um erro, na medida em que Dudu é rechaçado por apresentar traços de travestilidade ou transexualidade.

A subalternização é tão perversa que não somente faz Dudu ter medo das reações sociais, chegando a articular estratégias para driblar a travestilidade, transexualidade.

---

<sup>45</sup> A palavra travesti é o termo utilizado para designar os corpos masculinos que passam pela mudança de identidade de gênero, fazendo alterações na voz, corpo e vestimentas, porém recusam a cirurgia de redesignação sexual, pois não se constata nenhum sentimento negativo em relação ao pênis, mantendo o órgão intacto (BENEDETTI, 2005).

<sup>46</sup> Para se evitar qualquer aceção errônea, a transexualidade se difere da travestilidade, porque o ciclo só se completa com a cirurgia de redesignação sexual, popularmente conhecida como mudança de sexo (BENEDETTI, 2005). Essa questão também pode ser aprofundada em Bento (2017). Um outro elemento importante a se destacar é que a primeira tentativa de descrever ou separar a transexualidade, da travestilidade e homossexualidade, predominantemente, remete ao ano de 1949, ao considerar o trabalho de Cauldwell (BENTO, 2017).

<sup>47</sup> A definição do conceito de “violência estrutural” que utilizo nesta dissertação de mestrado está de acordo com a formulação proposta por Peres (2015), que reconhece o problema como uma extensão da violência de gênero, considerando o seu nível de manifestação e ocultação.

<sup>48</sup> O termo “trans” designa a categoria das travestis, das transexuais e das demais identidades que perpassam o binarismo de gênero.

A partir do trecho de Martins (2000, p. 6), “— Que é isso, meu filho? Você tá maluco?”, é possível debater a subalternização da identidade de gênero na infância, sobretudo no que tange ao desequilíbrio psicológico, enquanto marca da violência transfóbica.

A narratividade em questão apresenta um exemplo típico da subalternização dos corpos trans, pois o protagonista é atravessado pela injúria familiar e social. Paradoxalmente, no que se refere ao estereótipo, Amossy e Pierrot (2022) afirmam que é parte do processo de construção do texto literário, por ser algo cristalizado socialmente. E de acordo com Amossy e Pierrot (2022), o próprio texto literário pode trabalhar para desconstruir o estereótipo.

Nesse sentido, o conto trabalha para a visibilidade da identidade travesti e transexual, no momento em que apresenta uma criança como protagonista de uma identidade discordante. A obra literária também mostrou preocupação, na medida que inseriu algumas falas de personagens para defender Dudu, seja da reação da parentela, seja da sociedade.

Dudu estava em seu quarto ouvindo tudo, estava surpreso: nunca soube que seu pai gostava de se vestir de mulher quando era pequeno.

A avó quis ver o Dudu:

— Onde está esse menino? Quero conversar com ele.

Dudu entrou na sala com o vestido da mãe, os sapatos da tia e os brincos da avó.

— Meu Deus! Que é isso, Dudu? — falou a avó.

— Meu filho, vá tirar essa roupa! — falou a mãe.

— Meu Deus! Meu único neto! — disse o avô.

— Mulherzinha! — gritou o pai.

Os olhos de Dudu se encheram de lágrimas, mas mesmo assim ele continuou na sala.

O pai pegou-o pelo braço e disse:

— Vai ficar duas semanas de castigo!

A avó falou:

— Se fosse meu filho, eu dava uma surra bem dada.

Nesse momento, chegou a outra avó:

— Meu filho, como você está bonito! (MARTINS, 2000, p. 38-40-2).

Nas palavras de Gomes (2021), a descrição da personagem principal possibilita ao receptor uma (re)leitura das vidas rejeitadas socialmente, devido à multiplicidade de discriminação. De acordo com a pesquisadora, o protagonista foi repudiado moralmente por não se enquadrar dentro de uma cultura normativa (GOMES, 2021).

O argumento central parece residir na estereotipação da travestilidade e transexualidade, quando traz para o debate a ideia de corpo versus identidade de gênero, colocando em movimento recepção e rejeição da personagem. Com isso,

ocorre uma socialização sobre identidade de gênero, que aponta para um caminho didático, principalmente quando mostra o sofrimento de Dudu.

É importante destacar que a imagem de Dudu fantasiado ou travestido oferece um exemplo de estereótipo, quando fica marcado pela voz do pai, “— Mulherzinha! — gritou o pai” (MARTINS, 2000, p. 38), pois como argumenta Amossy e Pierrot (2022), o estereótipo permite reforçar um traço comum do preconceito socialmente cristalizado.

Ainda tratando sobre a estereotipação transexual e travesti, para Dutra (2019), os primeiros manifestos contrários à discriminação homoafetiva ocorreu tardiamente, a registrar o ano de 1970, uma reivindicação encabeçada pela população travesti e transexual dos Estados Unidos, cujo movimento é conhecido como a Revolta de Stonewall.

Benedetti (2005) e Peres (2015), ao pesquisarem sobre o cotidiano das travestis, notaram que a invisibilidade social, política e jurídica se intensificavam quando ocorriam as primeiras alterações corporais, o que fazia despertar o preconceito, que diretamente interfere no itinerário da população travesti e acaba por dificultar o pleno reconhecimento da identidade de gênero.

Nesse sentido, o protagonista Dudu acaba representando a subalternização, seja pela associação obra literária versus sociedade, seja pela descrição transfóbica paternal. De acordo com Colomer (2017), a literatura toma para ela o contexto social como forma de representação ficcional.

Dessa forma, a literatura infantojuvenil, tal como é observado por Colomer (2017), tem estimulado o respeito pelas diferenças desde o final da primeira metade do século XX.

Foucault (2019b, p. 38) defende o argumento de que

Em vez da preocupação uniforme em esconder o sexo, em lugar do recato geral da linguagem, a característica de nossos três últimos séculos é a variedade, a larga dispersão dos aparelhos inventados para dele falar, para fazê-lo falar, para obter que fale de si mesmo, para escutar, registrar, transcrever e redistribuir o que dele se diz. Em torno do sexo toda uma trama de variadas transformações em discurso, específicas e coercitivas? Uma censura maciça a partir das decências verbais impostas pela época clássica? Ao contrário, há uma incitação ao discurso, regulada e polimorfa.

Nesse desafio de (re)pensar a travestilidade ou a transexualidade infantil através do conto de Martins (2000), por meio de um exercício crítico dos estudos de Foucault (2019b), nota-se um esforço para falar de sexualidade. Por esse motivo, o

conto alinha-se ao empenho de que fala Foucault (2019b), a considerar o didatismo empregado na desmistificação da identidade de gênero do protagonista.

As barreiras do discurso foram rompidas, mas o homem que destoa da cisgeneridade masculina, passa a não ser considerado completo, o que implica afirmar que a transexualidade ou a travestilidade<sup>49</sup> está circunscrita ao olhar de repugnância moral da sociedade. Por isso, o protagonista envolto na questão trans, aparece descrito dentro de um viés cisheteropatriarcal, para acionar o didatismo literário.

Por essa razão, a narratividade, a percepção sobre o corpo de Dudu, destacando o olhar social e familiar que lhe é reservado, é aquele norteado pelos parâmetros hegemônicos. Por exemplo,

No começo, a mãe de Dudu ficou muito preocupada, pois ele nunca queria ser o príncipe ou o rei, só gostava de ser bruxa, fada e até princesa. Mas a professora do Dudu dizia que não tinha problema:

— Não faz mal, é da idade, com o tempo isso passa. Deixe-o ser o que quiser.

Aí ela deixava, mas ainda ficava um pouco preocupada. O pai não queria saber daquela história:

— Onde já se viu menino vestido de bruxa?

Teve um dia que Dudu acordou com uma vontade enorme de brincar de ser de verdade.

— Como assim, Dudu?

— Mãe, eu queria ser uma menina!

— Que é isso, meu filho? Você tá maluco?

— Não, mãe, é verdade, eu queria mesmo (MARTINS, 2000, p. 6).

O fragmento ajuda a entender o porquê de um modelo centrado no cisheteropatriarcado e no didatismo, pois a narrativa assume o binarismo de gênero, passando a demonstrar o quanto a travestilidade ou a transexualidade infantil é recriminada e, ao mesmo tempo, faz com que o trecho assumo o didatismo, considerando que na abertura da conversa, “[...] a mãe de Dudu ficou muito preocupada, pois ele nunca queria ser o príncipe ou o rei, só gostava de ser bruxa, fada e até princesa. Mas a professora do Dudu dizia que não tinha problema” (MARTINS, 2000, p. 6).

Nesse sentido, acredito que Georgina da Costa Martins (2000), ao construir a personagem protagonista de sua obra literária, ainda que desintencional, no caso de Dudu, os laços hegemônicos são quebrados pela aceitação da professora, indicando

---

<sup>49</sup> O cientista social Marcos Renato Benedetti (2005) apresenta a Antropologia como primeira disciplina a se dedicar ao estudo das travestis brasileiras.

um balanceamento meramente didático de um assunto irascível, assegurando uma crítica ao cisheteropatriarcado.

Dito de outra forma,

Muitos meninos, assustados com a dura independência a que são condenados, almejam então ser meninas; nos tempos em que no início os vestiam como elas, era muitas vezes com lágrimas que abandonavam o vestido pelas calças, e viam seus cachos serem cortados (BEAUVOIR, 2016, p. 14).

É por esse caráter cultural da masculinidade genital masculina presente na sociedade, que Beauvoir (2016) irá se referir ao pênis como encarnação da virilidade anunciada, em que o falo está associado a ideia ininterrupta de masculinidade.

Também é conveniente notar como o conto explora a violência transfóbica, trazendo diversos exemplos do cotidiano de Dudu, ao passo que seu corpo precisa passar pela ciranda da cultura cisheteropatriarcal. A violência assume papel importante na narrativa, já que a partir dela, é possível observar retração, medo, choro, machismo, uma vez que o próprio pai da criança tece comentários machistas.

Um dia, Dudu estava com um vestido de sua mãe, um sapato de sua tia e uns brincos que sua avó havia esquecido em sua casa. Brincava, distraído, com o espelho do seu quarto, quando, de repente, seu pai abriu a porta:  
— Que negócio é esse? Você é mulherzinha?  
Os olhos de Dudu se encheram de lágrimas, ele não gostava que ninguém o chamasse assim. Outro dia, na escola, o Rafa, um menino que gostava de bater em todo mundo, chamou-o assim. — Olha lá a mulherzinha — gritou, bem no meio do pátio. Um monte de gente ficou rindo dele...  
— Ande, vá tirar essa roupa ridícula! (MARTINS, 2000, p. 16).

O comportamento paternal acima descrito é resultado de uma visão transfóbica, mesmo que todas as pistas demonstrem diferentes interpretações sobre o modo de vida de Dudu, o que permite a revelação antecipada da discriminação trans na sociedade. Desse modo, a narrativa assume um papel didático, por meio de um olhar de aceitação interno/externo, conforme evoca a transfobia.

No caso dessa narrativa, a aceitação ou fantasia infantil de Dudu é uma realidade, podendo ser observada através do uso frequente de vestidos e maquiagem, o que, possivelmente, caracterizaria uma fase de transição do masculino para o feminino.

Berenice Bento (2017) afirma que o gênero é construído socialmente, mas também discursivamente, linguisticamente. Essa afirmação esclarecedora de Berenice Bento (2017) toca, com sutil leveza, a obra de Georgina da Costa Martins (2000), em minha leitura, quando os pais de Dudu movidos pelo medo de uma

revelação trans, se juntam para modificar a rotina cotidiana do filho, levando esse filho para consultas médicas, inserindo Dudu em escolinha de futebol, além de recriminar sua postura.

Os sinais da identidade de gênero estavam “cristalizados” na cabeça dos pais de Dudu, como de outros membros da família e da sociedade, confirmando que para além de uma construção social, a travestilidade e a transexualidade são facilmente atacadas, dado o peso moral de uma possível criança travesti ou transexual.

Peres (2015) esclarece que a negação da identidade de gênero tem como finalidade a correção e o silêncio. Seguindo essa linha de pensamento, a obra *O menino que brincava de ser* (2000) tem vários episódios desse tipo, que dificulta o relacionamento de Dudu com sua família.

— Tudo culpa dessa professora que fica incentivando essas coisas — pensava ela.  
 — Seu pai nem pode saber de uma coisa dessas, viu?  
 — Mas, mãe, por que eu não posso ser menina? Você não é?  
 — Mas eu nasci assim; você não, você nasceu como o seu pai.  
 Dudu nem ouviu direito, entrou no quarto de sua mãe e ficou lá (MARTINS, 2000, p. 8).

No trecho, o leitor depara-se com Dudu revidando sua mãe, pois ele queria ser menina. Gomes (2021), ao analisar *O menino que brincava de ser* (2000), afirma que por causa de uma visão tradicional, cuja insistência passa pela readequação do protagonista, leva o leitor a compreender o caráter transfóbico da ação maternal e paternal. Aproxima-se daqui Spivak (2010), tendo em vista que o discurso abalizado pelo controle hegemônico está predestinado ao sufocamento.

Consequentemente, a recepção do discurso no texto literário, é materializado através das personagens de ficção ou, como diz Maingueneau (2018), o discurso outorga os diversos contextos inseridos pela sociedade.

Marcado por um trajeto doloroso de Dudu, o conto colabora com o caráter reflexivo acerca da violência transfóbica, quando deixa ecoar o parecer médico-clínico, pelas interferências a favor da fantasia infantil ou da identidade de gênero, sem qualquer tipo de patologização.

Marcaram consulta para o dia seguinte e foram todos: mãe, pai e avô, mas fizeram questão de não chamar a outra avó:  
 — Ela podia estragar tudo — pensava o pai.  
 Quando chegaram ao consultório do doutor Endocrinologista, a avó foi logo dizendo:  
 — O senhor precisa examinar esse menino direitinho, ele agora cismou que quer ser menina. Será que tem alguma coisa fora do lugar?

O doutor Endocrinologista era um velhinho muito simpático e foi logo conversando com o Dudu: — E aí, Dudu, quantos anos você tem?

— Tenho seis.

— Você já sabe ler?

— Já aprendi este ano.

— Ah, que legal! Você gosta de histórias?

O pai olhou para a mãe, que olhou para a avó, que olhou para o avô...

— Gosto muito!

— Então vou lhe dar um livro que eu tenho aqui. Comprei pra dar pro meu neto, mas ele já tem...

Dudu começou a achar aquele doutor muito legal.

— Tome, é um livro de bruxas. Você gosta de histórias de bruxas? Eu tenho três netos: dois meninos e uma menina... um dos meninos tem a sua idade e ele adora bruxas!

O pai olhou para a mãe, que olhou para o pai, que olhou para a avó, que olhou para o avô, que não olhou para ninguém.

Dudu pensou: — Esse cara é mesmo muito legal!

O doutor Endocrinologista achava uma perda de tempo examinar o Dudu, mas, pela cara da família, resolveu examinar.

— E aí, doutor? — perguntou a avó — Ele tem alguma coisa grave? Tem cura? Tá tudo no lugar?

Nessa hora, o pai saiu da sala, com a desculpa de que ia fumar. O avô o acompanhou.

Sem olhar para a avó, o doutor Endocrinologista disse:

— Mãe, o seu filho não tem nada, ele é um menino muito saudável. Nessa idade, isso tudo é normal. Agora, eu acho que a senhora e seu marido deveriam procurar o doutor Fulano, que é um amigo meu — ele é muito bom pra tratar de pai e mãe (MARTINS, 2000, p. 58, 60-2-4).

A imagem do “velhinho” chama a atenção, em minha interpretação, por ser uma figura masculina guiada pela idade, o que poderia intensificar o olhar de discriminação, no entanto, ao contrário, como é mostrado na narrativa, o médico descarta qualquer carga discriminatória ou patológica.

Observa-se que o texto exerce um papel didático, quando se ocupa de mostrar o lado da transfobia familiar e social, ressaltando as injustiças e crueldades vividas por Dudu, cujo foco é a correção da associação patológica que sempre esteve relacionada ao público trans.

O didatismo aparece como elemento central, a considerar as interlocuções médicas, na defesa da sanidade mental e da liberdade de expressão de Dudu, como através da fala da avó paterna do protagonista.

— Mas o que houve por aqui? Por que todos vocês estão com essa cara? Dudu olhava para um, para outro. Acho que ele não sabia que atitude devia tomar. A outra avó percebeu o embaraço:

— Dudu, venha me dar um beijo, estou morrendo de saudades.

— Mamãe, o Dudu está com problemas.

— Quem está com problemas sou eu — disse o pai.

— Mamãe, o Dudu disse que queria ser uma menina.

— Mas o que tem isso? Você já quis ser tanta coisa na vida.

— É, mas aposto que nunca quis ser menino — disse o pai.

— Que bobagem, isso passa. Dudu, vamos lá no seu quarto; olhe o que eu trouxe para você (MARTINS, 2000, p. 42-4).

Colomer (2017) explica que a literatura infantojuvenil, desde o final da Segunda Guerra Mundial, tem uma tendência construtiva que colabora com o desenvolvimento humano. Nesse contexto, tem-se o que Colomer (2017) chama de “voz autêntica” no trato das questões silenciadas, já que consiste na inserção de temas até então ignorados, tanto pela sociedade como pela literatura infantojuvenil, ao tempo que normalmente trata com naturalidade.

O enredo buscou mostrar o emaranhado da violência transfóbica, sobretudo quando insere a voz dos pais de Dudu. Isso posto, a narrativa vai apresentando outras falas que rechaçam a transfobia, evidenciando a naturalidade ou leveza literária do tema abordado, principalmente quando indica através do debate clínico-médico que não há nada de errado com o protagonista, colaborando com a criticidade, reflexão e instrução, que pode ocorrer por meio da leitura da obra literária.

Conforme explica Fernandes (2016), a literatura tem ampliado a visão da transgeneridade, levando em consideração o contexto social contemporâneo, como alternativa para evitar o sarcasmo ou a satirização das representações homoafetivas, mostrando preocupação por meio das narrativas ficcionais.

Houve um diálogo pertinente entre travestilidade, transexualidade e cisheteropatriarcado, apresentando as batalhas internas e externas do protagonista Dudu, de modo que o desfecho literário constitui um caminho reflexivo, a considerar a complexa teia social que envolve o assunto.

— Vó, acho que eu quero continuar sendo eu. Não quero mais virar menina pra sempre.

A vó também olhou bem fundo nos seus olhos e, por alguns instantes, um ficou olhando fundo no olho do outro... Até que Dudu deu um grito:

— Vó, já sei:

Eu quero é ser ator de teatro! (MARTINS, 2000, p. 76).

Na compreensão de Fernandes (2016), a atual representação travesti na literatura desvela uma ruptura com os padrões hegemônicos, indicando uma nova atmosfera social, em que os personagens fictícios, mesmo com apontamentos e julgamentos, apresentam avanços através de declinações e correções humanizadas.

A literatura infantojuvenil notabiliza-se pelo enfrentamento ao domínio do regime opressor (COLOMER, 2017). Dentro desse contexto, a personagem se mostrou corajosa, embora não tenha assumido sua identidade de gênero, haja vista a pressão familiar e social enfrentada por Dudu, o que pode ter sido uma estratégia

de fuga literária adotada pelo conto, pensando na exacerbação provocada pelo assunto explorado, como também pode ser uma mera possibilidade de suscitar a discussão sobre um assunto tempestuoso.

No caso do desfecho inconclusivo, como assinala Colomer (2017, p. 261), “mas, na literatura infantil e juvenil atual, há muitas obras que não adotam a norma do final feliz, salvo os que terminam com a aceitação do conflito, deixam o final aberto ou optam por um desenlace claramente negativo”.

A leitura do conto de Martins (2000) fornece pistas elementares para a quebra hegemônica do assunto abordado, tendo como exemplo, “antigamente, os meninos nem gostavam de ser as personagens femininas das histórias... Agora é a maior briga para ver quem vai ser a bruxa” (MARTINS, 2000, p. 52), demonstrando sensibilidade no trato da questão e assumindo elementos típicos da ciranda social.

É possível verificar uma aproximação entre literatura e sociedade (FACCO, 2009), quando o protagonista é representado pela teia da violência transfóbica, tal como, geralmente ocorre no meio social.

A obra de Georgina da Costa Martins (2000) possibilita questionamento sobre o posicionamento infantil, cujo reflexo serve para explicar a construção histórica do estranhamento dos corpos de pessoas travestis e transexuais, em especial pela ótica infantil, abrindo espaço para o didatismo ao inserir questões referentes ao mal-estar provocado pelas identidades não-heterossexuais.

Nesse sentido, a descrição narrativa de Dudu, em um período de recrudescimento da literatura de temática LGBT, por si só, já configura um posicionamento de enfrentamento social, de modo que o protagonista representa uma superação da cultura cisheteropatriarcal, considerando fantasia, leveza descritiva acerca da travestilidade e transexualidade.

A saber, a narrativa e as personagens estudadas na obra de Georgina da Costa Martins (2000), mais do que romper com o cisheteropatriarcado, o enredo destaca-se pelo didatismo, considerando o papel transgressivo do protagonista, como de outras personagens, incluindo avó, professora de Dudu, colegas de sala de aula e diferentes reações médicas. Outro aspecto significativo são os elogios de expoentes importantes da sociedade brasileira que aparecem na contracapa do livro, elementos relevantes que permitem ratificar o valor do corpus explorado.

Adorei o livro! Confesso que me provocou a vontade de chorar pela emoção de ver aquele menininho tão indefeso, tão incompreendido, mas tão

autêntico. É interessante, cativante, bem-escrito e muito criativo. Acho que não é só para crianças, é para todo mundo (MOTT, Luiz<sup>50</sup>, s/p).

De modo semelhante,

Gostei muito, parece-me amoroso e, de fato, capaz de questionar preconceitos. Acho também que a personagem da avó poderia ser mais desenvolvida (COELHO, Marcelo<sup>51</sup>, s/p).

Do ponto de vista do didatismo, Arroyo (2011) sublinha que o reconhecimento didático é uma tendência cultural da literatura infantil e juvenil. E no livro de Georgina da Costa Martins (2000), encontro elementos que me permitiram refletir melhor sobre o didatismo sobretudo no discurso de personagens que circundam o universo de Dudu.

O conto fornece elementos para se (re)pensar a questão da transgeneridade infantil ou a fantasia. Ao mesmo tempo em que apresenta uma denúncia da repressão sofrida pelo personagem Dudu, pensando na possível afirmação da identidade travesti ou transexual.

Ao se deparar com uma possível literatura de temática LGBT, a narrativa mostra os sinais claros da violência transfóbica. Fernandes (2016) ressalta que a literatura tem avançado, pensando na representação transexual como conflito social.

É aí que reside o didatismo da obra de Georgina da Costa Martins (2000), uma vez que a situação descrita provoca vergonha social, cujo reflexo pode ser sentido na construção narrativa de Dudu.

Por fim, a obra pode ser enquadrada como homoafetiva, somada à descrição do sofrimento de Dudu, e assim ela também pode ser lida como narrativa de descrição da fantasia típica da fase infantil. Com base no conto em questão, Dudu argumenta

— Gosto de brincar de ser.

[...]

— Gosto de um monte: quando eu vejo o desenho do Robin Hood, eu brinco de ser ele; quando eu vejo o da Bela Adormecida, eu brinco de ser bruxa, eu gosto muito de ser bruxa... (MARTINS, 2000, p. 10).

Gomes (2021) enfatiza que a obra de Georgina da Costa Martins (2000) buscou afastar-se da celeuma historicamente associada ao tema da diversidade de

<sup>50</sup> Antropólogo, professor da Universidade Federal da Bahia e presidente do GGB.

<sup>51</sup> Articulista da *Folha de São Paulo*.

gênero, evocando um discurso contrário ao sentimento de discriminação e dando lugar ao usufruto da visão cultural da infância.

A simples razão de uma representação literária que se opõe ao preconceito, indica um avanço expressivo. Em vista disso, o conto analisado traz visibilidade para a questão da identidade de gênero, ao empregar reflexões baseadas em princípios morais, reverberando o desejo de liberdade para o incômodo da identidade de gênero na infância.

Ao propor uma análise sobre o didatismo, é preciso reconhecer que o conto apresenta uma discussão disruptiva sobre travestilidade, transexualidade e imaginação infantil, em relação aos papéis de gênero como construção social, utilizando como argumentação para inferência didática as falas das personagens, ao introduzir falas que podem suscitar discussões no mundo real.

O didatismo é caracterizado, principalmente, pelo posicionamento médico que ajuda a desmascarar o preconceito transfóbico. Portanto, o conto proporciona um alerta ao modo como se vive em sociedade e como o patriarcado pode impactar no cotidiano da população travesti e transexual.

#### **4.4 *Olívia tem dois papais: uma nova (re)configuração familiar***

*Família, não tem duas iguais.*

*[...]*

*Tem família com um pai e uma mãe que não se entendem como parentes.*

*Nesse caso eles moram em casas diferentes.*

*E por aí vai... tem família só com mãe ou só com pai.*

**(Aline Abreu, 2007).**

*O mundo está mudando, que bom! Mas ainda há quem não aceite essa forma de viver.*

*[...]*

*É preciso conversar sobre o assunto para entender que alguém pode ser diferente sem ser errado. E que amar é respeitar o jeito de ser de cada um!*

**(Walcyr Carrasco, 2010).**

Márcia Leite nasceu na cidade de São Paulo, em 1960. Formada em Língua e Literatura, com atuação no campo da edição de textos<sup>52</sup>, além de educadora e autora de algumas coleções didáticas na área de língua portuguesa. Também escreve roteiros de teatro para o programa Bambalalão, da TV Cultura<sup>53</sup>.

<sup>52</sup> Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=02793>>. Acesso em: 13 out. 2022.

<sup>53</sup> Informações coletadas na penúltima página do livro analisado.

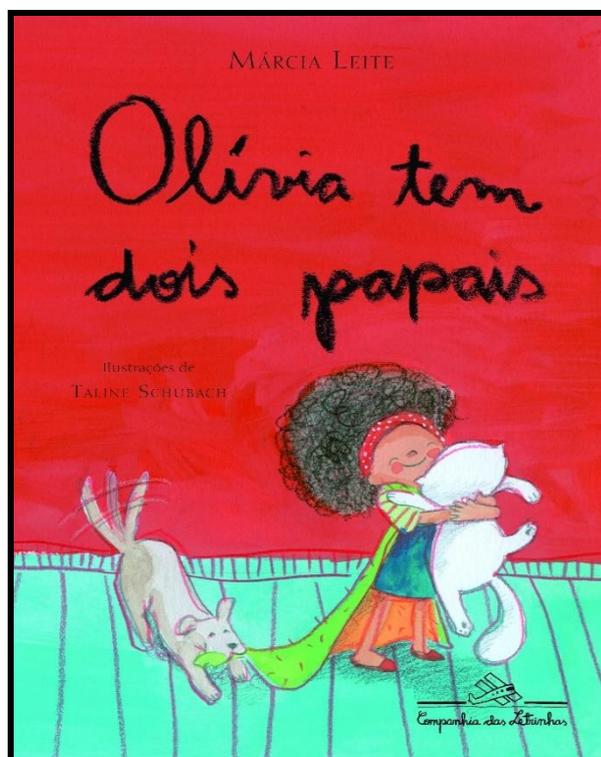
*Olívia tem dois papais* (2010) é um livro de 46 páginas, cujo enredo descreve a homoparentalidade masculina, expertise e perspicácias de Olívia.

A protagonista Olívia é uma menina negra com dois pais brancos, informação que só pode ser extraída pela tecitura das ilustrações presentes no livro. Embora em minha análise, o foco seja apenas o texto escrito.

O enredo narrativo faz questão de mostrar o cotidiano de Olívia e seus dois papais, cuja proposição pode ser associada ao rompimento da marginalização social da homossexualidade, em que o tema da homossexualidade é representado por uma família de classe média, quebrando o estigma social da correlação entre orientação sexual homoafetiva e desestruturação.

A obra foi escrita por Márcia Leite e conta com ilustrações de Taline Schubach<sup>54</sup>. Através das falas das personagens que intercalam homotransfobia, curiosidade típica da infância, orientação sexual e adoção homoparental, o diálogo vai sendo pautado a partir do didatismo, quando destaca falas em defesa da união entre iguais, incluindo a adoção.

### **Imagem 7: *Olívia tem dois papais***



**Fonte: Livro de Márcia Leite (2010).**

---

<sup>54</sup> Graduada em Comunicação Visual pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Informações coletadas na última página do livro analisado.

Quando se fala em adoção homoparental<sup>55</sup>, considerando o que afirma Facco (2009), o conservadorismo brasileiro permanece inerte no século XXI, do ponto de vista de Trevisan (2018) por causa do fundamentalismo cristão. A adoção por casais homossexuais permanece sendo um tema ignóbil para grande parte da sociedade brasileira. O próprio casamento entre iguais não é consenso, provocando inquietações históricas.

Portanto, dado o contexto da obra, a mesma fundamenta-se no arranjo entre ficção, história e jurídico, em que a narrativa descreve o modo como a homoparentalidade provoca inquietação social.

É válido observar que o cisheteropatriarcado está cristalizado na sociedade. Por isso, a narrativa rompe com a cultura cisheteropatriarcal, ao apresentar de maneira descontraída uma família homoparental.

Trata-se de um livro que trouxe à baila o tema da homoparentalidade masculina, assumindo um posicionamento transgressivo ao romper com os pilares hegemônicos a partir da capa, pois como ressalta Machin (2016), o reconhecimento da união estável entre iguais, como extensão para adoção familiar, ocorreu, somente no ano de 2011.

É importante salientar que a obra literária subverte a cultura cisheteropatriarcal, quando lança luz para a questão da composição familiar formada por dois homens e uma menina.

Como assevera Foucault (2019b, p. 51), “a sociedade moderna é perversa, não a despeito de seu puritanismo ou como reação à sua hipocrisia: é perversa real e diretamente”.

Considerando essa reflexão de Foucault (2019b), pode-se dizer que a narrativa questiona os padrões hegemônicos, sendo possível identificar o primeiro traço transgressivo, na capa como já mencionado anteriormente, e durante toda extensão do corpus analisado.

Para lidar com o assunto, a obra coloca na voz de Olívia, algumas das inquietações sociais que desperta o tema da homoparentalidade na sociedade contemporânea, pois consoante trecho de Leite (2010, p. 8), “Olívia tinha um talento

---

<sup>55</sup> A Associação de Pais e Futuros Pais Gays e Lésbicas, no ano de 1997, movidos pelo desejo do reconhecimento e do direito ao processo de adoção por casais homossexuais, inspirados no neologismo de homoparentalidade, designam o termo para representar cônjuges de mesma orientação sexual com interesse na adoção de crianças, inclusive o reconhecimento da primeira família homoparental brasileira é uma conquista magistral do estado de São Paulo (OLIVEIRA; LESSA, 2010).

muito especial. Ela sabia exatamente como usar algumas palavras para conseguir as coisas que queria”.

Olívia é uma criança que compreende a dinâmica da sua configuração familiar, incluindo os afetos, sua vivência social, junto ao seu caráter transgressivo de menina, conforme trecho da obra de Leite (2010, p, 18), “[...] você não sabe que está super na moda andar por aí sem calcinha e sem sapatos? — Olívia disse, com muita naturalidade”.

Sobre o comentário de Olívia, o processo crítico ocorre por meio da arbitrariedade de seu posicionamento em uma sociedade hegemônica. Ou seja, o comportamento da protagonista é subversivo, pensando no contexto social da opressão sexual ao qual a mulher está submetida.

O discurso da menina, manifestado no fragmento acima, quebra a hegemonia, mesmo que sutilmente, assumindo um caráter didático, uma vez que a mulher “tem uma grande preocupação por tudo o que ocorre dentro dela; é desde o início muito mais opaca a seus próprios olhos, mais profundamente assaltada pelo mistério perturbador da vida do que o homem” (BEAUVOIR, 2016, p. 22).

Na visão de Candido (2004), é correto afirmar que esteja ocorrendo uma mudança no comportamento social, confirmando-se, assim, a repulsa pela indiferença e, conseqüentemente, facilitando o reconhecimento da individualidade de cada ser humano.

Tendo como foco as relações de gênero, entendo que Olívia vai questionando o modelo convencional das brincadeiras infantis, talvez por não se reconhecer nos limites impostos pela cultura cisheteropatriarcal, ação que a faz trazer para o debate a questão hegemônica, como mostrará a análise,

— Papai Raul, você também brincava de boneca quando era do meu tamanho?

— Não, filha, eu brincava de outras coisas. Nem tinha boneca lá em casa.

— Do que você brincava, então? — Olívia insistiu.

— De brincadeiras de menino, com o tio Roberto. Carrinho, futebol, videogame, luta, bicicleta. Coisas assim.

— Então você nunca brincou de boneca? Nunca brincou de mamãe e filhinho? Que intrigante! — ela refletiu em voz alta.

'Intrigante' era mais uma palavra que deixava papai Raul muito, mas muito curioso.

— O que você achou intrigante, Olívia? — ele perguntou.

— Se você nunca brincou de boneca ou casinha, como foi que aprendeu a cuidar tão bem de uma filha menina? (LEITE, 2010, p. 21-2).

Dessa forma, devo frisar que na extensão literária da obra analisada, a personagem principal, novamente apresenta outros questionamentos de mesma similaridade, como descrito pela obra de Leite (2010, p. 35), “— Que intrigante! Se você nunca brincou de casinha nem de comidinha, como foi que aprendeu a fazer umas comidas tão gostosas para sua filha?”.

Nesse sentido, é possível defender que a protagonista tem consciência de seu papel de mulher e filha adotiva de uma relação homossexual masculina, sendo esta uma maneira de colocar em movimento os questionamentos da criança, para desfazer o preconceito, ao passo que insere um modelo de família que destoa do modelo heterossexual, deixando para a voz infantil, alguns elementos que reforçam a estereotipia, como forma de incitar o debate que cerca o lócus social.

De modo geral, ao colocar os questionamentos na boca de uma criança, a tendência é evitar a deturpação da imagem homossexual masculina. De forma que, ao ter como interlocutora a criança, o diálogo ocorre com naturalidade, demonstrando respeito, ao tempo que tira o enfoque da adoção por casais legalmente constituídos por um homem e uma mulher.

A obra reforça implicitamente a luta empreendida por casais homossexuais, ao mostrar que o cuidar de uma criança, de modo especial, uma menina de cabelos encaracolados, dentro de um contexto social hegemônico, a figura da mãe biológica e seus cuidados, está representada por duas personagens do sexo masculino.

Nesse sentido, nota-se um viés didático embebido nas falas das personagens, da narrativa como um todo, ao entrar em pauta os questionamentos de Olívia, seguidos da explicação cuidadosa de papai Raul. Facco (2009) entende que a literatura tem buscado representar as desigualdades humanas e sociais, justamente para evitar a abjeção.

Alterando um conceito de Otto Ranke sobre o mito, podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. Neste sentido, ela pode ter importância equivalente à das formas conscientes de inculcamento intencional, como a educação familiar, grupal ou escolar (CANDIDO, 2004, p. 177).

Candido (2004) alerta que literatura é imprescindível, pois consegue alcançar diferentes camadas sociais, além do seu lado erudito.

Entendo que houve uma representação positiva de papai Raul, como o trecho a seguir evidencia, “tão a sério que, quando percebia, já estava deitado no chão ao lado de Olívia, brincando de mamãe e filhinho, ou cercado por um monte de bonecas” (LEITE, 2010, p. 16).

É possível enxergar um movimento positivo da representação ficcional de papai Raul, dentro de uma imagem que contraria a tradição de arranjo familiar. Conforme Colomer (2017), embora contenha elementos realistas, mais recentemente a literatura infantil e juvenil está empenhada em solucionar conflitos arcaicos.

A ordem patriarcal não atuou como agente regulador da moral e dos bons costumes na obra analisada, principalmente quando apresenta a argumentação de Olívia, o que serve como ponte para desarticular o preconceito contra o processo legal de adoção por pessoas LGBT.

É notório o processo de reflexão gerado pela obra de Márcia Leite (2010), dada a não marginalização da conjugalidade homossexual, e levando em consideração a extensão cisheteropatriarcal na voz de Olívia, para mostrar que a homoparentalidade é um traço importante. Em outras palavras, o ponto positivo discutido pela obra literária, está na representação paterna homoparental, por desassociar papai Luís e papai Raul da imagem feminina.

A saber, a materialidade linguística do texto caracteriza-se pela representação transgressora de Olívia e seus dois papais, no que se refere ao processo de adoção homoparental, situando a obra ao contexto social. É valioso postular que o código cisheteropatriarcal é quebrado desde a capa da narrativa, como já mencionado anteriormente.

O paradigma da transgressão dá conta da situação descrita pela narrativa de Márcia Leite (2010), com enfoque principal para a orientação sexual do casal, além da questão racial da protagonista, não explorado linguisticamente. Trata-se, de início, do questionamento de padrões hegemônicos, nesse caso, como diz Eribon (2008), pelo fato da homossexualidade representar uma falha na hegemonia.

A questão racial tem grande visibilidade pela representação ilustrativa da obra, permitindo esta leitura. Trata-se de pontos que não serão explorados por esta dissertação, dado o recorte do trabalho investigativo.

Diante do exposto, tomando como objeto a obra de Judith Butler (2019, p. 128),

Desde sempre um signo cultural, o corpo estabelece limites para os significados imaginários que ocasiona, mas nunca está livre de uma construção imaginária. O corpo fantasiado jamais poderá ser compreendido em relação a uma outra fantasia culturalmente instruída, a qual postula o lugar do 'literal' e do 'real'. Os limites do 'real' são produzidos no campo da heterossexualização naturalizada dos corpos, em que os fatos físicos servem como causas e os desejos refletem os efeitos inexoráveis dessa fisicalidade.

Em razão disso, o substantivo “mamãe” pode caracterizar um ponto didático, tanto quanto uma fantasia de Olívia, tendo em vista que a heterossexualidade não desperta mal-estar, pensando no próprio estranhamento da figura homossexual masculina no exercício da função maternal, o que pode ser uma (re)leitura dos diferentes ângulos da adoção homoparental, como da função maternal que passou a ser executada por duas personagens masculinas, consoante Leite (2010, p. 41), “assim que papai Luís fechou a porta do quarto, ela saiu em disparada para se arrumar. Gostava de se enfeitar e de ficar bonita. Gostava mais ainda de ganhar presentes. E gostava muito mais de papai Luís e de papai Raul”.

Pensar o corpo de Raul, enquanto leitura crítica e subversão hegemônica também ajuda a compreender o processo histórico de repressão masculina, levando em considerando a voz de Olívia, “— sabia que o meu amigo Lucas disse que o pai dele não sabe cozinhar? E ele também falou que as mulheres é que devem fazer comida, não os homens — Olívia contou (LEITE, 2010, p. 36).

E no contexto de enfrentamento do preconceito cristalizado socialmente, Olívia vai abrindo espaço para o caráter transgressivo, ao passo que o diálogo intensifica-se por intermédio da voz infantil da pequena Olívia.

A sexualidade foi descrita em Leite (2010), como uma categoria ampla, profunda, gerando desconforto ao menor sinal de rompimento hegemônico, para gerar um olhar de respeito pela não-heterossexualidade.

É notório, por meio das afirmações anteriores, que as falas de algumas personagens estão de acordo com a estrutura social, em que a homossexualidade masculina está no limbo da cultura cisheteropatriarcal, a exemplo do posicionamento de Olívia, “nunca brincou de mamãe e filhinho? Que intrigante! — ela refletiu em voz alta” (LEITE, 2010, p. 21). Por certo, há uma tendência natural de corporificação baseada somente na heterossexualidade, e como foi assegurado pelo estudo de Eribon (2008), a masculinidade está condicionada ao falo heterossexual e viril.

Portanto, a representação homoparental e homossexual aponta para um desvio, incluindo o posicionamento de Olívia, quando por meio da brincadeira, contempla uma reflexão pensada na ideia de heterossexualização.

Então Olívia escolheu outra boneca, uma de que gostava menos, e a entregou para o pai.  
— E você vai ser esta daqui, papai! E o seu nome vai ser Pat. Tá bom, Pat? (LEITE, 2010, p. 17-8).

Com isso, depreende-se que, para além da ideia de heterossexualização, a brincadeira serve de instrumento didático no fragmento, fazendo com que a linguagem tenha o caráter de repelir qualquer juízo de valor condenatório acerca da orientação sexual, ao buscar compreender o gênero a partir das bonecas, cujo olhar tem a intenção da descontinuidade impositiva da heterossexualidade.

Implicitamente, o fragmento traz uma representação da identidade de gênero, uma vez que o papai passou a ser a boneca de nome Pat, de acordo com o pedido de Olívia, subtendendo-se um olhar atento para as questões de ordem LGBT.

O texto buscou romper com o padrão hegemônico, a considerar as falas de Olívia, papai Luís e papai Raul, corroborando com o discurso LGBT que indica naturalidade, mesmo diante do interrogatório de Olívia, que não foram poucos, como por exemplo, “— Será que uma filha que tem mamãe pode se pintar com a maquiagem dela?” (LEITE, 2010, p. 38).

Lendo o texto literário de Marcia Leite (2010), pela perspectiva dos estudos de gênero, a personagem Olívia incita uma reflexão que remete ao estereótipo sexual, em uma referência clara à liberdade de orientação sexual.

Amossy e Pierrot (2022) explicam que o estereótipo considera elementos específicos do cotidiano social, para se opor a uma visão negativa da sociedade. Seguindo esse raciocínio, a protagonista contesta, rompe padrões hegemônicos, no modo como conduz o diálogo com a sociedade.

O diálogo entre Olívia e papai Raul figura como alinhamento fugitivo da esfera cisheteropatriarcal, pela possibilidade interpretativa do papai Raul exercer uma nova identidade na brincadeira proposta por Olívia.

Para Candido (2004, p. 187),

A partir do período romântico a narrativa desenvolveu cada vez mais o lado social, como aconteceu no Naturalismo, que timbrou em tomar como personagens centrais o operário, o camponês, o pequeno artesão, o desvalido, a prostituta, o discriminado em geral.

Percebe-se, assim, uma condição de militância e didatismo na obra de Márcia Leite (2010), por ela ser um instrumento pelo qual se pode discutir orientação sexual e adoção homoparental, sem deixar de lado a crítica social que envolve o assunto, pois, como menciona Trevisan (2018), a sexualidade humana está em constante (re)afirmação e negação.

A obra também apresenta como é a vida de Olívia, nesta estrutura familiar, desmistificando o pensamento que acentua o cuidado da prole ao gênero feminino.

- Papai Luís? — ela perguntou, já pensando em outro assunto.
- Não fale de boca cheia, Olívia, eu já disse que é muito feio — o pai repreendeu.
- Será que uma filha que tem mamãe pode se pintar com a maquiagem dela? Será que a mãe deixa a filha usar seus perfumes? Será que empresta o sapato de salto alto pra filha brincar? — a menina perguntou, depois de engolir o sanduíche.
- Não sei, queridinha. Acho que sim... As filhas gostam muito dessas brincadeiras, não é, Olívia? — papai Luís estava realmente surpreso com essa descoberta.
- As filhas acham indispensáveis brincar com essas coisas, papai! Por acaso você se esqueceu que as filhas são mulheres meninas? (LEITE, 2010, p. 38-9).

Em síntese, a obra apresenta um comportamento paternal disruptivo, quando dá ênfase ao “sapato feminino”, por tentar associar ou esperar que o pai homossexual queira usar “sapato de salto alto”, mostrando por meio dessa fala de Olívia, a estereotipia dos corpos que estão no limbo da travestilidade e da transexualidade.

Partindo da argumentação de Olívia, o que o papai classifica como descoberta, de acordo com Facco (2009), é fixidez da masculinidade hegemônica. Nessa perspectiva, testifico que a obra fez articulações de diferentes níveis sobre o poder coercitivo acerca da população LGBT, como viu-se continuamente nas falas de Olívia.

A protagonista chegou a reproduzir situações do cotidiano, dentro de uma narrativa que soa, em alguns momentos, incoerente, ao oscilar entre o carinho, o respeito e o lugar de degradação social da homoparentalidade. Essa construção literária é o que Colomer (2017, p. 293) chama de “adequação à competência do leitor”. Nesse sentido, de acordo com Colomer (2017, p. 193), “os livros infantis e juvenis costumam ter muito presentes seus destinatários ajustando seus recursos ao que a experiência social considera adequado para umas ou outras idades”.

Desse modo, os embates hegemônicos vão sendo desmascarados, enquanto categoria heterogênea, seja quando se coloca contra a cultura dominante, ou quando não efeminiza papai Luís. A estória vai inserindo todos os membros da constelação familiar, fazendo questão de mostrar que existe aceitação por todos os membros das famílias de papai Luís e papai Raul, a considerar mais um trecho de Leite (2010, p. 23).

- Desculpe, e com as bonecas também! — ele concordou.
- E com a vovó Ângela e a vovó Beth e o vovô Paulo. E com o tio Roberto e a tia Carla — a menina acrescentou.
- Sim. Com todos eles também, Olívia. Uma família de verdade!

A homoparentalidade está inserida dentro de um eixo social e político, implicando numa série de preconceitos, mesmo diante dos avanços adquiridos pela militância (LIMA, 2017; MACHIN, 2016). Aqui vale a pena fazer uma afirmação, a estratégia da obra foi a de delinear o reacionário, como maneira de contrapor à discriminação, ao ponto de Olívia afirmar: “uma família de verdade!” LEITE, 2010, p. 23).

Assim, a obra contribui para uma representação de igualdade, humanização, afirmação homoparental e amor. Isso ocorre quando Olívia expressa admiração por seus dois papais, consoante trecho da obra de Leite (2010, p. 41), “tanto, tanto, que nunca era capaz de decidir com qual dos dois iria se casar quando crescesse”. Além disso, essa afirmação da protagonista é também um didatismo, pois sua formação psíquica não está sendo afetada pela convivência com dois papais.

No caso da humanização,

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2004, p. 182).

Na produção de Leite (2010), a humanização ocorre pelas lentes da contracultura, tendo em vista o processo decorrido de adoção por um casal *gay*, em que a protagonista resgata os efeitos da cultura cisheteropatriarcal, para mostrar que a mulher permanece associada aos cuidados da prole, numa clara visão consciente de ruptura transgressiva.

A obra tens a intencionalidade de mostrar que não há nada de anômalo na família de Olívia. Os novos arranjos familiares, incluindo a família da protagonista, não é uma excepcionalidade ficcional, de modo que grande parte das falas das personagens operam a favor da desconstrução homofóbica.

A vaidade ou preocupação feminina da protagonista só vem a reforçar o didatismo do tema explorado pela narrativa, já que, por meio de sua voz, fica registrado que não houve desvirtuamento sexual.

Temos visto que os valores transmitidos pela literatura infantil e juvenil atual derivam das mudanças produzidas no consenso social sobre as crenças e condutas apropriadas, e também que a descrição social presente nos livros se ajustou ao modo de ser - e de querer ser - das sociedades modernas (COLOMER, 2017, p. 210).

Na mesma linha argumentativa de Colomer (2017), a representação das incompatibilidades sociais têm um lugar de destaque na literatura infantojuvenil. O trecho que segue evidencia isso.

— O Lucas é muito bobo, papai, ele gosta de me provocar, dizendo que eu não tenho mãe.  
— E você fica triste? — o pai perguntou, preocupado.  
— Claro que eu fico. Por que ele também não provoca a Isabela e o Tadeu dizendo que eles não têm pai? Isso não é justo! — ela exclamou, contrariada (LEITE, 2010, p. 37).

O relato de Olívia contribui para que o leitor acompanhe a opressão sofrida pela menina. Porém, para além das opressões vividas por ela, o didatismo clarifica-se através do diálogo entre a personagem principal e papai Luís, tendo como ponto de partida a preocupação paternal. Essa afirmação ratifica-se quando papai Luís diz que “cada família é de um jeito... E o Lucas só conhece um tipo de família — o pai explicou” (LEITE, 2010, p. 37).

Na perspectiva cisheteropatriarcal, o heterossexual pode despejar seu ódio ao homossexual, tentando mostrar que a heterossexualidade é livre do “pecado”. Nesse sentido, o fragmento que incita a reflexão cumpre a função didática, ao apresentar, com naturalidade, diferentes constelações familiares, sendo a homoparental uma delas, fazendo com que o tema seja tratado sem perder de vista o contexto homofóbico brasileiro.

Beauvoir (2016) salienta que a literatura sempre buscou mostrar o lado masculino como prevalecente. Portanto, quando olho para a narrativa de Márcia Leite (2010), constata-se o caráter transgressivo no momento em que a escrita

deixou de ser desenvolvida por um homem, ao tempo que traz para o debate um tema LGBT, rompendo com o modelo universal da família matrimonial, ao esculpir a representação da família homoparental numa obra literária, configurando um didatismo, seja pela particular visibilidade, (possibilidade) de outros arranjos familiares, como pela inexistência de um herói salvador do gênero feminino, a considerar o clássico exemplo de *Chapeuzinho Vermelho* (1697), que o caçador é o grande herói da narrativa, imputando a protagonista o papel de (co)dependência, inclusive sexual.

Nessa concepção, o didatismo da obra foi construído intencionalmente nos discursos de Olívia, pois seus questionamentos mostram elementos de como essas representações homofóbicas se configuram no mundo real. Dessa forma, interpretando a obra por meio das falas das personagens, observou-se uma crítica aos laços hegemônicos, particularmente, quando se refere aos diferentes arranjos familiares, o que implica em uma descrição didática da homoparentalidade, que ao mesmo tempo estimula a emancipação feminina, conforme pode ser observado pelo fragmento de Leite (2010, p. 18), “você não sabe que está super na moda andar por aí sem calcinha e sem sapatos?”.

A questão do didatismo provém da condição de reflexão sobre o preconceito para justificar diferentes modos de liberdade, ressaltando as injustiças e crueldades da violência homofóbica sofrida pela protagonista, evidenciando o grau de marginalização social da homoparentalidade, como forma de promover o debate didático.

Por fim, há um ponto de confluência entre as personagens protagonistas das quatro obras literárias analisadas nesta dissertação, a destacar o espaço escolar como lugar de violência para pessoas LGBT, fato que remete ao cenário homotransfóbico brasileiro, permitindo registrar mais uma vez a preocupação narrativa com os elementos didáticos para o processo de humanização, como representado ficcionalmente nas falas das personagens.

## (DES)COLORINDO ALGUMAS REFLEXÕES CONCLUSIVAS

*Quero a utopia, quero tudo e mais  
Quero a felicidade dos olhos de um pai  
Quero a alegria muita gente feliz  
Quero que a justiça reine em meu país  
Quero a liberdade, quero o vinho e o pão  
Quero ser amizade, quero amor, prazer  
Quero nossa cidade sempre ensolarada  
Os meninos e o povo no poder, eu quero ver*

*São José da Costa Rica, coração civil  
Me inspire no meu sonho de amor Brasil  
Se o poeta é o que sonha o que vai ser real  
Bom sonhar coisas boas que o homem faz  
E esperar pelos frutos no quintal*

*Sem polícia, nem a milícia, nem feitiço, cadê poder?  
Viva a preguiça, viva a malícia que só a gente é que sabe ter  
Assim dizendo a minha utopia eu vou levando a vida  
Eu viver bem melhor  
Doido pra ver o meu sonho teimoso, um dia se realizar  
**(Coração Civil, Milton Nascimento).***

Intencionalmente, (des)colori algumas reflexões conclusivas com a música de Milton Nascimento, *Coração Civil* (1981), desejoso “que a justiça reine em [meu] país”. E que essa mesma justiça alcance os homotransfóbicos e permaneça o expoente da liberdade literária no Brasil, pois não podemos esquecer de episódios como o da *Bienal do Livro* (2019), em que a justiça sabiamente deu causa ganha para o escritor de uma história em quadrinho (HQ), cuja capa estampava um beijo gay.

Que todos os sujeitos atravessados por esta pesquisa tenham “amizade, amor, prazer”, pois em tempos tão difíceis, as narrativas literárias caucionam a liberdade apagada ou silenciada pelo cisheteropatriarcado. Neste sentido, é válido notar que as obras literárias analisadas ratificam a liberdade de orientação sexual e identidades de gênero, inserindo de maneira didática o cisheteropatriarcado, o que acaba colaborando para uma visão plural sobre o tema das sexualidades dissidentes, em que pode-se notar nas falas das personagens o grau de consciência sobre a subalternização dos corpos dissidentes.

Posto isso, justifico o corpus da pesquisa, pensando no entrecruzamento literatura versus didatismo, garantindo por meio das reflexões uma quebra da cristalização hegemônica, já que as quatro obras estão empenhadas com o tema da diversidade de gênero.

A investigação ora realizada constatou que o didatismo é uma realidade presente nas quatro narrativas analisadas, estabelecendo um processo de reflexão educativa, a destacar a abordagem das sexualidades não-heterossexuais e o seu lugar na sociedade cisheteropatriarcal, caracterizando uma (re)orientação sobre um assunto contemporaneamente tempestuoso.

E diante dos incômodos suscitados por esta dissertação, trabalhei com registros homoafetivos, iniciando minha grafia pelo Brasil, século XVII, avançando para a Inglaterra, século XIX. O mapeamento permitiu uma radiografia da imposição da virilidade masculina, com destaque para o caso brasileiro. Essa paridade também ocorre entre os escritores Gregório de Matos Guerra, alcunha de “Boca do Inferno” ou “Boca de Brasa” e o inglês Oscar Wilde.

Ainda procurei traçar um possível vanguardismo literário brasileiro de temática LGBT, que se destina ao público adulto, pensando no alcance da literatura infantojuvenil de natureza LGBT. Isso serviu para mostrar que a literatura de temática LGBT que se destina ao público adulto, abriu caminho para as narrativas infantojuvenis. Observei também que a discussão infantojuvenil é nova, revelando um apanhado histórico parcial na seção 3.1, a levar em consideração os registros encontrados, sendo apresentado apenas o pioneirismo lésbico com suas diferentes particularidades, transexualidade e homoparentalidade infantojuvenil.

Tentei destrinchar a cultura cisheteropatriarcal e o didatismo à luz de teóricos como Antonio Candido (2004), Berenice Bento (2017), Didier Eribon (2008), Guacira Lopes Louro (2018), James Naylor Green (2000), Michel Foucault (2019), Teresa Colomer (2017) reconhecendo que as falas das personagens, de modo geral apresentaram um caráter disruptivo de corpo, orientação sexual, identidades de gênero e homoparentalidade, cuja crítica é contundente, expressando um rompimento com a cultura cisheteropatriarcal brasileira. Com isso, consegui mostrar que existe uma consciência transgressiva dentro da literatura de temática LGBT, incluindo a infantojuvenil.

Para compreender o didatismo, as falas das personagens me serviram de categoria de análise, cujo debate é atravessado pelos estudos de gênero. Ao passo que a cultura cisheteropatriarcal permanece enraizada no Brasil.

1. Em *Flor e Rosa: uma história de amor entre iguais* (2011). Rosa personagem protagonista era constantemente hostilizada por ter uma aparência masculina, o que caracteriza uma desvalorização da homossexualidade feminina. Essa

falta de sensibilização de algumas personagens, revela as multiplicidades da violência lesbofóbica, ao pensar no cotidiano de Rosa, em cuja sociedade impera o machismo. Talvez isso explique a metáfora do “armário”, mostrando de maneira enfática uma crítica ao preconceito lesbofóbico.

2. Nesse mesmo percurso, aparece o fracasso de um namoro heterossexual, movido por uma paixão homossexual ou bissexual em *O Amor não escolhe sexo* (2010), cujo destaque é Marco Aurélio. O personagem carrega um sentimento de culpa, negação da homossexualidade ou bissexualidade, embora o protagonista tenha tentado “sair do armário”, ainda que sem nenhum sucesso. Os conflitos vividos por Marco Aurélio reforçam uma proximidade com a realidade dos homossexuais e bissexuais brasileiros, caracterizando a denúncia como o didatismo através dos exemplos de violência homofóbica descrito na obra, a começar pela cólera do núcleo familiar do protagonista.
3. Dudu, envolto pela magia e pela dualidade travesti e transexual, demonstra a violência trans infantil em *O menino que brincava de ser* (2000), inserindo o debate da identidade de gênero capacitista, como da fantasia típica da infância, uma vez que a obra estabelece dupla interpretação.
4. O universo da protagonista em *Olívia tem dois papais* (2010) espelha os mesmos ruídos, em que a homofobia se replica com bastante clareza no espaço escolar, considerando o próprio narrar de Olívia, uma maneira de chamar atenção para os avanços da luta da mulher, ao passo que insere falas do mundo adulto através da boca de uma criança de gênero feminino.
5. As personagens principais são atravessadas pelo preconceito, exceto Flor, que apresenta traços desassociados da lesbianidade, encaixando-se no modelo cisheteropatriarcal admitido socialmente para os corpos lésbicos, um olhar cujo eixo estaria centrado na representação do corpo e orientação sexual, o que implica em considerar que existe outras formas de representação da lesbianidade e orientação sexual desviante.

A violência LGBTfóbica é uma realidade visível, embora ignorada socialmente (PERES, 2015). E, mesmo diante das denúncias, é possível perceber que as sexualidades dissidentes permanecem na fronteira do escárnio social, havendo uma predileção visível pela cisheteronorma.

A dissertação constituiu-se de reflexões sobre orientação sexual, identidade de gênero e suas idiosincrasias no corpus selecionado, trazendo os pontos didáticos à luz interpretativa de Durão (2020). Nesta perspectiva, os estudos de gênero foram acionados, como forma de sustentação crítica, para mostrar que a literatura acompanha as metamorfoses sociais de sua época.

Também não é novidade ressaltar que existe uma forte consonância com a maioria das personagens protagonistas e os dados estatísticos da violência LGBT brasileira, colidindo com a desaprovação social e subalternização dos corpos LGBT. Dessa forma, através da dissertação propus uma reflexão da cultura cisheteropatriarcal por meio da materialidade linguística dos textos, de maneira que o didatismo possa também ser visto nas obras literárias, pois ele acaba por mostrar o caminho reflexivo do tema explorado.

Evidentemente, à luz das considerações tecidas, apontaram-se os elementos cisheteropatriarcais mostrados de modo didático, com destaque para o próprio movimento de (re)ação das falas das personagens, o que acaba por contribuir para uma discussão interdisciplinar de corpo, sexo, sexualidade, identidade de gênero e homoparentalidade na literatura infantojuvenil brasileira.

A constelação contrassexual é uma realidade pungente, portanto apresentei fragmentos de toda extensão do corpus, buscando discuti-los por meio da teoria dos estudos de gênero, mostrando o nível fronteiro das sexualidades dissidentes frente ao cisheteropatriarcado brasileiro, ao passo que evidenciou-se o didatismo do corpus analisado, tendo sido possível relacionar os resultados interpretativos com diferentes áreas do saber, em que estabeleceu-se um diálogo reflexivo do tema LGBT.

Bastos (2020) argumenta que as sexualidades dissidentes estão cada vez mais presentes na literatura. E dentro desta visão, é possível afirmar que existe uma mudança de postura, ainda que lentamente, a considerar o nível de compreensão e diversidade literária.

Além da temática aqui examinada, o conjunto da investigação mostrou-se, assim, imbricado pelos marcadores de raça, e com um olhar mais específico em personagens LGBT, que não foi desenvolvido na pesquisa por não fazer parte da proposta apresentada, porém chamo atenção do(a) leitor(a), pois a questão racial é bastante nítida em *Flor e Rosa: uma história de amor entre iguais* e em *Olívia tem*

*dois papais*. Nesse sentido, deixo como possibilidade de desenvolvimento para interessados(as) no assunto.

E não à toa, a música evocada no início desta seção fala de “sonhos”, sendo assim, entendo por meio da reflexão tecida ao longo desta dissertação, que os sonhos não se realizam sem o enfrentamento político, o que também ocorre no plano literário e crítico-literário, por isso a aposta na literatura de temática LGBT para estudar as transgressões sexuais com destaque para a fase infantojuvenil.

Assim...

*Vou, portanto, deixar brotar fora de mim o fogo ardente que ameaçava me consumir  
Vou levantar o que durante muito tempo sufocou o fogo que ardia sob as cinzas  
Vou dar a ele completa liberdade  
Vou escrever o poema-evangelho dos camaradas e do amor.  
(Walt Whitman, 1892).*

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AIRES, Marcele; SANTOS, João Vitor Xavier dos. A via-crúcis do corpos trans: do calvário à libertação em Primeira carta aos andróginos, de Aguinaldo Silva. **Letras**, Santa Maria, v. 29, n. 59, p. 15-31, jul/dez. 2019. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/37353>>. Acesso em: 17 abr. 2021.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Prefácio. In: SPIVAK, Gayatri Chakravorty (Org.). **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 7-17.
- AMOSSY, Ruth; PIERROT, Anne Herschberg. **Estereótipos e clichês**. Tradução de Alena Ciulla. São Paulo: Contexto, 2022.
- ANDRADE, Tales Castanho de. **Saudade**. 2. ed. Piracicaba: Jornal de Piracicaba, 1919.
- ARÉVALO, Alicia. **El devenir queer del cishetero-patriarcado: tecnologías de género y subjetividades a través de la construcción de un paradigma fuera de binomios**. 2020. 30 f. Trabajo de fin de grado (Departamento de Dibujo) – Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2020. Disponível em: < <https://eprints.ucm.es/id/eprint/62784/>>. Acesso em: 14 nov. 2022.
- ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- AZEVEDO, Aluísio Tancredo Gonçalves. **O Cortiço**. 33. ed. São Paulo: Ática, 1890. (Série Bom Livro).
- BASTOS, Marta Maria. A representação do corpo lésbico ou bissexual na literatura brasileira. **Mediação**, Pires do Rio, v. 15, n. 2, p. 57-67, jul/dez. 2020. Disponível em: < <https://www.praxia.ueg.br/index.php/mediacao/article/view/11292> >. Acesso em: 17 abr. 2021.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. (Coleção Sexualidade, Gênero e Sociedade).
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. 3. ed. Salvador, BA: Editora Devires, 2017.
- BRASIL. **Decreto nº 1.077, de 26 de janeiro de 1970**. Dispõe sobre a execução do artigo 153, § 8º, parte final, da Constituição da República Federativa do Brasil. Constituição de 1967, Brasília: Câmara dos Deputados, 1970.

BRITO, Benilda Regina Paiva de. **Flor e Rosa: uma história de amor entre iguais**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. (Coleção Sujeito e História).

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010. 16ª reimpressão. (Coleção Primeiros Passos).

CAMINHA, Adolfo. **Bom-Crioulo**. Rio de Janeiro: Artium Editora, 1997.

CANDIDO, Antonio (Org.). O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 2004, p.169-192.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017.

DIAS, Roberto Muniz. **Editoras LGBTTT brasileiras contemporâneas como registro de uma literatura homoafetiva**. 2013. 130 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: < <https://repositorio.unb.br/handle/10482/14171>>. Acesso em: 26 out. 2022.

DURÃO, Fabio Akcelrud. **Metodologia da pesquisa em literatura**. São Paulo: Parábola, 2020.

DUTRA, Cassio Casteli. **Homoparentalidade na literatura infantil: a visibilidade das novas famílias**. 2019. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Português e Espanhol) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019. Disponível em: < <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/14016> >. Acesso em: 5 jan. 2021.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Tradução de Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FACCO, Lúcia. **Era uma vez um casal diferente: a temática homossexual na educação literária infanto-juvenil**. São Paulo: Summus, 2009.

FARIAS, Denis Alves. Proposta literária e estética da recepção: da paraliteratura aos cânones. **Revista Eixo**, Brasília, v. 7, n. 3, p. 217-226, jul/dez. 2018. Disponível em: < <http://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/RevistaEixo/article/view/532/372> >. Acesso em: 17 abr. 2020.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). Interdisciplinaridade-transdisciplinaridade: visões culturais e epistemológicas. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **O que é interdisciplinaridade?** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013, p. 21-32.

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. A narrativa homoerótica e o cânone no Brasil: relações possíveis. In: IV SEMINÁRIO NACIONAL DE PSICOLOGIA E CRÍTICA DA CULTURA, 2014, Campina Grande. **Anais...** Campina Grande: Editora Realize, 2014. p. 1-10.

\_\_\_\_\_. **Configurações do desejo homoerótico na contística brasileira do século XX.** 2012. 201 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2012. Disponível em: < <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/2588> >. Acesso em: 17 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. Migrantes e exiladas: personagens travestis na literatura brasileira do século XX. *In*: XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES, 2016, Campina Grande. **Anais...** Campina Grande: Editora Realize, 2016b. p. 1-11.

\_\_\_\_\_. **Um percurso pelas configurações do corpo de personagens travestis em narrativas brasileiras do século XX: 1960-1980.** 2016. 179 f. Tese (Doutorado em Letras) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9301>>. Acesso em: 17 abr. 2021.

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque; SCHNEIDER, Liane. Personagens travestis, exílio e subalternidade na literatura brasileira. **Palimpsesto – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 15, n. 22, p. 156-171, jan/jun. 2016. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/35001> >. Acesso em: 17 abr. 2021.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2019a.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 1:** a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019b. (Coleção Biblioteca de Filosofia).

FRANÇA, Elisete Santana da Cruz. **Saindo do “armário”, quantas portas se abrem/fecham? As sexualidades na escola e na formação docente.** 2011. 120 f. Dissertação (Mestrado em Crítica Cultural) – Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, 2011. Disponível em: < <http://www.poscritica.uneb.br/wp-content/uploads/2017/07/elisete-santana.pdf> >. Acesso em: 8 jun. 2017.

FREIRE, Junqueira. A um moçoilo. *In*: MACHADO, Amanda; MOURA, Marina (Org.). **Poesia gay brasileira:** antologia. Belo Horizonte: Editora Machado, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

GOMES, Márcia. Gênero, família e literatura infantil: homoafetividade em ‘O menino que brincava de ser’, de Georgina da Costa Martins. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 7, n. 1, p. 7-21, jan/mar. 2021. Disponível em: < <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/35130> >. Acesso em: 28 set. 2022.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval.** A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Tradução de Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

HOLANDA, Ismênia de Oliveira. **Escrever para si, escrever sobre si: a literatura lésbica entre o virtual e o impresso**. 2015. 98 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/39322>>. Acesso em: 17 abr. 2021.

JAEGER, Melissa Bittencourt *et al.* Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos. **Revista Periódicus**, v. 2, n. 11, p. 1-16, maio/out. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/28011>>. Acesso em: 28 dez. 2021.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2. ed. Brasília: Revista e Ampliada, 2012.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

JULIÃO, Helena Vicentini; DUTRA, Nayara Hakime. Divisão sexual do trabalho: para além do gênero e do patriarcado. **Temporalis**, v. 20, n. 40, p. 201-214, jul/dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/31523>>. Acesso em: 6 set. 2022.

JUNGES, Mariana Pozzi. **As articulações da cisheteronorma na privação de liberdade de meninas infratoras**. 2019. 105 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/204905>>. Acesso em: 16 nov. 2022.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogia do armário: a normatividade em ação. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 7, n. 13, p. 481-498, jul/dez. 2013. Disponível em: <<http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/320>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

KORICH, Hanna; BACELLAR, Laura. Os livros da Malagueta. **Brejeira Malagueta**, São Paulo, s/p, 1 jan. c2018. Disponível em: <<https://editoramalagueta.com.br/os-livros-da-malagueta/>>. Acesso em: 2 jun. 2021.

KOTHE, Flávio R. **O cânone colonial**. São Paulo: Editora Cajuína, 2020.

\_\_\_\_\_. **O cânone imperial**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

LEIS, Héctor Ricardo. Sobre o conceito de interdisciplinaridade. **Cadernos de pesquisa interdisciplinar em ciências humanas**, Florianópolis, v. 6, n. 73, p. 2-23, ago. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/2176>>. Acesso em: 24 set. 2021.

LEITE, Fernanda Capibaribe. Corpos em cena e trânsito: sujeitos em devir na filmografia de Cláudia Priscila. In: COLLING, Leandro. (Org.). **Dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 153-75.

LEITE, Letticia Batista Rodrigues. Safo de Lesbos: Ícone lésbico? *In: 13º MUNDOS DE MULHERES & FAZENDO GÊNERO 11, TRANSFORMAÇÕES, CONEXÕES, DESLOCAMENTOS*, 2017, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Anais Eletrônicos, 2017. p. 1-8.

LEITE, Márcia. **Olívia tem dois papais**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

LIMA, Sara Regina de Oliveira. **Narrativas coloridas: sexualidade e gênero em literaturas infantojuvenis estadunidenses**. 2017. 105 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufpi.br/xmlui/handle/123456789/1401>>. Acesso em: 12 jun. 2020.

LOBATO, Monteiro. **Narizinho arrebitado**. São Paulo: Revista do Brasil, 1921.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MACHADO, Vitória de Almeida. Dominante e subversiva: a literatura na ditadura de Getúlio Vargas (1937-1945). **Locus: Revista de História**, Juiz de Fora, v. 27, n. 1, p. 450-454, maio. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/issue/view/1544>>. Acesso em: 1 jun. 2021.

MACHIN, Rosana. Homoparentalidade e adoção: (re)afirmando seu lugar como família. **Psicologia & Sociedade**, v. 28, n. 2, p. 350-359, maio/ago. 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n2p350>>. Acesso em: 28 jan. 2022.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. A grande atração. *In: DAMATA, Gasparino (Org.). Histórias do amor maldito*. Rio de Janeiro: Record, 1967, p. 202-211.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. Tradução de Adail Sobral. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. 2ª reimpressão.

MARANHÃO. **Regulamentos e outros autos da presidencia da Provincia do Maranhão de 1854 e 1855**. Maranhão: Typ. Constitucional de I. J. Ferreira, 1856.

MARTINS, Catarina Isabel Caldeira. Mulheres poderosas: gênero, raça, sexualidade, classe, nação e outras categorias nômadas na literatura contemporânea de mulheres africanas. *In: COLLING, Leandro. (Org.). Dissidências sexuais e de gênero* Salvador: EDUFBA, 2016, p. 177-91.

MARTINS, Georgina da Costa. **O menino que brincava de ser**. 4. ed. São Paulo: Editora DCL, 2000.

MARTINS, José Geovânio Buenos Aires *et al.* Enfrentamentos ao bullying homofóbico na escola: convite para uma reflexão. **Temporalidades**, v. 12, n. 1, p. 681-701, jan/abr. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/16376>>. Acesso em: 1 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. *et al.* Sexualidades e bullying homofóbico na escola. **Revista Intersaberes**, v. 14, n. 32, p. 445-472, maio/ago. 2019. Disponível em: <<https://www.uninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/1594>>. Acesso em: 1 jan. 2021.

MARTINS, José Geovânio Buenos Aires; GATTI, Márcio Antônio. Análise das personagens cardinais numa perspectiva androcêntrica em Flor e Rosa: uma história de amor entre iguais. *In*: I SEMINÁRIO DE ESTUDOS DA CONDIÇÃO HUMANA, 2021, Sorocaba. **Anais...** Sorocaba: SECHu-UFSCar, 2021. p. 32-42.

MATOS, Gregório de. **“Marinícolas”**: em poemas escolhidos. São Paulo: Cultrix, 1976.

MENDES, Neilson Silva; MAIA, Fernanda Nunes. Monteiro Lobato, racismo e literatura: narrativas de um eugenista. **Revista Espaço Livre**, v. 14, n. 28, p. 53-65, jul/dez. 2019. Disponível em: <<http://redelp.net/index.php/rel/article/view/204>>. Acesso em: 7 abr. 2023.

NICOLELIS, Giselda Laporta. **O Amor não escolhe sexo**. São Paulo: Porto de Ideias, 2010.

OLIVEIRA, Érika Cecília Soares. Histórias para descolonizar o pensamento. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, v. 29, p. 1-4, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/mTtZkjShQhJkrgg6CMPfxKn/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2021.

OLIVEIRA, Tânia Peres; LESSA, Patrícia. Famílias homoparentais: um estudo preliminar. **Revista Ártemis**, v. 11, n. 11, p. 158-67, dez. 2010. Disponível em: <<https://periodicos3.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/10697>>. Acesso em: 25 fev. 2022.

ORDENAÇÕES FILIPINAS. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1823.

PERES, William Siqueira. **Travestis brasileiras**: dos estigmas à cidadania. Curitiba: Juruá, 2015.

PIMENTEL, Renata. Dos corpos-epifanias ou corpos processo: o pós-gênero e o teatro de Copi. *In*: COLLING, Leandro. (Org.). **Dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 133-51.

PIRES, Eliane Cristine Raab. **Oscar Wilde**: a tragicidade da vida de um escritor. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança, 2005.

PRIORE, Mary del. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

RAMOS, Anna Claudia. Sempre por perto: um livro que fala sobre o amor, acima de tudo. **Blog Saber Digital**, [s.l.], [s.d.], 2016. Disponível em: <<http://annaclaudiaramos.com.br/arquivos/course/sempre-por-perto>>. Acesso em: 2 set. 2021.

RIOS, Cassandra. **A volúpia do pecado**. São Paulo: San Remo, 1948.

ROCHA, Sandro Aragão. **Homoerotismo e Cânone Literário: a subjetivação homoerótica na obra de Luís Capucho**. 2020. 98 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/16002>>. Acesso em: 17 abr. 2021.

ROSA, Eli Bruno do Prado Rocha. Cisheteronormatividade como instituição total. **Cadernos PET-Filosofia**, v. 18, n. 2, p. 59-103, ago. 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/petfilo/article/view/68171>>. Acesso em: 16 nov. 2022.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, v. 1, n. 28, p. 19-54, jan/jun. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/hWcQckryVj3MMbWsTF5pnqn/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 21 set. 2022.

SEFFRIN, André. In: MEIRELES, Cecília (Org.). **Problemas da literatura infantil**. 4. ed. São Paulo: Global, 2016, p. 9-85.

SILVA, Aguinaldo. **Primeira carta aos andróginos**. Rio de Janeiro: Pallas, 1975.

SILVA, Andressa dos Santos Xavier; BORGES, Luciana. A excêntrica homoafetividade: o apagamento de Cassandra Rios no campo literário brasileiro. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, v. 1, n. 2, p. 192-208, jan/mar. 2020. Disponível em: <<http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/view/2199>>. Acesso em: 17 abr. 2021.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. A história da literatura brasileira e a literatura gay: aspectos estéticos e políticos. **Leitura**, Maceió, v. 1, n. 49, p. 83-108, jan/jun. 2012. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/946>>. Acesso em: 17 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. A literatura brasileira de temática homoerótica e a escrita de si: literatura homoerótica e escritas de si. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 36, n. 1, p. 61-71, jan/mar. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/20568>>. Acesso em: 17 abr. 2021.

SILVA, Elder Luan dos Santos. A 'Ideologia de Gênero' no Brasil: conflitos, tensões e confusões terminológicas. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 10, p. 269-296, nov. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/27923>>. Acesso em: 5 jan. 2021.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009. 2ª reimpressão.

SILVA, Michael; SOUZA, Jamesson Buarque de. Representações do homoerotismo masculino em três tons: Junqueira Freire, Carlos Drummond de Andrade e Horácio Costa. **Itinerários – Revista de Literatura**, Araraquara, v. 1, n. 48, p. 183-201, jan/jun. 2019. Disponível em: <

<https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/12258>>. Acesso em: 17 abr. 2021.

SOUSA, Ana Lúcia de. **Sexualidade humana e preconceito: do silêncio ao controle das condutas sexuais**. 2012. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. Disponível em: < <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4656/1/arquivototal.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

SOUSA, Benedito Teixeira de. **Entre o pavor e o prazer: infância homoafetiva na literatura brasileira**. Curitiba: Appris, 2016.

SOUSA, Karol Jefessom Alves de. As diversas manifestações homofóbicas e suas consequências no cotidiano das minorias LGBT. **Revista Clóvis Moura de Humanidades**, Teresina, v. 2, n. 1, p. 27-44, 2016. Disponível em: < <https://revistacm.uespi.br/revista/index.php/revistaccmuespi/article/view/1>>. Acesso em: 14 jan. 2021.

SOUZA, Shirley. **Amor entre meninas**. São Paulo: Panda Books, 2006.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty (Org.). **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 18-46.

STEFANEL, Xandra. 'Joana Princesa': literatura infantojuvenil contra a transfobia. **Rede Brasil Atual (RBA)**, São Paulo, s/p, 19 maio. 2016. Disponível em: < <https://www.redebrasilatual.com.br/cultura/2016/05/joana-princesa-literatura-infantojuvenil-contra-a-transfobia-3816/> >. Acesso em: 2 set. 2021.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. Interdisciplinaridade: um novo olhar sobre as ciências. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **O que é interdisciplinaridade?** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013, p. 71-89.

ZERZAN, John Pessoa. Patriarcado, civilização e as origens do gênero. **Revista Gênero e Direito**, v. 1, n. 2, p. 1-11, jul/dez. 2010. Disponível em: < <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ged/article/view/9702>>. Acesso em: 16 jun. 2015.

ZILBERMAN, Regina. Sim, a literatura educa. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro (Org.). **Literatura e pedagogia: ponto e contraponto**. 2. ed. São Paulo: Global, 2008, p. 17-24.